

O TEMPLO DE SALOMÃO

A PRESENÇA DO PASSADO



Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

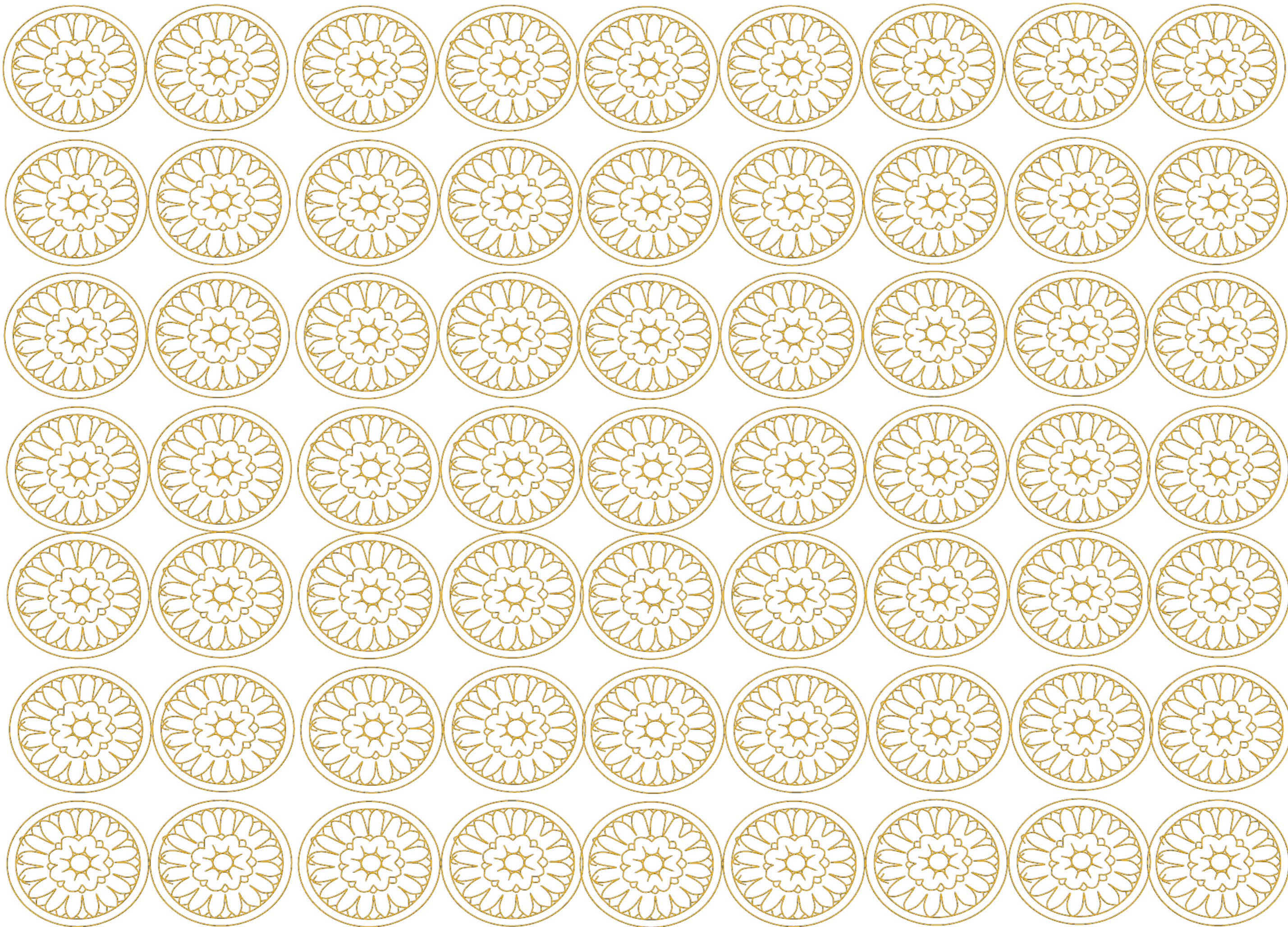
O TEMPLO DE SALOMÃO

A presença do passado

Lahayda Lohara Mamani Poma Dreger

Orientador : Guilherme Teixeira Wisnik

Agosto/2021
São Paulo - SP



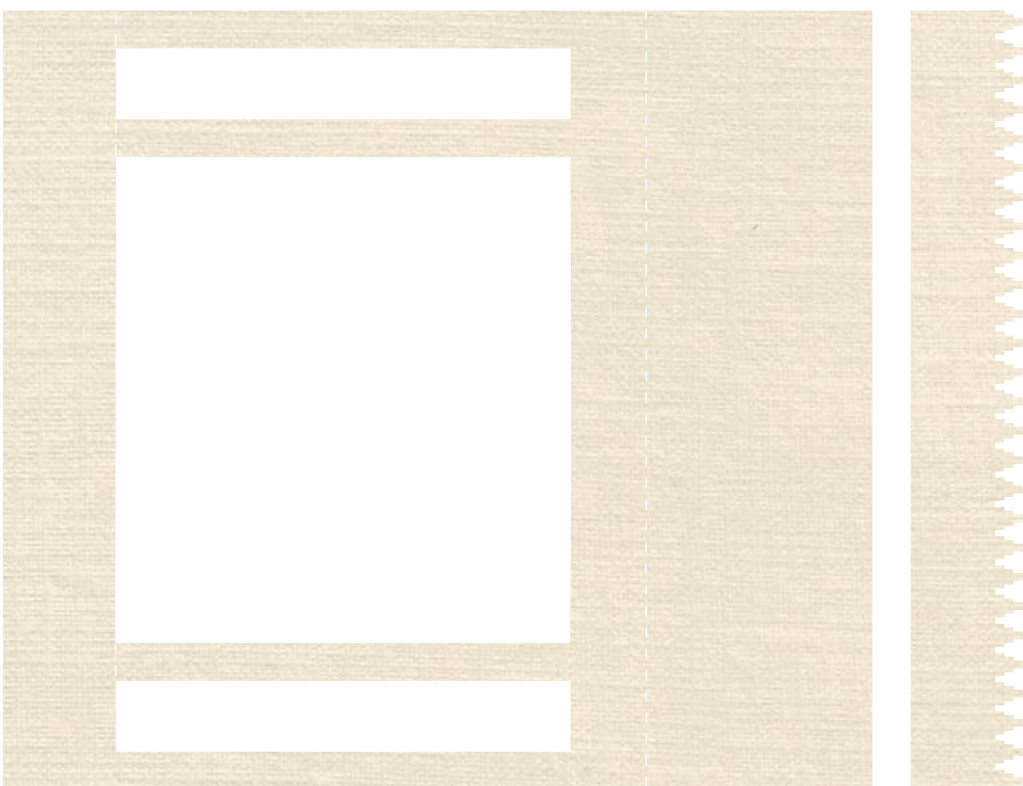
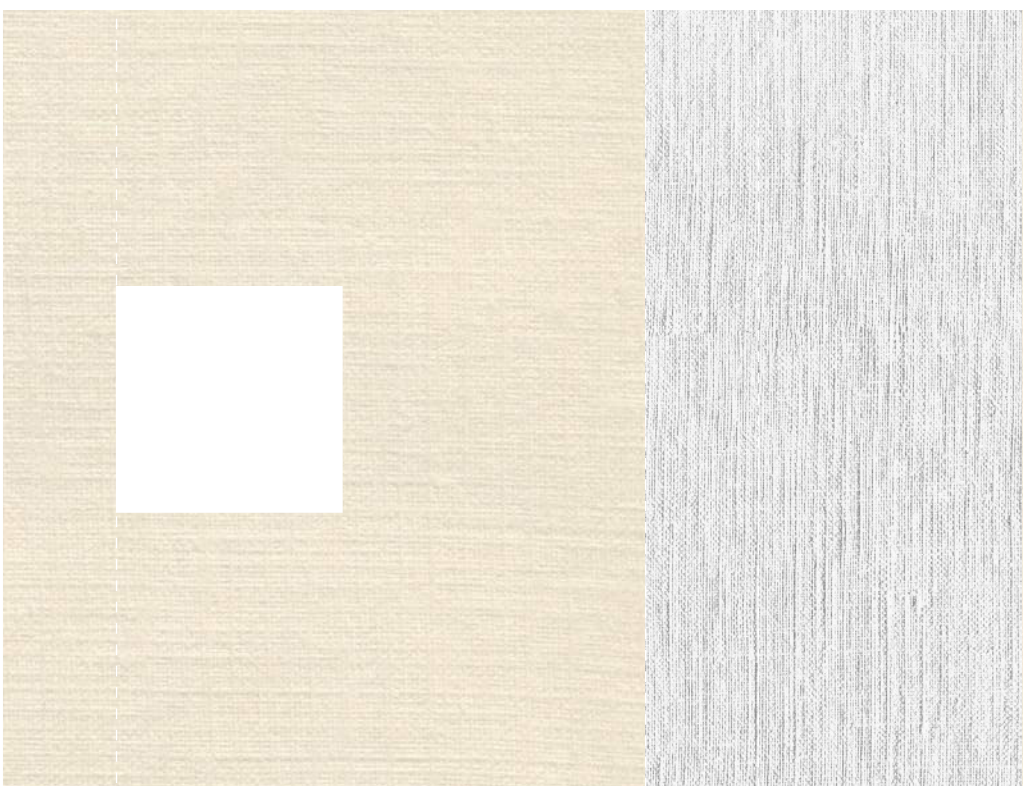
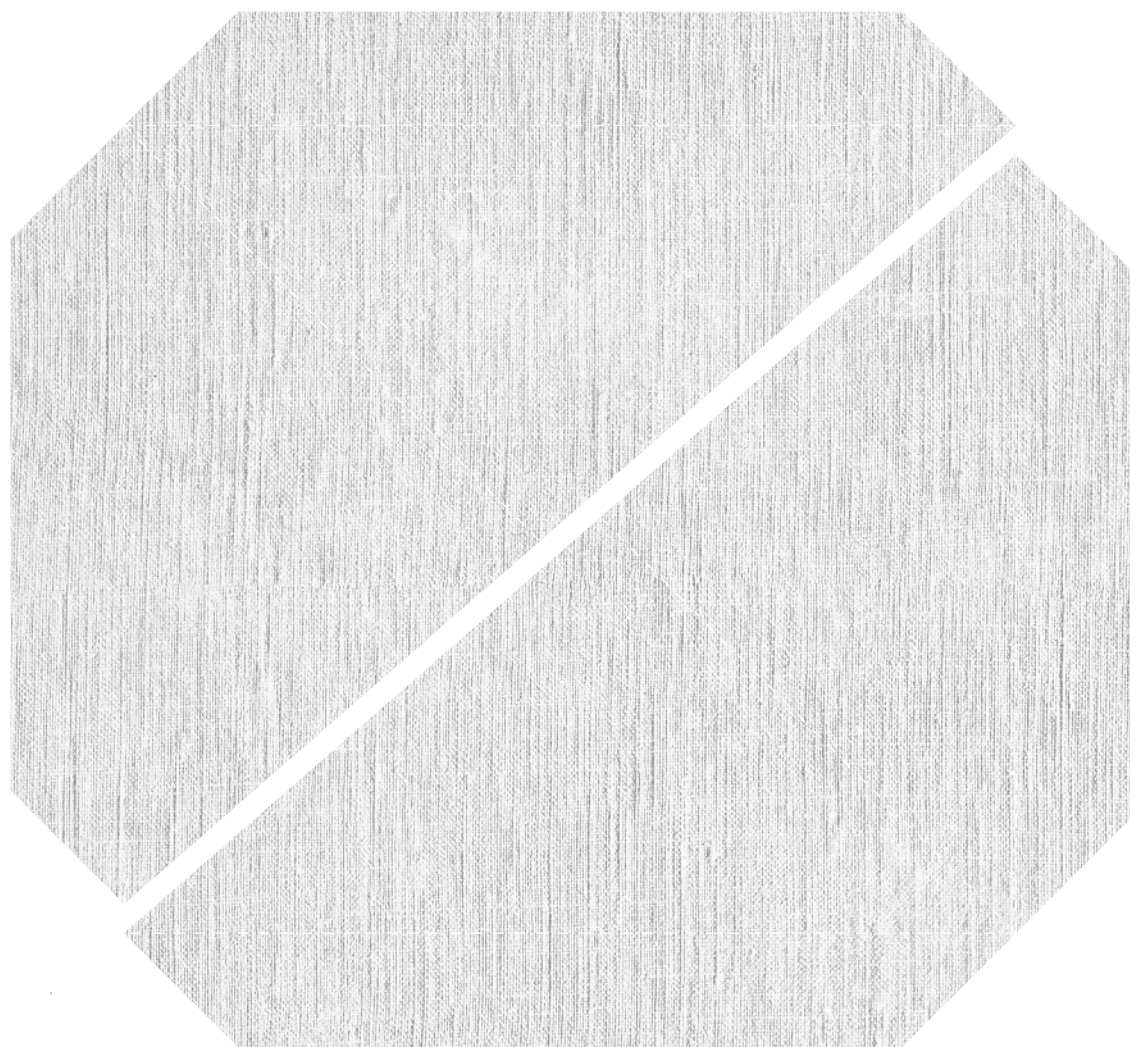
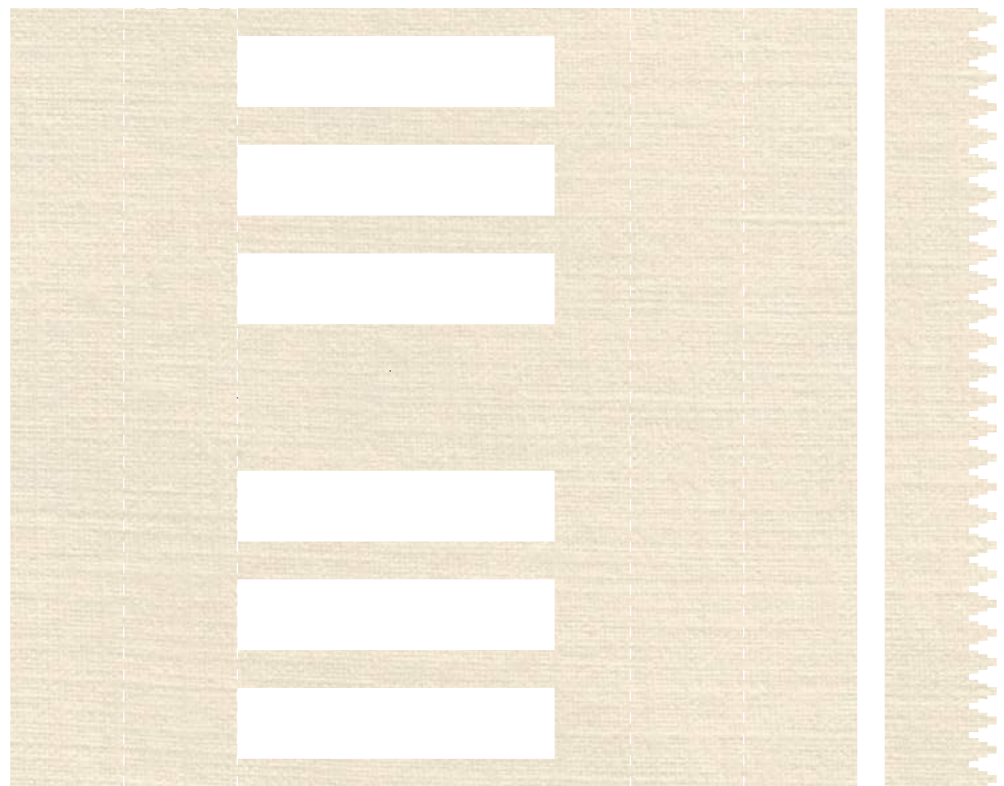
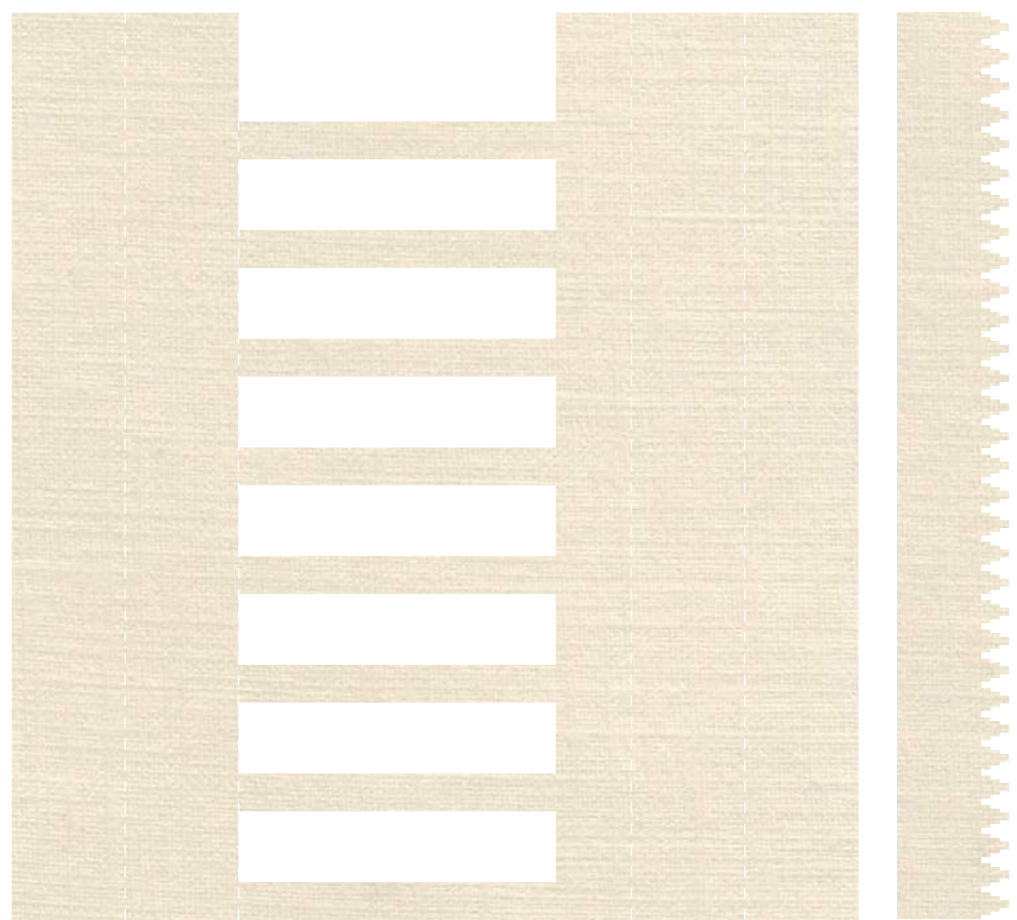
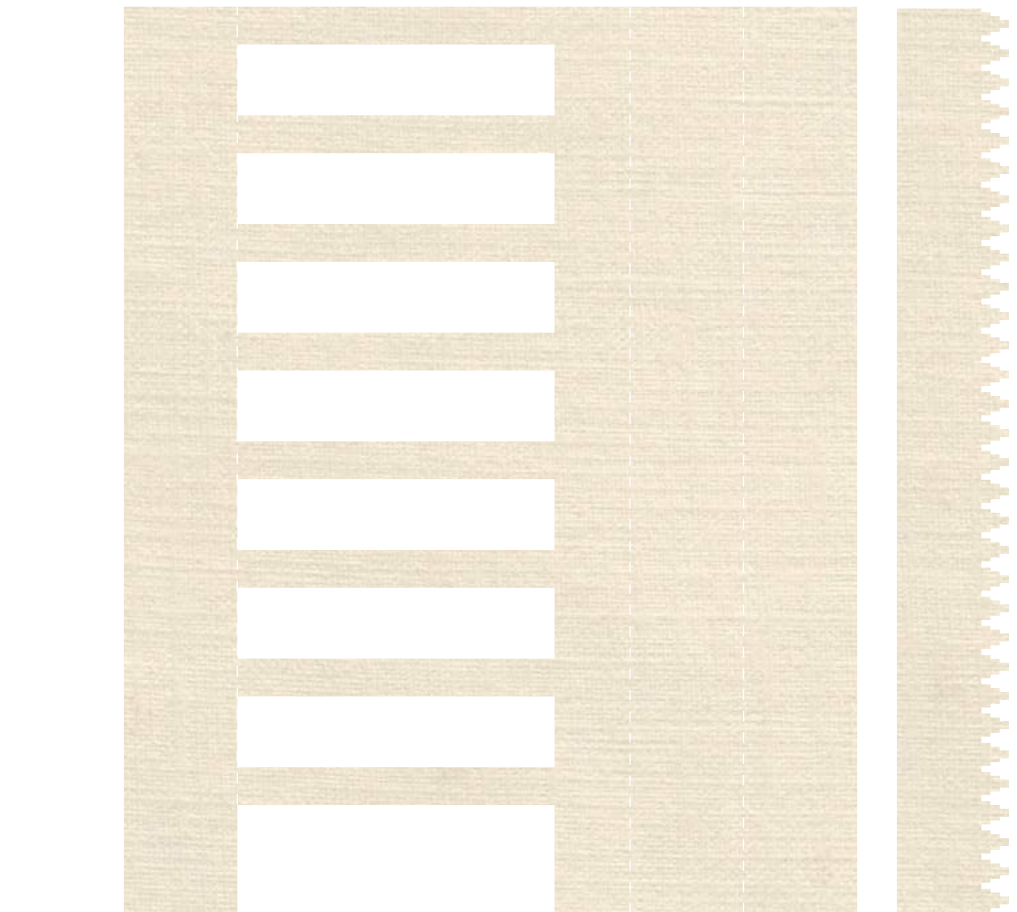
Dedicados a todos, porque a universidade é pública.
Salve, quebrada!

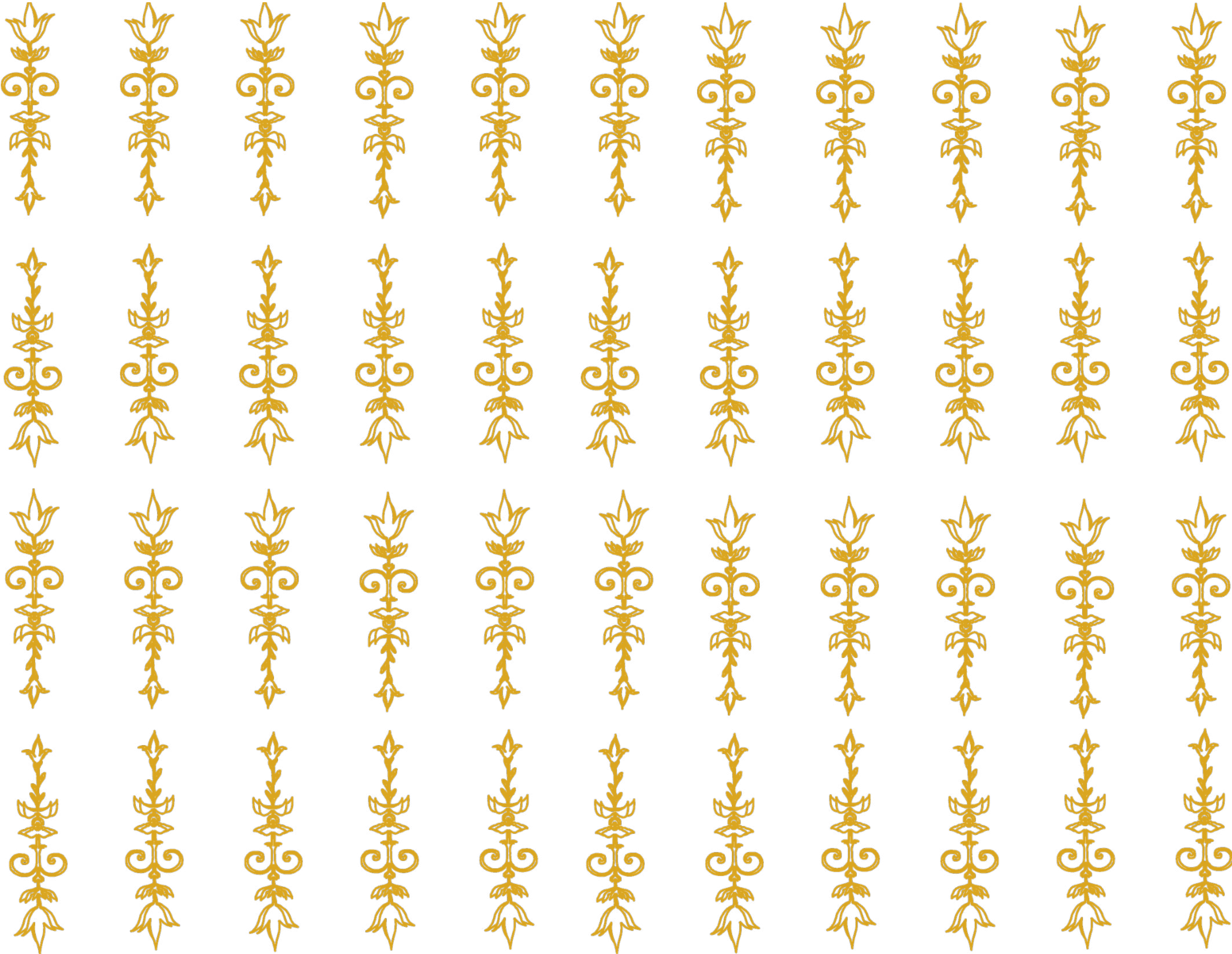


Ao lado da baleia boa, está o plástico inquieto do tubarão mau, ambos no mesmo nível de credibilidade, ambos no mesmo nível de falsificação. Assim, ao entrar em suas catedrais de tranquilidade de ícones, o visitante permanecerá incerto se o seu destino final será o inferno ou paraíso, e assim consumirá novas promessas.

Umberto Eco - A fé no Falso - Viagens em Hiper realidades, 1975.



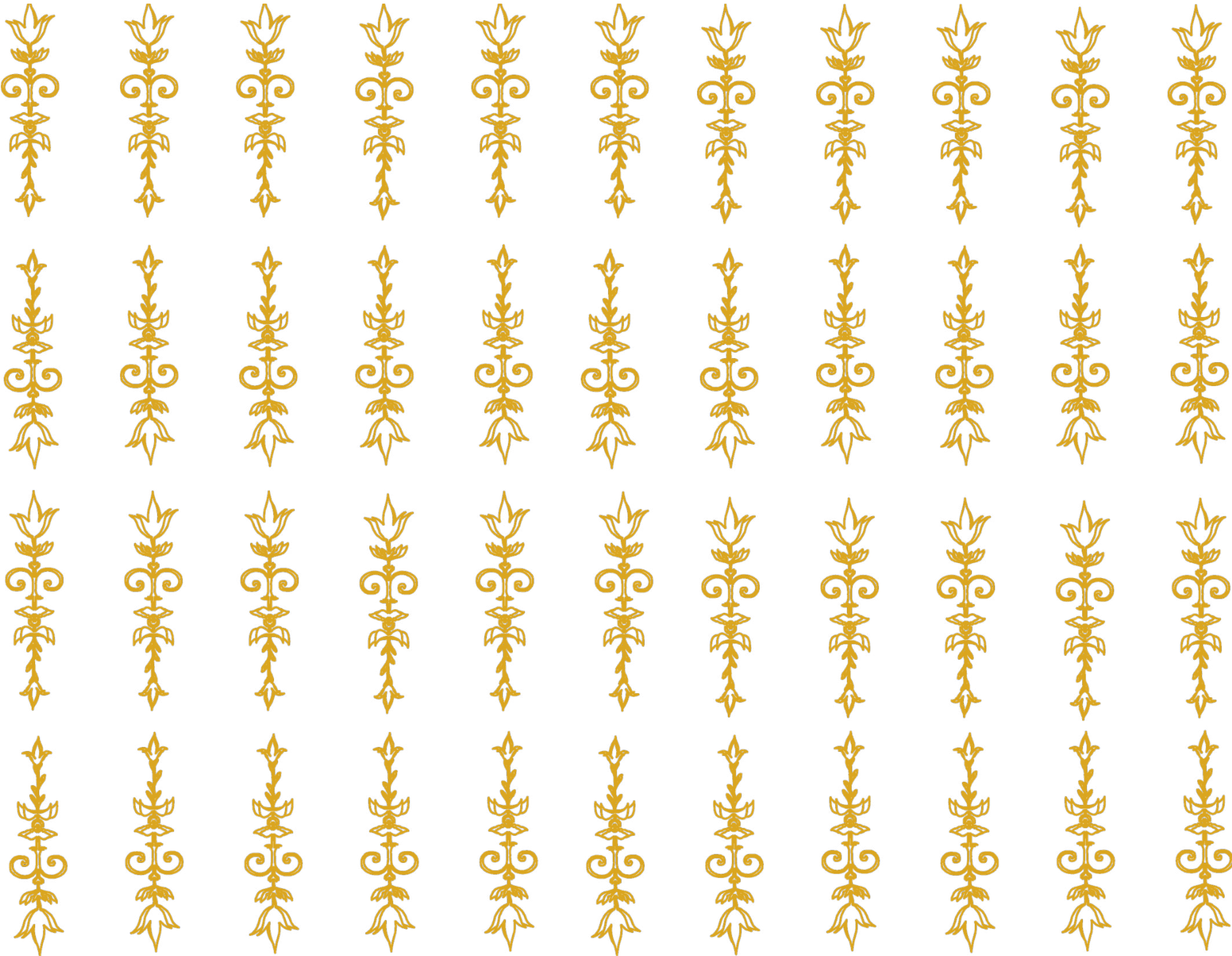




RESUMO

Este trabalho tem como objeto de investigação o Complexo do Templo de Salomão, construção inaugurada em julho de 2014, no bairro do Brás, Região Leste da cidade de São Paulo. O Complexo é composto por um conjunto construtivo idealizado, financiado, projetado e administrado pela igreja evangélica de vertente neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus – IURD – que, segundo o último censo do IBGE (2010), possui 225 templos só no estado de São Paulo. O complexo edificado em questão notabiliza-se pela quantidade de pessoas, dinheiro e tempo empregados em sua construção: é oficialmente avaliado em 680 milhões de reais, e tem uma área de 74 mil m². Sua adaptação é ímpar na paisagem metropolitana, tanto pela dimensão construtiva quanto pelos ornamentos, réplicas e ambientes forjados. O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise formal da obra e dos materiais utilizados em sua construção, e, a partir disso, estabelecer possíveis diálogos com a teoria crítica relacionada à pós-modernidade. Por fim, pretende-se demonstrar a conexão entre a obra analisada e os aspectos sociopolíticos e culturais promovidos pela instituição responsável.

Palavras-chave: Complexo do Templo de Salomão; análise formal; crítica pós-moderna; neopentecostalismo.



ABSTRACT

This work is object of investigation or Complexo do Templo do Salomão, construction inaugurated in July 2014, not in Bairro do Brás, East Region of the City of São Paulo. The Complex is composed of a constructive group idealized, financed, designed and administered by the evangelical church of a neo-Pentecostal strand Universal Church of the Kingdom of God - IURD - which, according to the last IBGE census (2010), has only 225 temples in the state of Sao Paulo. The complex built in question is notable for the amount of people, money and time involved in its construction: it is officially approved for 680 thousand reais, and an area of 74 thousand m². Its adaptation and impartiality to the metropolitan landscape, both for its constructive dimension and for its hair, ornaments, replicas and forged environments. The present work aims to make a formal analysis of the work and the two materials used in its construction, and, in this light, establish possible dialogues with a critical theory related to post-modernity. Therefore, it is intended to demonstrate the connection between the analyzed work and the socio-political and cultural aspects promoted by the responsible institution.

Keywords: Temple of Solomon Complex; formal analysis; postmodern criticism; neo-Pentecostalism.

Sumário

I . O PRINCIPIO

II. UMA EXPOSIÇÃO FUNDAMENTAL

III. O COMPLEXO

IV. UMA BREVE HISTÓRIA DOS ANOS OITENTA

V. O USO DA FORMA CLÁSSICA NO BRASIL

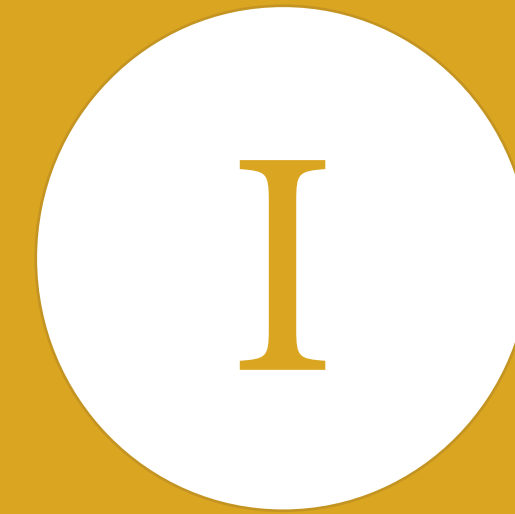
VI. SOBRE USO DOS MATERIAIS

VIII. ARQUITETURA RECREATIVA

IX . FANTASIA, FORMA E FUNÇÃO

X. DELÍRIO E FAKE NEWS

XI. BRA / ISR



O PRINCIPIO



Imagem: Curta-metragem/Documentário : Terremoto Santo - Barbara Wagner, 2017.

O objeto de estudo, assim como as escolhas e direções de análise construídas para este trabalho, partem da junção de dois fatores: a experiência de precariedade de moradia e educação em bairros periféricos com altos índices de violência na Zona Sul da cidade de São Paulo, concomitantemente ao desenvolvimento e ascensão de pautas e políticas conservadoras no quadro nacional. Estes dois fenômenos sociais — a pobreza material e a escalada das pautas conservadoras — combinam-se, como em outros tempos, como um reflexo de períodos históricos marcados pelas perdas de direitos democráticos.

Na periferia da Zona Sul de São Paulo, onde resido há vinte anos, pude constatar, sobretudo ao longo dos últimos sete anos, o aumento vertiginoso de igrejas de vertente neopen-tecostal, assim como o crescimento da participação de representantes dessas instituições em associações de bairro e ações comunitárias. Esse movimento — que, a princípio, po-deria representar apenas uma resposta ao aumento das demandas sobre necessidades básicas de uma população socialmente desfavorecida, ou o resultado da organização política de fiéis da comunidade —, foi se convertendo em monopólios imobiliários para construção e locação de igrejas, além da captação de recursos públicos destinados ao território¹.

Com efeito, o crescimento dessas instituições político-religiosas não é um fenômeno particular do território periférico de São Paulo, nem mesmo do Brasil. De acordo com o livro *Evangélicos y Poder en América Latina*, editado por José Luís Pérez Guadalupe e Sebastian Grundberger no ano de 2018, a chamada “revolução silenciosa” ocorre em toda a Amé-rica Latina, sendo caracterizada pelo aumento expressivo do número de evangélicos e, principalmente, pela transição dos “templos-garagem” — característicos da igreja evangéli-ca — para a participação e ocupação, pelos seus líderes, de cargos públicos de grande ou média importância no cenário político da América Latina.

¹ Neste último caso, podemos citar as licitações para gerenciamento de creches de bairro ou centros culturais, que recebem dinheiro público para administração, pagamento de funcionários, limpeza, entre outros serviços.

Marcando um novo momento de participação política dessas instituições, observa-se, no Brasil, parte dessa revolução silenciosa com o aumento de representantes no sistema político — a já famigerada bancada da bíblia² — e também o investimento dessas entidades religiosas na indústria do entretenimento com a produção de filmes, séries, conteúdos infanto-juvenis e novelas. Nesse mesmo movimento de expansão, está incluso o objeto de estudo deste trabalho: o Complexo³ do Templo de Salomão, que se diferencia da maioria das sedes da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), os templos-garagem, tornando-se um marco simbólico de poder e transição.

Essas articulações políticas — de representação institucional e de produção cultural — caracterizam a IURD e as demais instituições pentecostais e neopentecostais como uma tecnologia produtora de sujeitos políticos. Seus fiéis são incentivados a construir e defender uma posição política, e, nessa formação de uma identidade política, passam a inferir relações entre os debates públicos e a doutrinação religiosa.

Dessa forma, os adeptos que são representantes políticos e institucionais da igreja engajam-se na formulação de leis e políticas públicas, e os fiéis, em seus círculos religiosos e comunitários, debatem sobre pautas que tratam desde educação e orientação sexual até economia.

A atuação dessa rede no debate público, ainda que diversa e fragmentada, gera uma politização e participação de proporções significativas. Assim, torna-se essencial analisar esse fenômeno também em relação aos aspectos que competem à arquitetura, uma vez que a proliferação de edificações religiosas acarreta, correlativamente, a ampliação de centros para articulação política de um grande conglomerado eleitoreiro:

² A bancada faz parte da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional, que atualmente conta com a assinatura de 199 deputados e 4 senadores. Para que ocorra a formação de uma frente parlamentar no Brasil é preciso que a frente reúna, no mínimo, o equivalente a um terço do número total dos membros do Congresso. Para preencher este requisito a bancada conta, atualmente, com a presença de representantes de outras religiões. Segundo o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, o DIAP, nas últimas eleições a igreja que mais elegeu candidatos foi a Assembleia de Deus (33), seguida pela Igreja Universal do Reino de Deus (18).

³ O termo “Complexo do Templo de Salomão” é utilizado para se referir ao Templo de Salomão e ao Jardim Bíblico como um conjunto construtivo único. Essa terminologia é designada e utilizada pelos próprios mentores e administradores do projeto. Seu uso pode ser verificado ao longo de todo o catálogo publicado pela Editora Unipro em 2015, inteiramente dedicado à obra, mais especificamente no Capítulo 12 - O Complexo do Templo de Salomão –, onde são descritos e detalhados todos os ambientes que constituem o que se entende por Complexo do Templo de Salomão. (IGREJA UNIVERSAL, 2015, p. 171-183).



Imagem: Reportagem Folha de São Paulo: São Paulo ganha 2.433 novas igrejas em 25 anos com expansão evangélica
Capilaridade faz denominações majoritárias na periferia; Igreja Católica é maior proprietária única
<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/sao-paulo-ganha-2433-novas-igrejas-em-25-anos-com-expansao-evangelica.shtml>

Insistimos que a potencialidade numérica dos evangélicos como eleitores pode decidir qualquer pleito eletivo, tanto no legislativo quanto no Executivo, em qualquer que seja o escalão, municipal, estadual ou federal. Mas essa potencialidade depende da cultura cívica, conscientização, engajamento e mobilização. Essa é a fórmula da participação determinante. (MACEDO, 2008, p. 25).

Com cerca de 1,8 milhões de adeptos⁴, a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, fundada no Brasil entre os anos de 1910 e 1911, representa uma das três principais vertentes do pentecostalismo presentes no país⁵. Seus fiéis estão concentrados na categoria de Classe C⁶. Em São Paulo, representam 14,62% da população em meio ao tecido urbano, colocando a cidade em 13º lugar no ranking de adeptos entre os estados brasileiros. Além do Complexo do Templo de Salomão, a instituição possui emissora de TV, rádio, editora, já produziu filmes e séries e tem um jornal próprio de impressão física, que circula entre seus fiéis e é distribuído em vias públicas. Adepta da Teologia da Prosperidade⁷, a Universal tem essas múltiplas mídias como importantes recursos para atrair novos seguidores (MARIANO, 1999).

De acordo com a Associação Brasileira de Empresas e Profissionais Evangélicos (ABREPE), o “mercado gospel” movimentava em torno de R\$ 21,5 bilhões de reais por ano, com negócios que compreendem desde produtos pessoais até agências de turismo especializadas. No que diz respeito à produção e gerenciamento de mercado cultural, observamos a predominância de produções da IURD. Isso se deve a dois movimentos: o domínio dos mecanismos de comunicação em massa e a propagação do discurso da Teologia da Prosperidade.

Neste trabalho, analisaremos como essas ferramentas culturais e políticas se somam à produção arquitetônica da instituição, que se configura como mais uma de suas tecnologias de ampliação ideológica, disputa simbólica e articulação política. Desta forma, cria-se uma comunidade de identidades política e cultural próprias do universo iurdiano⁸.

⁴Fonte: IBGE – Censo 2010.
⁵Que são, por ordem de grandeza: a Assembleia de Deus (12,3 milhões de fiéis); a Congregação Cristã no Brasil (2,3 milhões de fiéis) e, finalmente, a IURD, com estimativa de 1,843 milhões de fiéis, segundo o Censo IBGE de 2010. Se somadas, essas três categorias representariam 22% da população brasileira, segundo levantamento realizado pelo Instituto Datafolha no fim do ano de 2016.
⁶De acordo com a Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), a Classe C (ou classe média), subdivida em C1 e C2, tem renda mensal de R\$ 1.195 e R\$ 726,00 respectivamente.
⁷Teologia da Prosperidade ou evangelho da prosperidade são as ordens cristãs que pregam o ganho financeiro como uma manifestação direta de Deus, sendo a pobreza interpretada como um mal causado pela falta de fé ou pela vida em pecado. A reconciliação com o divino seria a forma de reverter essa condição. Seus adeptos são motivados a contribuir com pelo menos 10% de seus ganhos mensais.
⁸O adjetivo iurdiano deriva-se de IURD, sigla para Igreja Universal do Reino de Deus. Refere-se ao conjunto de estratégias discursivas e de persuasão utilizadas pela referida igreja em seus eventos sociocomunicativos de naturezas diversas como propagandas, publicações e pregações, que se coadunam como uma prática social que podemos identificar como discurso iurdiano.

FLUXO DE DISTRIBUIÇÃO E EXIBIÇÃO TELEDRAMATURGIA REDE RECORD





UMA EXPOSIÇÃO FUNDAMENTAL

O neopentecostalismo no Brasil, a teologia da prosperidade e a apropriação midiática.

O neopentecostalismo, ou terceira onda pentecostal, chegou ao Brasil nos anos 80, com forte influência do seu país de origem: Estados Unidos. Embora sua origem exata ainda seja ambígua e haja contradições narrativas e temporais, o que se sabe ao certo é que o neopentecostalismo, também conhecido como “confissão positiva”, é uma vertente do cristianismo criada a partir de seitas sincréticas na Nova Inglaterra, no início do século XX. O Movimento Carismático (ou Carismatismo) de origem católica exerceu influência sobre uma grande parcela da criação do pentecostalismo clássico e, consequentemente, do neopentecostalismo. Dentre as principais características dessa influência podemos destacar: a cosmovisão, a crença em profecias, visões e revelações.

No Brasil, um dos primeiros registros do movimento ocorreu durante conferências promovidas pela Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno (ADHO-NEP). Entre os convidados estavam: Rex Humbard, Marilyn Hickey, John Avanzini e Benny Hinn, palestrantes responsáveis pelos temas da confissão positiva e do evangelho da prosperidade. As primeiras manifestações de proselitismo ativo do movimento se deram na Igreja do Verbo da Vida e em seu Seminário Verbo da Vida, na Comunidade Rhema e na Igreja Verbo da Vida, respectivamente localizadas em Guarulhos, Morro Grande e em diversos bairros de Belo Horizonte ⁹.

Um dos principais expoentes dessa “liturgia próspera” foi Romildo Ribeiro Soares, também conhecido como R.R Soares (brasileiro, nascido em 1947 no interior do estado de Espírito Santo), responsável pelas diversas traduções de teorias e manifestações da Teologia da Prosperidade publicadas já no fim dos anos 1980. Esses livros, de teor quase didático, foram os disseminadores e agentes transformadores das igrejas e da práticas religiosas no Brasil.

⁹ É importante assinalar que a propagação da Teologia da Prosperidade e sua ampla aceitação ocorrem, desde o início, em territórios desassistidos de políticas públicas, com altas taxas de violência e com moradores que, em sua maioria, estão em condições de vulnerabilidade social. Havendo apenas nos últimos anos da última década uma presença porcentual maior de convertidos pertencentes às classes médias e altas.

Teologia da prosperidade

A Teologia da Prosperidade está basicamente ancorada na ideia de uma troca material entre Deus e seus fiéis, sendo os ganhos desse escambo recebidos em vida, no aqui e agora. Trata-se de uma oposição direta ao catolicismo clássico, que defende o desapego material e o sacrifício terreno em nome de uma vida eterna pós-morte no paraíso.

É importante destacar que, mesmo havendo a constante defesa da mudança de vida através dos ganhos materiais de seus fiéis, em nenhum momento a Teologia da Prosperidade aborda criticamente sistemas econômicos transformadores ou de qualquer natureza. De modo contrário, defende um sucesso material independente de estruturas sociais e econômicas impostas, trabalhando, assim, de acordo com o sistema vigente e o contexto no qual está inserida. Tal consonância implica, inclusive, em mudanças de premissas caso seja necessário¹⁰. Além disso, a Teologia se aplica metodologicamente: seus seguidores aprendem nas igrejas a “correta” administração do seu dinheiro, o autocontrole, a sobriedade e o comportamento “ideal” em relação ao consumo.

A defesa da Teologia da Prosperidade acontece mediante a livre interpretação dos escritos bíblicos, divinizando o dízimo e responsabilizando o fiel por seu próprio insucesso material. Conforme mencionado anteriormente, a prática desta crença opera na base da troca com Deus. Esquemáticamente: uma vez que o devoto concede a Deus parte de seus bens, Deus fica em dívida com ele, tendo a obrigação de retribuir o que foi ofertado através de ganhos materiais, curas ou bênçãos. Essa negociação, por consequência, diviniza o dinheiro e realiza um movimento (mesmo que abstrato e não aceito pela igreja) de humanização de Deus e divinização do humano.

O êxito da disseminação e popularização dessa doutrina está diretamente relacionado ao sistema econômico vigente, que é pautado pelo consumo e pelo ganho financeiro, sendo estes os medidores de reconhecimento e valorização dos sujeitos.

¹⁰ Um exemplo é a diferença entre o discurso praticado no Brasil e na África do Sul: no primeiro ocorre ampla defesa do empreendedorismo, no segundo a atribuição de empregos simultâneos, sem descanso e a completa subordinação aos superiores em seus ofícios.



Apropriação das mídias

Quanto à apropriação midiática,¹¹ a concepção neopentecostal vê a mídia informativa e de entretenimento como uma das ferramentas mais importantes da igreja. William Kenyon (1867-1948)¹², reconhecido como o possível fundador da doutrina, desenvolveu o que chamamos atualmente de rádio evangelismo em 1931, ano em que se mudou para Seattle e inaugurou um programa de rádio chamado Kenyon's Church of the air, por onde transmitia seus sermões, promovendo o proselitismo e a ampla defesa de sua nova teologia.

O Brasil, caracterizado como um grande importador e consumidor de bens materiais e culturais norte-americanos, aplica essa mesma dinâmica de influência na esfera religiosa. A IURD se estabelece como a maior representação desta prática até mesmo semanticamente: desde o momento da sua criação, ao se intitular enfatizando a condição de ser universal, a instituição incorpora técnicas de marketing em sua evangelização, inovando sempre que necessário seus recursos e mecanismos de autopromoção. Através da aplicabilidade dessas táticas, obtém excelentes resultados em países da América latina e do continente africano.

Inclusive, desde o início dos anos 2000 até os dias atuais, a igreja vem exercendo um papel missionário nos Estados Unidos e em países da Europa, com programas televisivos e pregações realizadas em outros idiomas, principalmente o espanhol. A IURD investe na evangelização de imigrantes vulnerabilizados como uma porta de entrada para esses territórios, desempenhando uma ação global de pregação e proselitismo.

¹¹Para uma abordagem pormenorizada deste tema ver: A Sociedade do Espetáculo (Paris,1967), de Guy Debord, obra na qual o autor analisa a produção das mídias culturais e a criação de imagens como a forma final de reificação capitalista.

¹²Alguns teólogos defendem que William Kenyon foi o verdadeiro criador da Teologia da Prosperidade e, consequentemente, do neopentecostalismo, em oposição a uma parcela de devotos que creditam este feito ao pastor Kenneth Hagin (1917-2003).



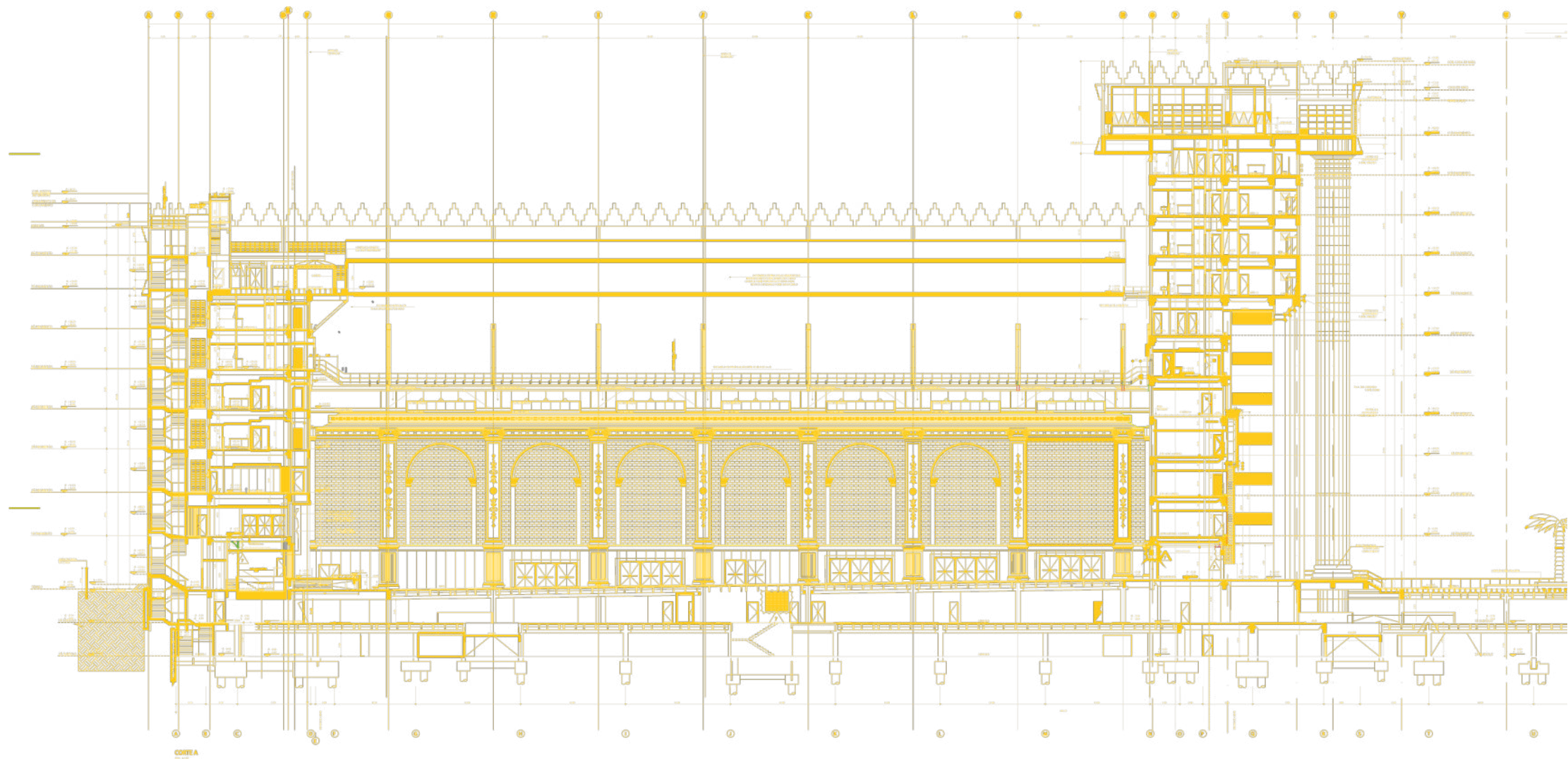
Imagem: Curta-metragem/Documentário : Terremoto Santo - Barbara Wagner, 2017.



O COMPLEXO

CORTE LATERAL DO EDIFÍCIO DO TEMPLO DE SALOMÃO

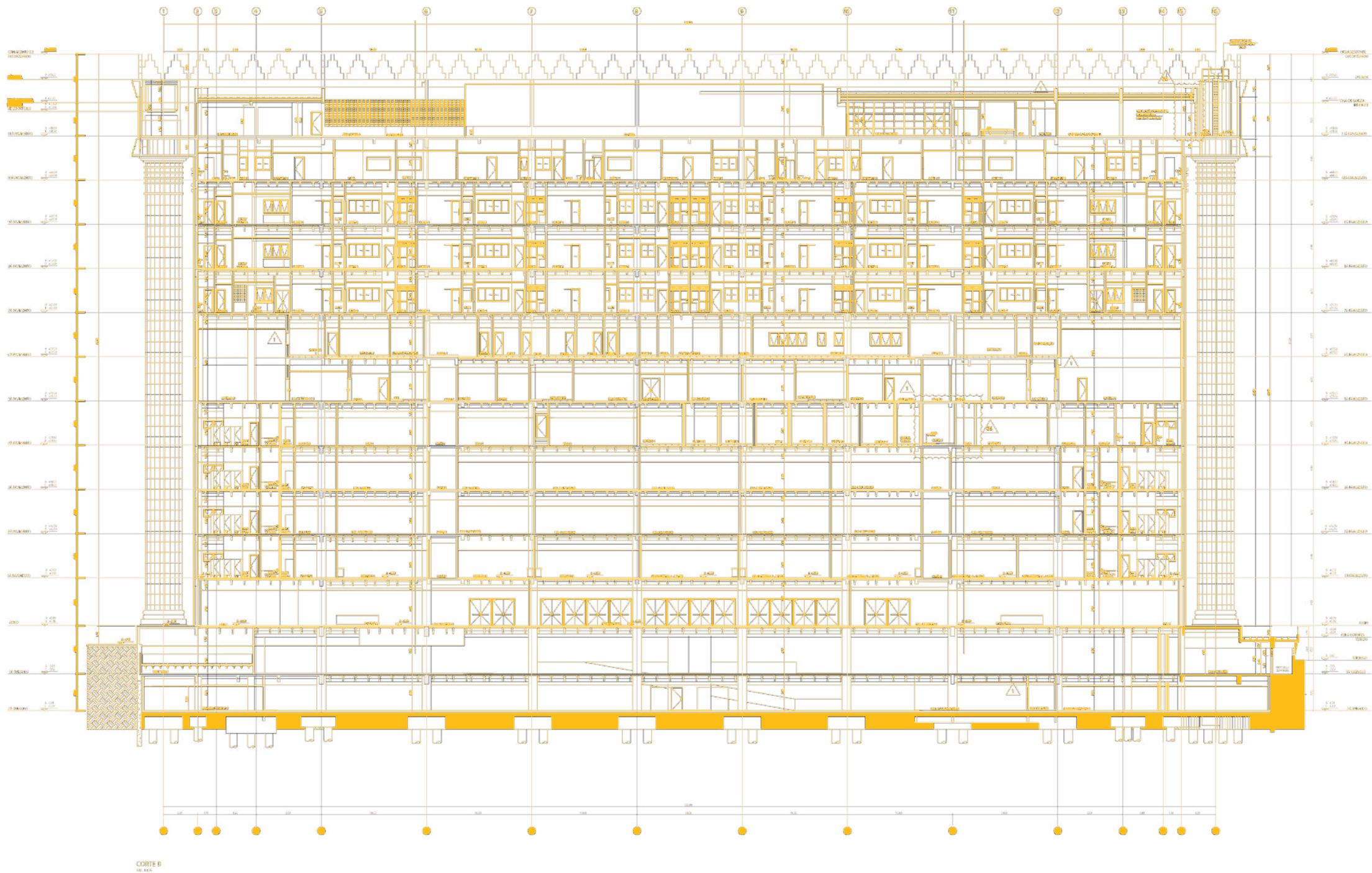
1:125



Desenhos originais do projeto cedidos pelo arquiteto responsável Rogério Araújo. Reprodução autorizada pela instituição UNICAMENTE para esta pesquisa.
RE-edição gráfica: autoral,2021..

CORTE DO EDIFÍCIO DO TEMPLO DE SALOMÃO

1:125



Desenhos originais do projeto cedidos pelo arquiteto responsável Rogério Araújo. Reprodução autorizada pela instituição UNICAMENTE para esta pesquisa.
RE-edição gráfica: autoral,2021..

O Complexo do Templo de Salomão, inaugurado no dia 31 de julho de 2014, foi idealizado e concebido no bairro do Brás, na Avenida Celso Garcia, na altura do número 604. Essa construção corresponde a uma releitura de uma segunda versão do templo original ¹³, que data de 656 a.C. Na época, o templo foi idealizado por Zorobabel e construído pela comunidade judaica em Jerusalém. Posteriormente reformado por Herodes, então governador da Judeia, resistiu até as invasões romanas no ano de 70 d.C. A réplica construída em São Paulo, relativa a essa segunda versão do templo, foi projetada pelo arquiteto Rogério Silva de Araújo. “Os trabalhos começaram no mês de julho de 2010 e, quatro anos mais tarde, em julho de 2014 a ideia finalmente tornou-se realidade”¹⁴. Já a idealização do projeto, escolha da localização, assim como a organização do canteiro de obras, foram decisões de um dos mais importantes líderes da IURD:

A ideia da construção surgiu durante uma das peregrinações do bispo Edir Macedo a Israel. Ele percebeu que o privilégio de pisar o solo que um dia foi palco de tantos milagres não poderia ser apenas de alguns, mas de todos. (IGREJA UNIVERSAL, 2015, p. 8).

De acordo com o catálogo produzido e publicado em 2015 pela Universal, as dimensões exatas do projeto são: 126 metros de comprimento; 104 metros de largura e 55 metros de altura, com aproximadamente 100 mil metros quadrados de área construída, em um terreno de 35 mil metros. A nave principal do templo tem capacidade para abrigar confortavelmente 10 mil pessoas.

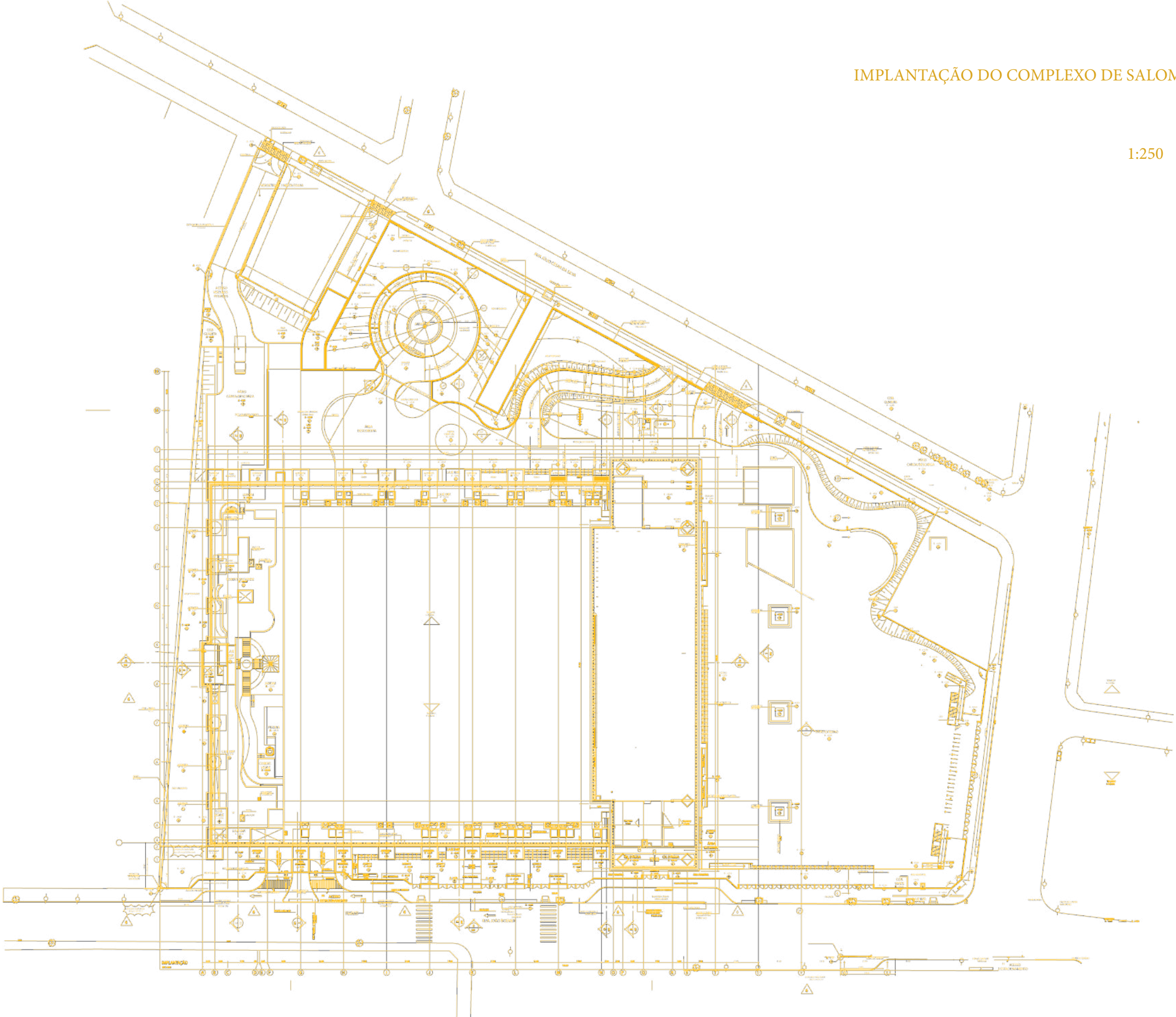
Com estúdios de TV, rádio e auditórios, além de um espaço reservado para hospedagem de pastores, ainda conta com uma área destinada a escolas bíblicas, que chega a comportar pelo menos uma centena de crianças ¹⁵.

O Templo de Salomão brasileiro (edifício) é composto por objetos, símbolos e formas históricas cujos anexos – Jardim Bíblico, Memorial e Tabernáculo – são montagens cenográficas que criam ambientes e paisagens artificiais. Analisar o uso de elementos simbólicos e históricos na obra, a simulação de seus ambientes e os materiais utilizados para sua confecção é uma das partes centrais desta pesquisa, a saber:

¹³ A primeira construção do Templo de Salomão foi idealizada pelo rei Davi, mas foi, segundo a Bíblia, seu herdeiro Salomão, no seu quarto ano de reinado, quem pode colocar em prática a construção. De acordo com os escritos religiosos, o Templo foi concebido no Monte Moriah, levou cerca de sete anos para ser finalizado e, depois de erguido, durou até o ano 586 a.C., quando ocorreu uma invasão liderada por Nabucodonosor, rei da Babilônia, em que essa suposta primeira construção foi completamente destruída. É importante salientar que, em consequência de valores religiosos e políticas instáveis na organização do estado de Israel, o Monte Moriah não passou por escavações ou análises mais detalhadas que nos permitam inferir com alto grau de certeza e em detalhes a veracidade das narrativas bíblicas.

¹⁴ Informação retirada do Catálogo “O Templo de Salomão” (Igreja Universal, 2015).

¹⁵ Idem.



Desenhos originais do projeto cedidos pelo arquiteto responsável Rogério Araújo. Reprodução autorizada pela instituição UNICAMENTE para esta pesquisa. RE-edição gráfica: autoral,2021..

Edificação

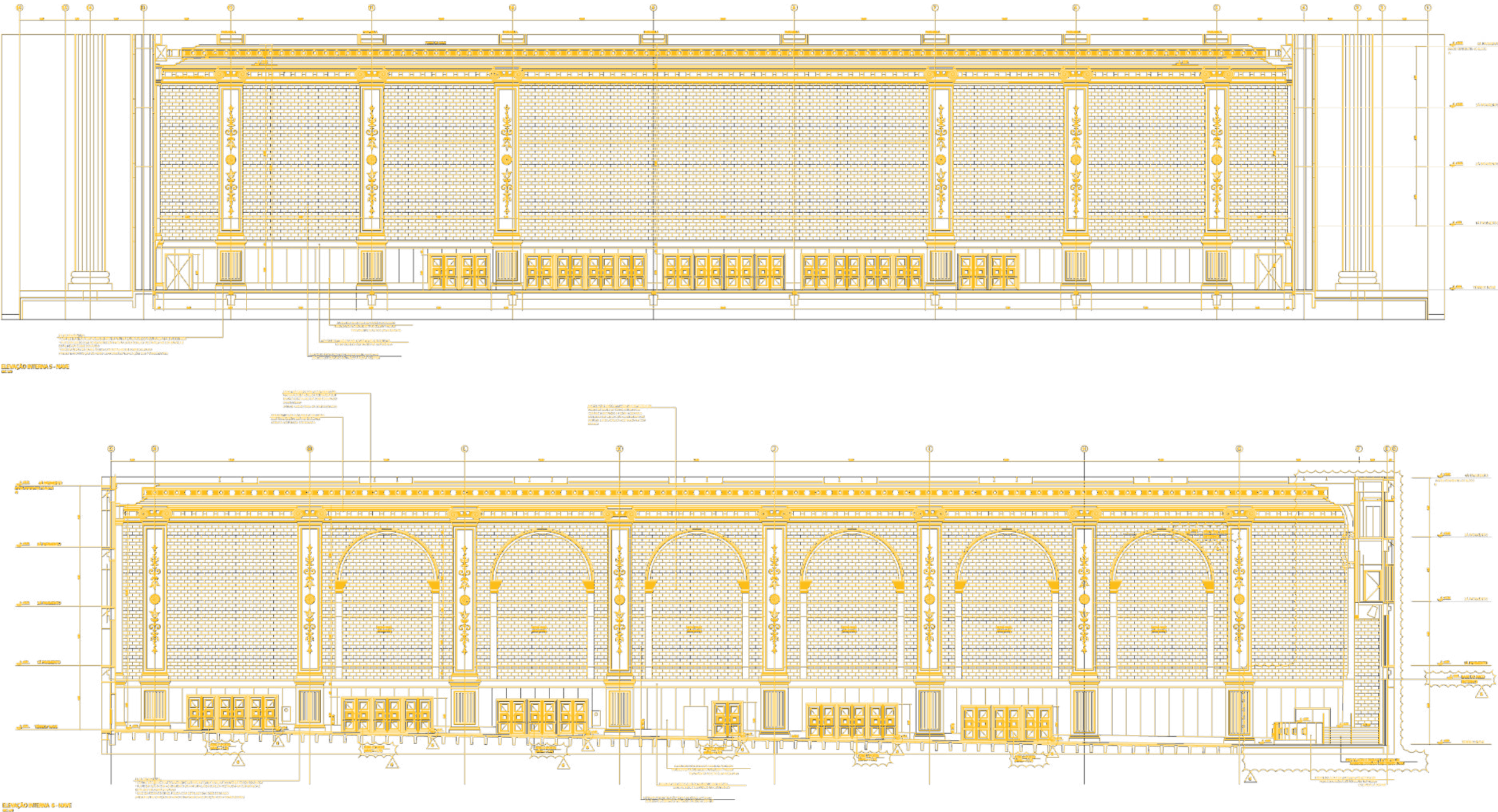
O templo tem sua fachada composta por friso, cornija e acrotérios, seguindo o padrão da obra original. A porta clássica tem a parte superior de bandeira em leque. Há ainda colunas espessas, de ábaco simples, luminárias em forma de trigo e tamareiras (artificiais) de ACM, dispostas na área de entrada. No seu interior são encontrados: i) menorás douradas (plástico vinílico); ii) parede com luzes artificiais coloridas (vermelha, roxa, amarela); iii) colunas de estilo jônico adornadas; iv) balaústres de madeira ornamentados, que separam as cadeiras do altar; v) altar contendo construção de rodapés de madeira com retângulos de acrílico coloridos, representando pedras preciosas; vi) corrimão e púlpito dourados, mas ocos, feitos de ACM (alumínio composto).



Imagem: Foto autoral tirada ao logo das visitas

ELEVAÇÃO INTERNA DO EDIFÍCIO

1:500

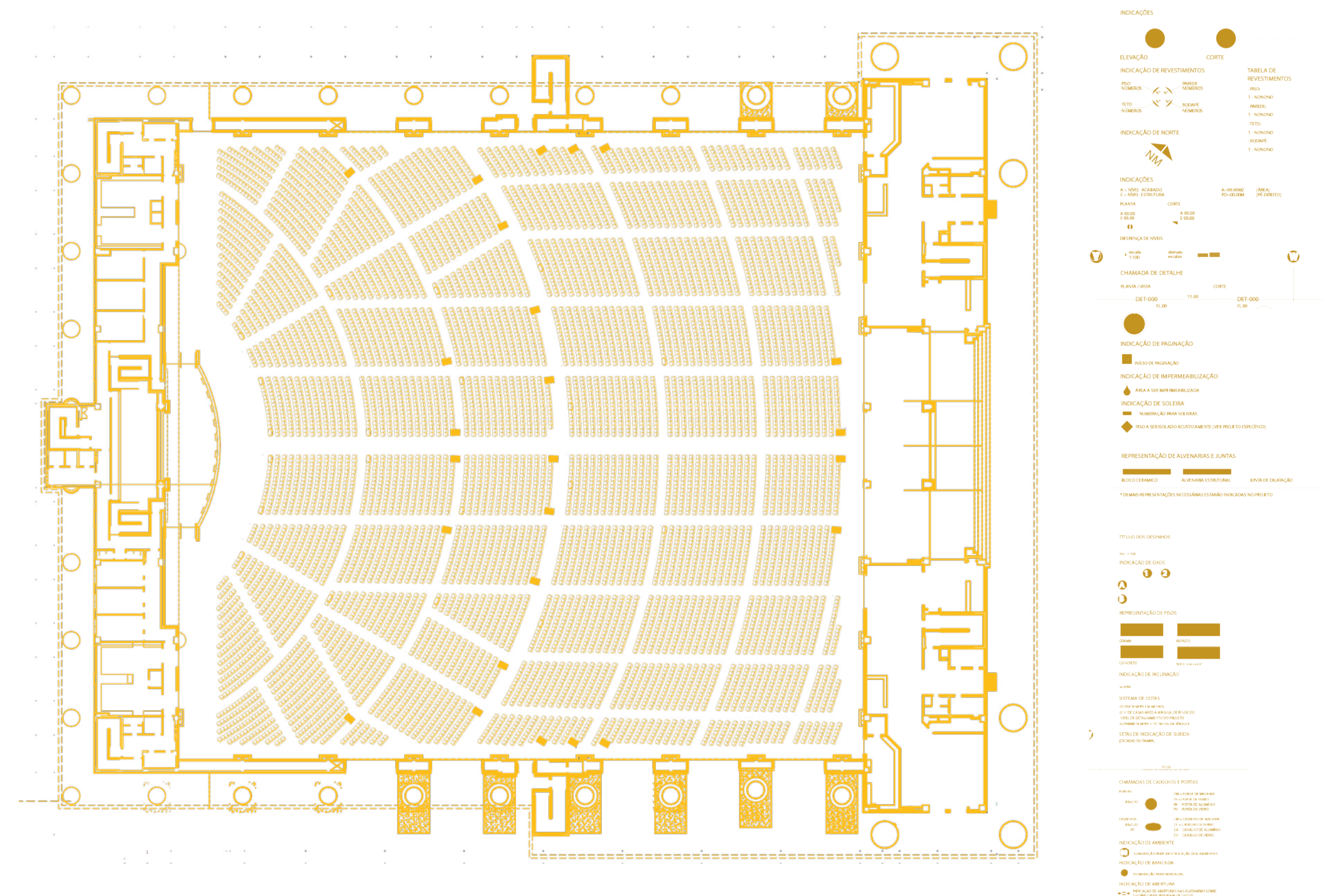


Desenhos originais do projeto cedidos pelo arquiteto responsável Rogério Araújo. Reprodução autorizada pela instituição UNICAMENTE para esta pesquisa. RE-edição gráfica: autoral,2021..



Imagem: Foto autoral tirada ao logo das visitas

PLANTA DO INTERIOR DO EDIFÍCIO - TEMPLO DE SALOMÃO.



Memorial

Parte da estrutura foi construída em ACM cromado dourado para referenciar um material mais nobre, que seria o ouro. A estrutura da parte interior da abóboda tem a superfície feita de cobre polido, que, combinado à iluminação do ambiente, tem grandes semelhanças com o bronze. O céu estrelado do memorial tem sua cobertura formada pela junção de placas de EPS¹⁶ escuras e com iluminação de pequenos pontos de LEDs.

Lavatórios, mar de fundição, querubins do Santo e réplicas de elementos sagrados: originalmente feitos com madeira de oliveira e revestidos em ouro, no memorial são produzidos a partir de alumínio polido. Esses objetos estão dispostos com a intenção de contar a história do povo judeu e das doze tribos. Ainda nas ocupações do memorial, há um cinema: conjunto de telas agrupadas embutidas ao longo de toda a parede circular do corredor, denominado de túnel do tempo, no qual se apresenta um filme de animação com a história bíblica das diversas construções e destruições dos templos de Jerusalém e seus personagens bíblicos, incluindo na narrativa a história da construção do Templo de Salomão da Igreja Universal.

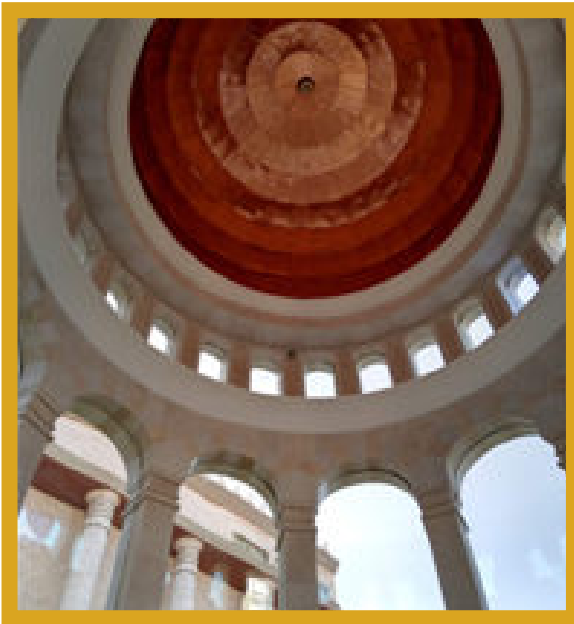


Imagem: Foto autoral tirada ao logo das visitas

¹⁶Poliestireno expandido de alta densidade.

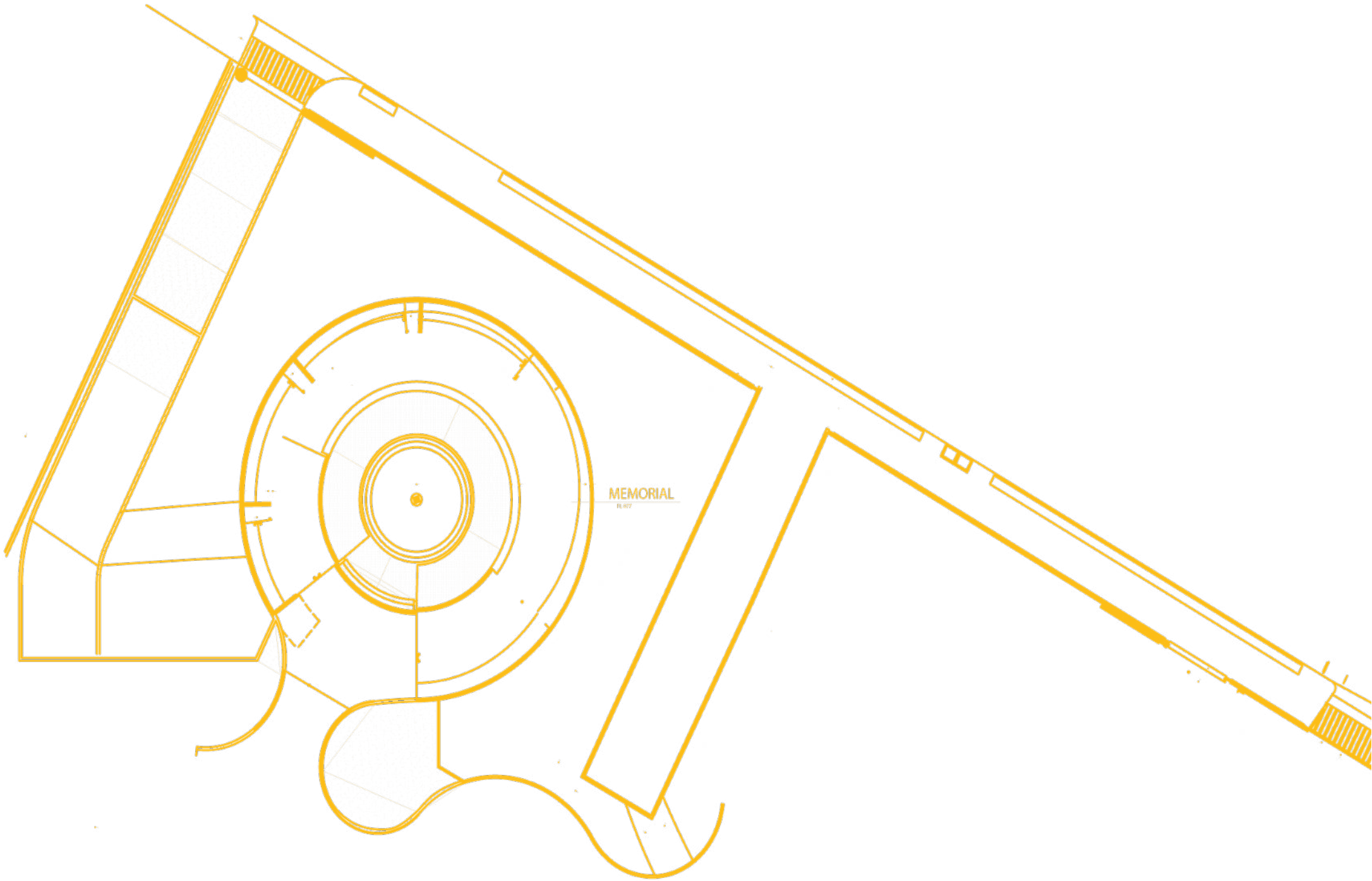


Imagem: desenho autoral, 2021.

Tabernáculo

Construído em escala original, é sustentado por colunas de plástico¹⁷ tingidas de marrom e dourado. As cortinas mencionadas no catálogo, originalmente feitas com linho, foram substituídas por TNT¹⁸. Sua parte interna tem bases plásticas tingidas de cinza, que fazem alusão à prata, com iluminação de LED. O tabernáculo está envolto por um deserto artificial, cuja composição da areia é adaptada, com grânulos de pedras (para que, desta forma, a areia não disperse com o vento ou chuvas). Há presença de animais de plástico – carneiros e ovelhas. Neste mesmo deserto são feitas locações para filmagens de novelas e séries bíblicas da rede Record. No centro do deserto está instalado o Altar de bronze, com menorá, altar de incenso, mesa dos pães e arca da aliança. Estas peças compõem a montagem e, embora sejam douradas para simular os originais de bronze e ouro, são feitas de plástico ou de ACM.



Imagem: Foto autoral tirada ao logo das visitas

¹⁷ Polipropileno.
¹⁸ Sigla de: Tecido Não Tecido. É uma liga de fibras, feita a partir de polímeros, geralmente polipropileno usado na indústria têxtil.

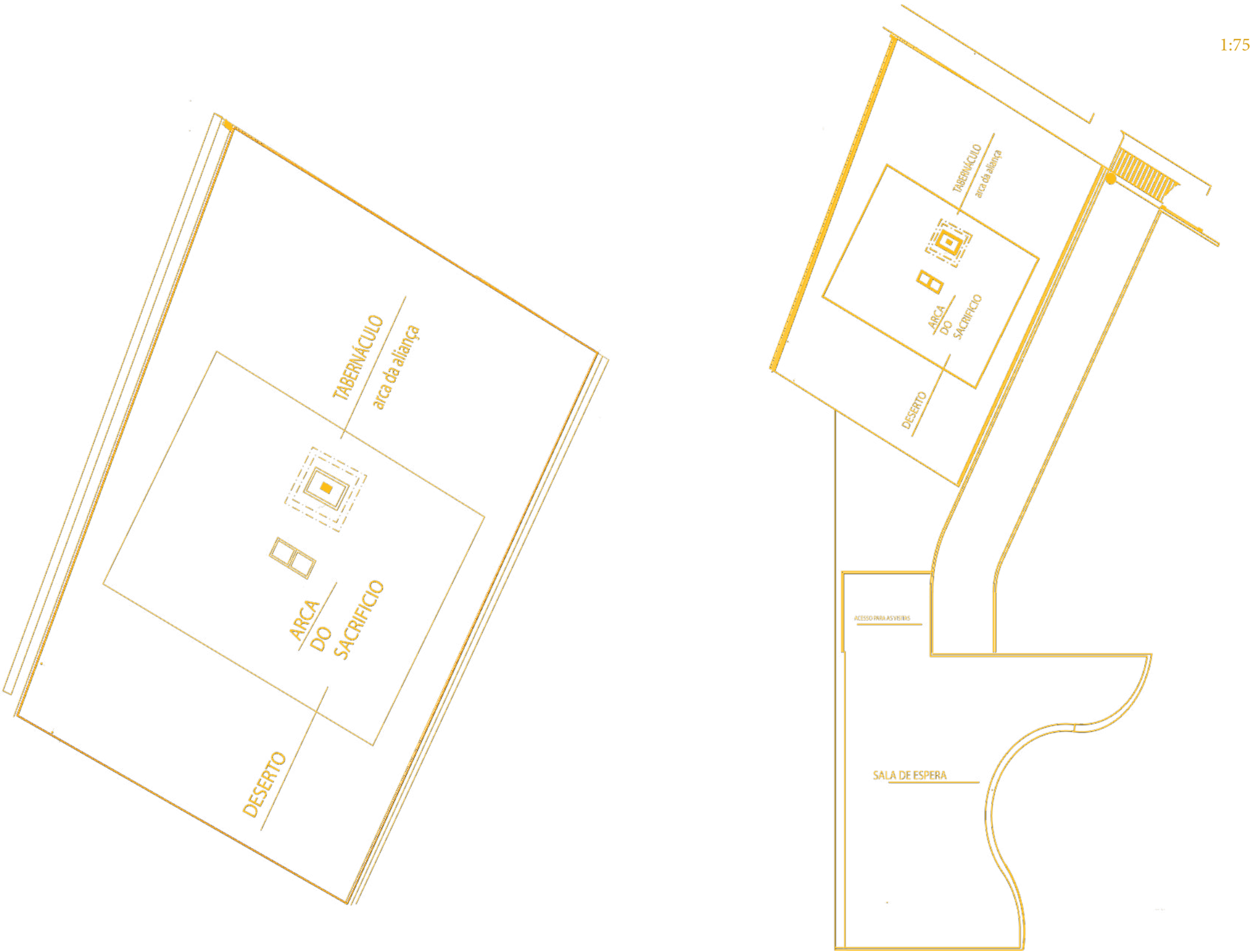


Imagem: desenho autoral, 2021.

O Jardim Bíblico das Oliveiras

Ambiente que costuma ser visitado na finalização dos passeios bíblicos. Abriga, além de flores, plantas e 12 oliveiras centenárias, uma prensa de azeite e a “água da vida” (fonte que simula o poço de Jacó). Não é permitido beber a água, e os demais elementos são apenas cenográficos e para contemplação. Há também uma Menorá de grandes dimensões, feita de plástico e oca, pintada de bronze envelhecido.



Imagem: Foto autoral tirada ao logo das visitas

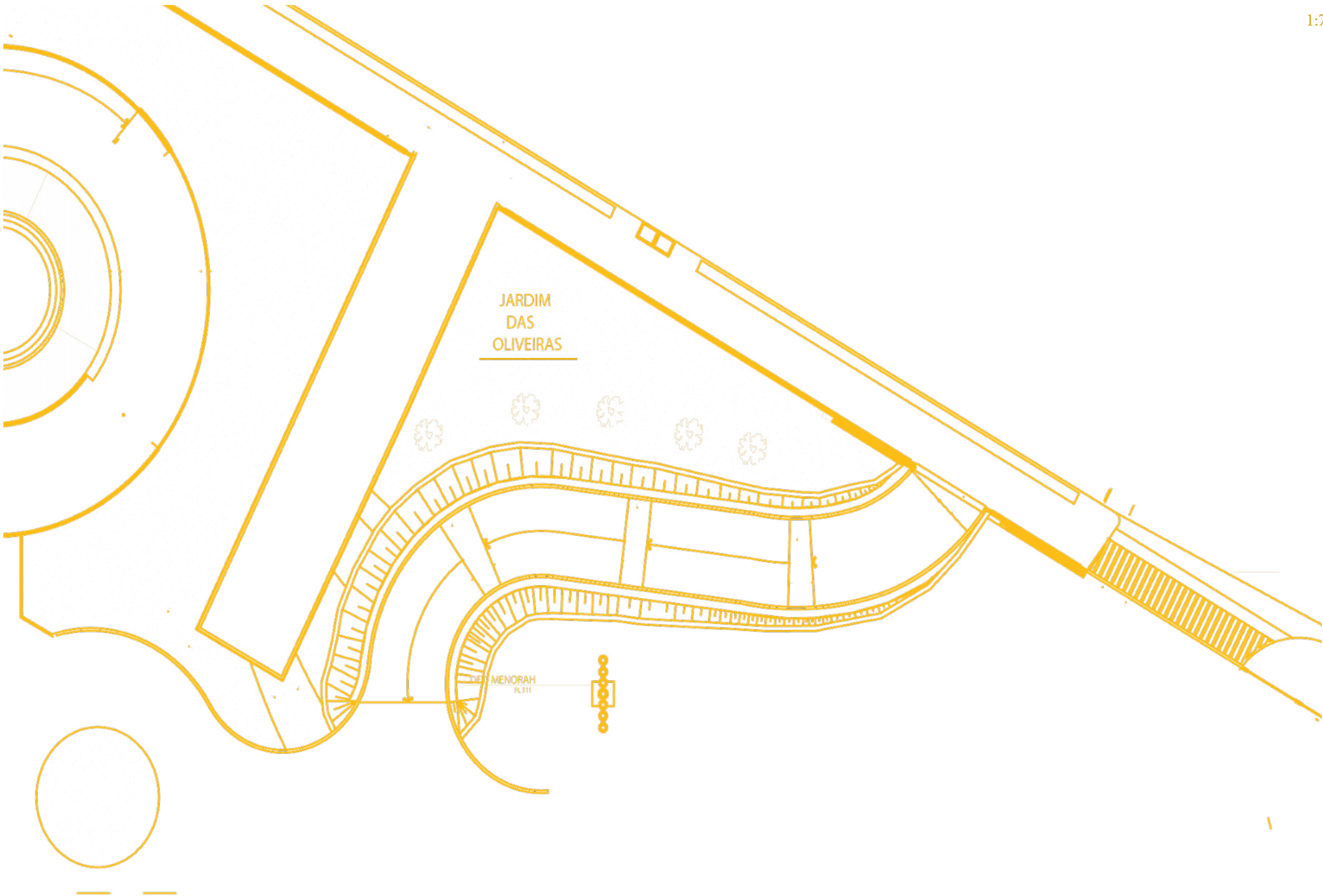


Imagem: desenho autoral, 2021.

Loja

Ao fim do passeio bíblico, os visitantes são encaminhados à loja oficial do templo, na qual se encontram prateleiras de livros religiosos publicados pela editora da Igreja, todos à venda, além do catálogo do Templo, que apresenta fotos de todo o processo construtivo e informações associadas a narrativas bíblicas. Também são ofertados inúmeros souvenirs, de todos os tipos e preços, que vão desde garrafas de água a chaveiros, camisetas, postais e maquetes de diversas escalas e materiais. Ao fim da visita guiada, os visitantes são induzidos ao consumo desses produtos.



Fotos dentro da loja são expressamente proibidas.
Imagens retiradas das paginas oficiais da loja.

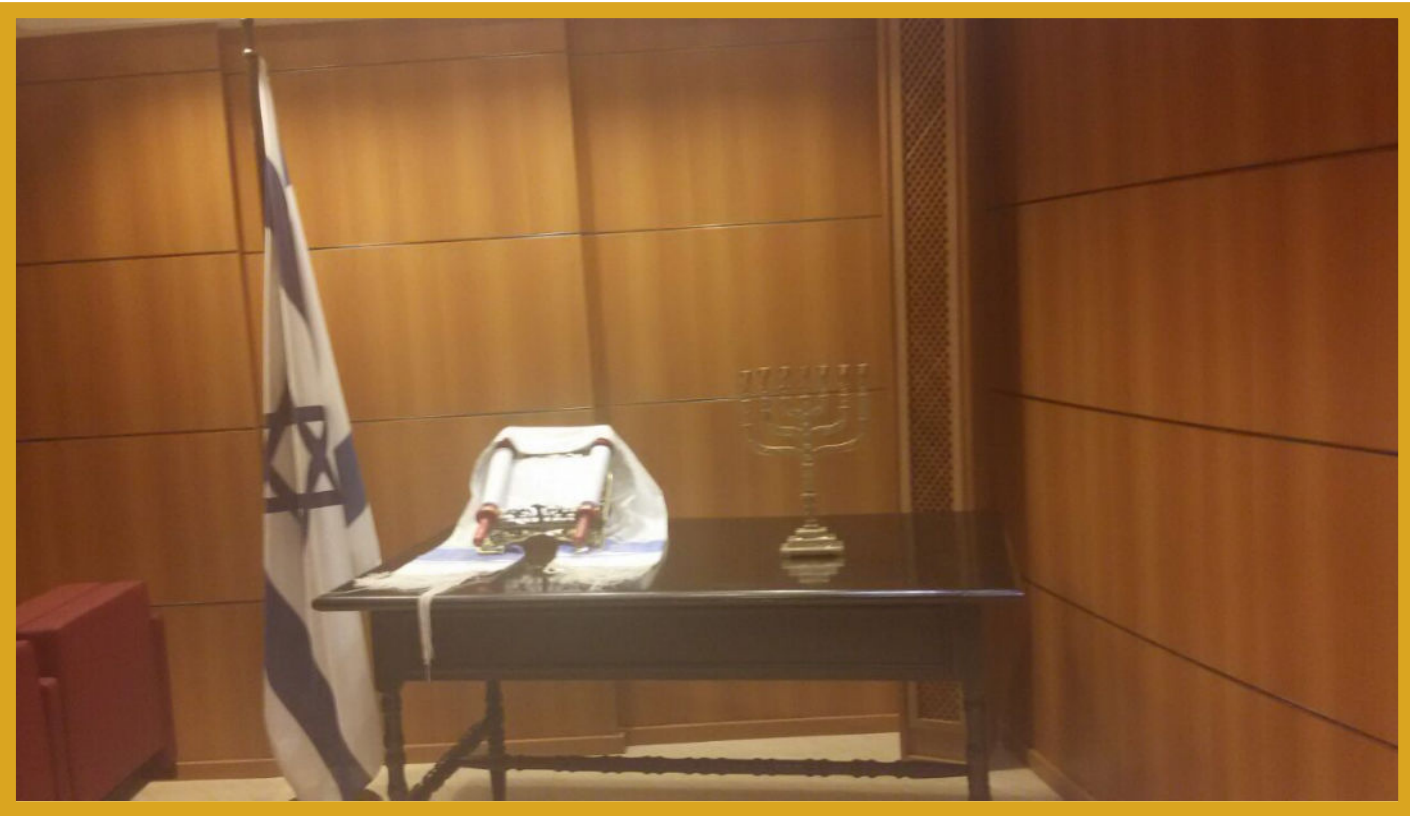
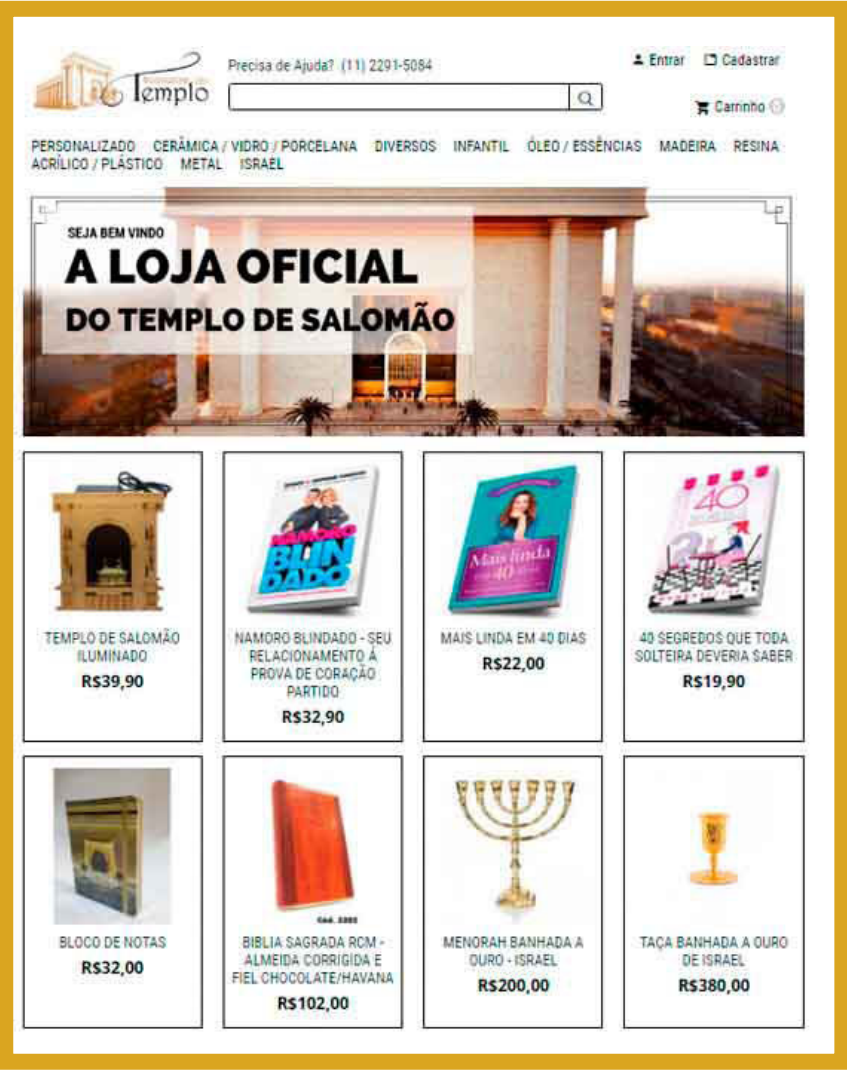


Imagem: Foto autoral tirada na entrada para a loja de Souvenirs

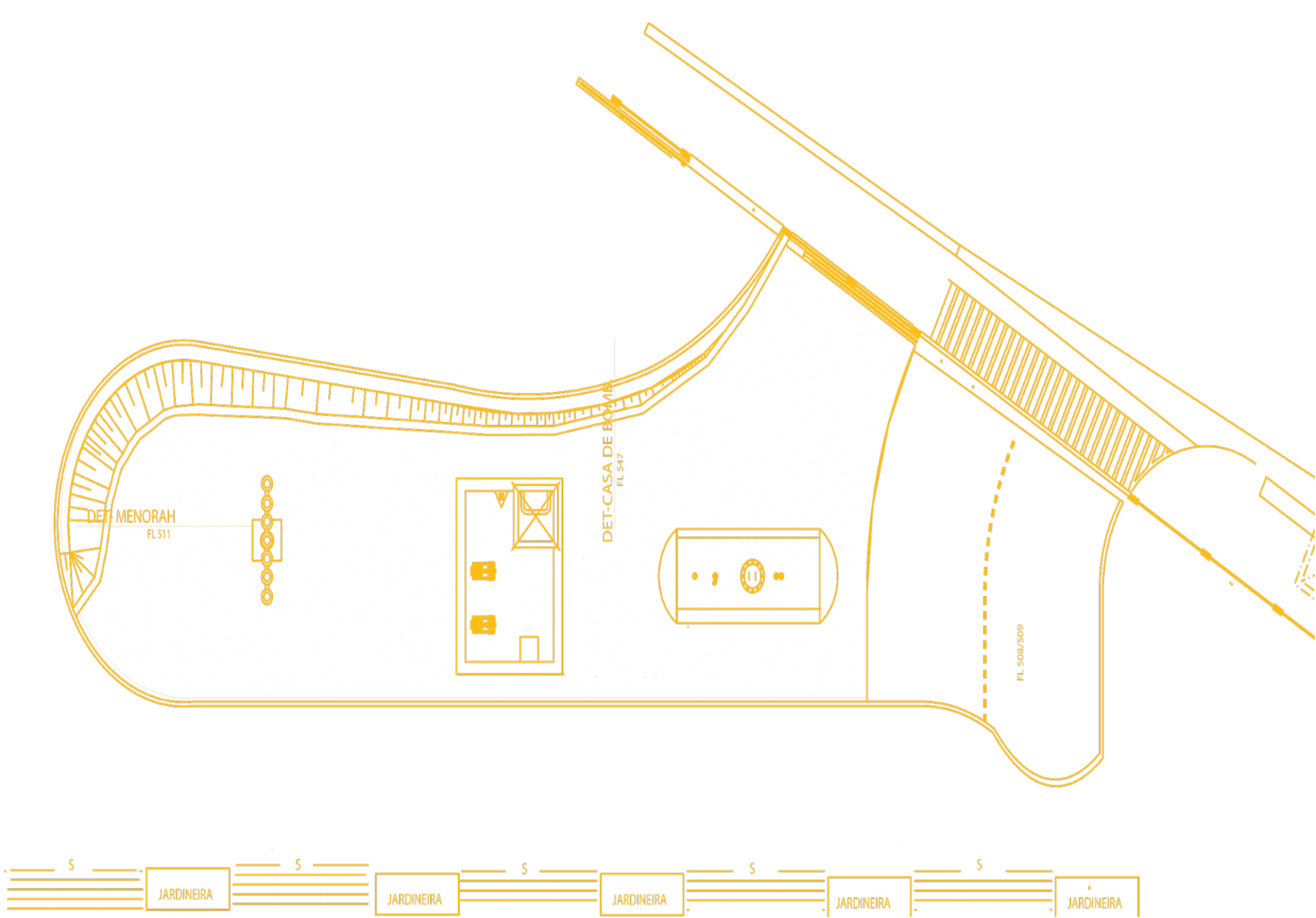


Imagem: desenho autoral, 2021.

Visita

Agendadas com antecedência de, no máximo, 30 dias, tendo um custo de quarenta reais por pessoa, podendo ser programadas de forma individual ou em grupo, por meio virtual – e-mail ou WhatsApp. O público é composto majoritariamente por fiéis de meia-idade – entre quarenta e cinquenta anos – e do sexo feminino.

A instituição induz visitantes a uma experiência que simula uma aproximação com o contexto histórico, estando os guias sempre vestidos como sacerdotes, usando trajes que remetem à época. Nos figurinos, no entanto, pedras preciosas, mitra e ouro são novamente substituídos por acrílico, TNT e malha. Durante toda a visita os guias narram histórias bíblicas ou iniciam discussões a fim de ambientar os trajetos percorridos. A visita tem início em uma área composta por bonecos de cera de personagens bíblicas, com figurinos originais utilizados por atores em novelas, filmes ou séries da Rede Record.

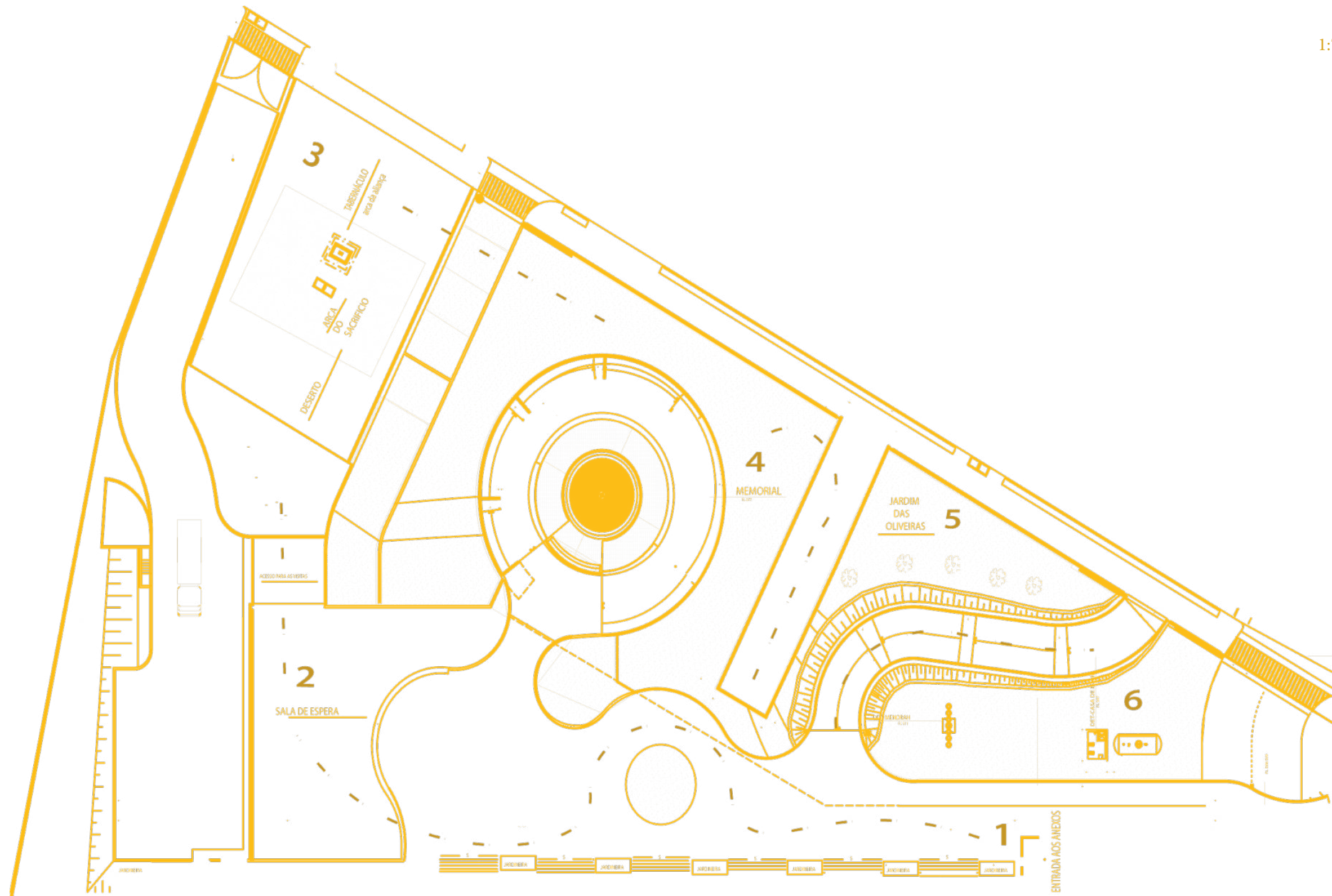
Cada visita tem a duração que varia entre uma hora e uma hora e quinze minutos, sendo a maior parte feita a pé, com algumas pausas para ouvir as histórias, ver exposição do memorial e assistir a filmes: roteiro incluso para todos os agendamentos.

No desenvolvimento deste trabalho, foram realizadas dez visitas de campo, em dias e horários variados, com o intuito de analisar o perfil do público e possíveis oscilações de frequência. Dentre essas dez visitas, apenas uma teve a presença de grupo (pequeno grupo de seis pessoas, todas mulheres, de meia-idade, sendo a maioria negra) de uma Igreja Universal da Zona Leste, que foi levado pelo pastor.



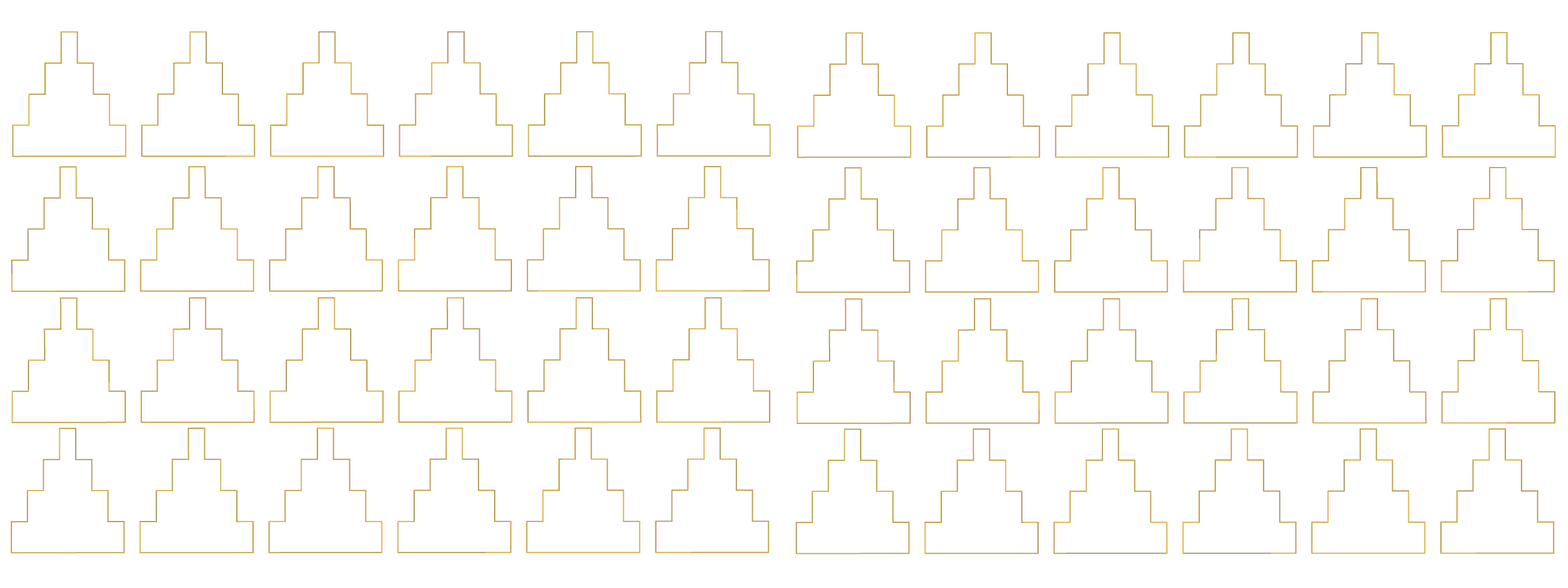
Imagem: Foto autoral tirada ao logo das visitas

TRAJETO PADRÃO DAS VISITAS



1:75

Imagem: desenho autoral, 2021.



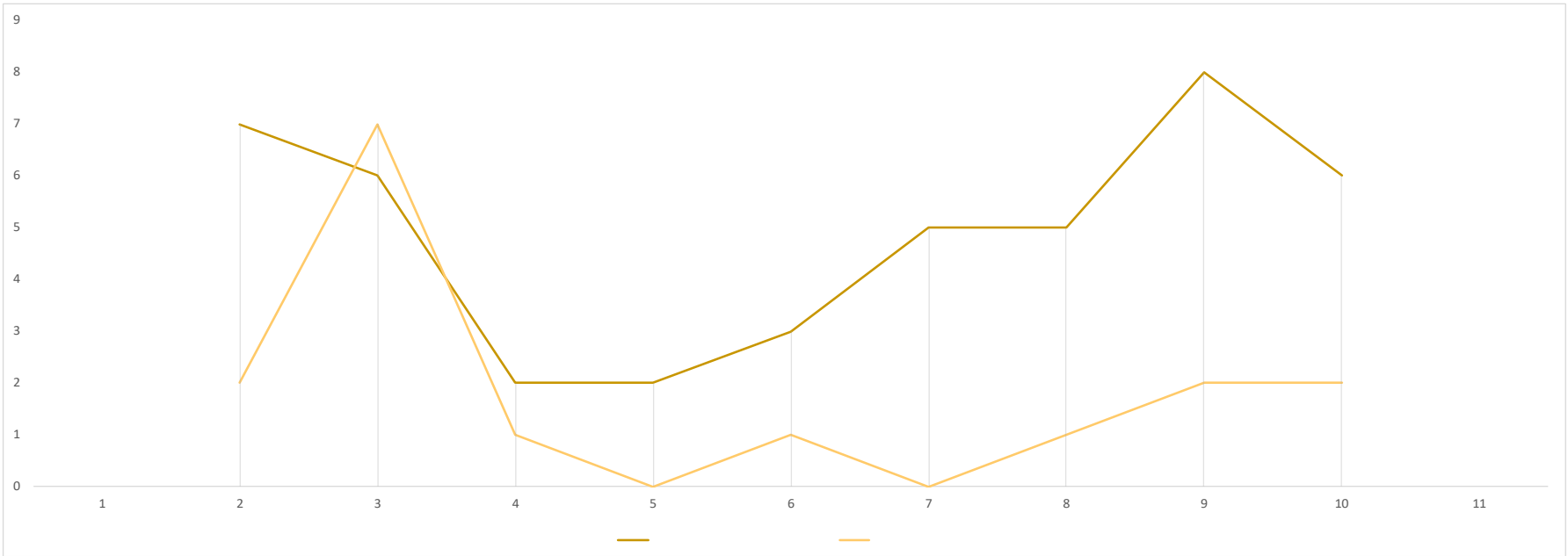
Calendário de visitas e registros de campo

Ano	Data	Dia da semana	Horario	Número de Visitantes	Sexo	
					Feminino	Masculino
2018	20/03	Terça	11h00	9	7	2
2019	17/06	Domingo	14h00	11	6	7
2019	02/09	Segunda	12h00	3	2	1
2019	10/09	Terça	17h00	2	2	0
2019	18/09	Quarta	15h00	4	3	1
2019	26/09	Quinta	13h00	5	5	0
2019	04/10	Sexta	16h00	6	5	1
2019	16/11	Sábado	14h00	10	8	2
2019	24/11	Domingo	15h00	8	6	2
2021	01/02	Segunda/Marcada	15h00	x	x	x
2021	04/02	Quarta/Marcada	12h00	x	x	x
2021	05/02	Sexta/marcada	20H00		x	x

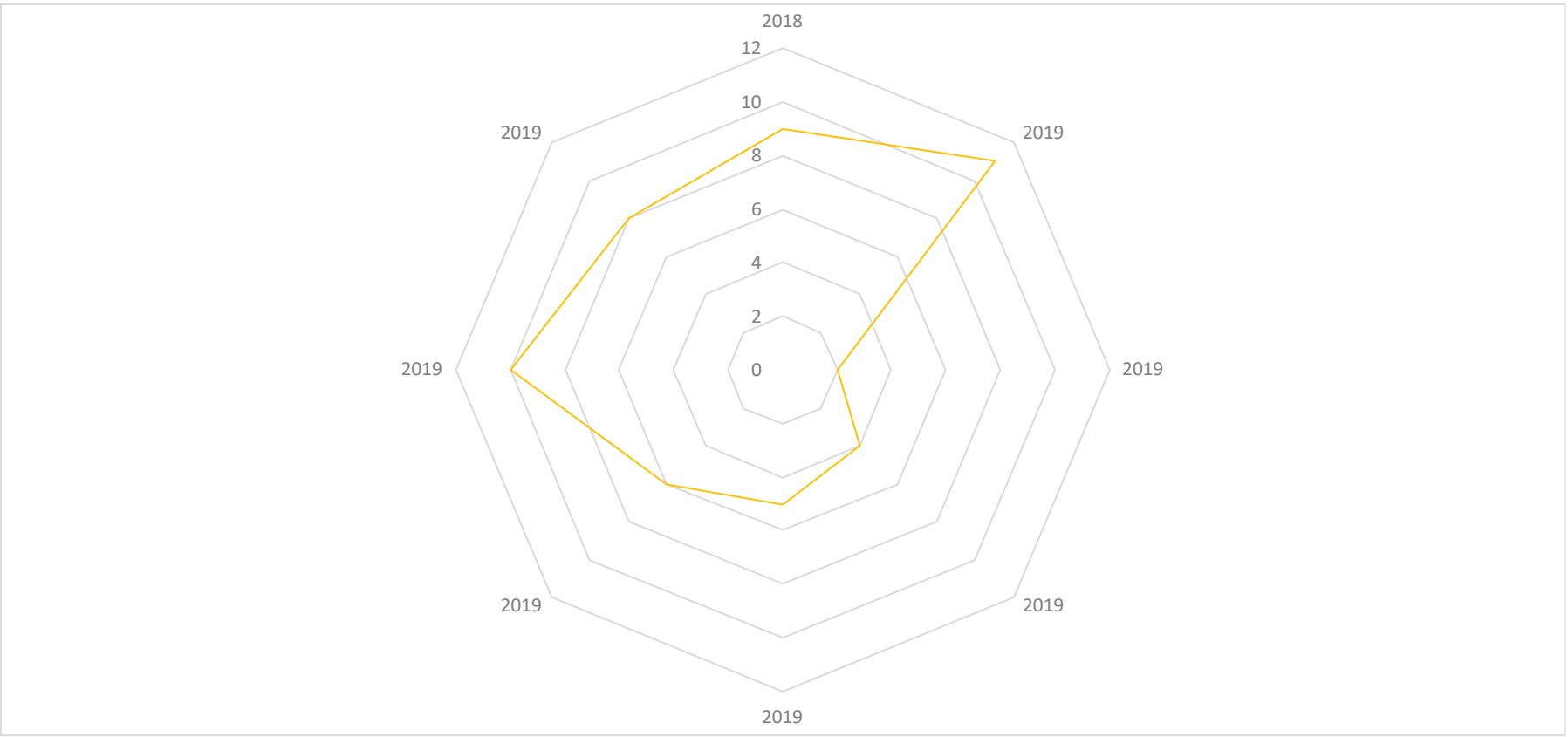
- 01/02/2021 – Segunda: Passeio Temático + Congresso para o Sucesso.
- 04/02 /2021– Quarta: Passeio Temático + Escola inteligente da fé.
- 05/02/2021- Sexta: Passeio Temático + Sessão de descarrego, livre-se de todos os males.

Gráficos gerados a partir dos registros

Divisão das visitas guiadas por gênero¹⁹



Aumento de um ano a outro no número de visitantes ao Jardim Biblico



¹⁹NOTA: Nota-se a diferença entre o número de homens e mulheres presentes nas visitas, sendo importante mencionar que boa parte dos homens presentes estavam em casal, ou seja, acompanhavam suas esposas durante o passeio. Isso corrobora o fato das mulheres serem parte da base da igreja universal, pois mesmo sem serem pastoras, são as responsáveis por converter ou aproximar filhos, maridos e demais familiares para instituição. A pesquisa “Novo Nascimento: os evangélicos, em casa, na igreja e na política” (Fernandes, 1998) evidenciou que 68% dos membros da IURD eram casados, sendo 44% casais em que ambos, marido e mulher, pertencem à igreja, sendo o restante casado com pessoas de denominações evangélicas diferentes ou de outras religiões.

DOS
318

DADOS PESSOAIS

NOME:		FAZ PARTE DA NAÇÃO NO TEMPLO DE SALOMÃO DESDE:	
BAIRRO ONDE MORA:		CIDADE:	ESTADO:
REUNIÃO: () 7H () 10H () 12H () 15H () 18H30 () 22H		WHATSAPP:	
MEIO DE TRANSPORTE USADO PARA VIR AO TEMPLO? () CARRO () MOTO () ÔNIBUS () TAXI () UBER () TREM () BICICLETA () A PÉ () JAVIÃO			
COMO SOUBE DA NAÇÃO DOS 318? () AMIGO () RÁDIO () REDES SOCIAIS () TELEVISÃO () OUTRO		POSSUI CARRO PRÓPRIO? () SIM () NÃO	
PARTICIPA DE OUTRAS REUNIÕES NO TEMPLO? () TERÇA () QUARTA () QUINTA () SEXTA () SÁBADO () DOMINGO			

PROFISSÃO/TRABALHO

PROFISSÃO:	ESCOLARIDADE: () SEM ESCOLARIDADE () ENSINO FUNDAMENTAL () ENSINO MÉDIO () ENSINO SUPERIOR
SITUAÇÃO ATUAL? () EMPRESÁRIO () TRABALHA POR CONTA PRÓPRIA () EMPREGADO () DESEMPREGADO () ESTUDANTE	VOCÊ POSSUI DÍVIDAS? () SIM () NÃO
VOCÊ É DIZIMISTA? () SIM () NÃO	ALGUMA DÚVIDA COM RELAÇÃO AO DÍZIMO?

PARA OS EMPRESÁRIOS

QUAL O RAMO DO SEU NEGÓCIO?	NOME DA EMPRESA:
O NEGÓCIO TEM DADO LUCRO? () SIM () NÃO	QUANTOS FUNCIONÁRIOS POSSUI? () SIM () NÃO
GOSTARIA DE PARTICIPAR DE UMA REUNIÃO EXCLUSIVA PARA EMPRESÁRIOS? () SIM () NÃO	QUAL SERIA O MELHOR HORÁRIO? () TERÇA (MANHÃ) () SEXTA (MANHÃ) () TERÇA (NOITE) () SEXTA(NOITE)

TESTEMUNHO

QUAL MUDANÇA VOCÊ JÁ VIU NA SUA VIDA DESDE QUE COMEÇOU A PARTICIPAR DA NAÇÃO DOS 318 NO TEMPLO?

PEDIDO DE ORAÇÃO

ESCREVA UM PEDIDO DE ORAÇÃO PARA OS ÚLTIMOS MESES DE 2018 REFERENTE A SUA VIDA FINANCEIRA

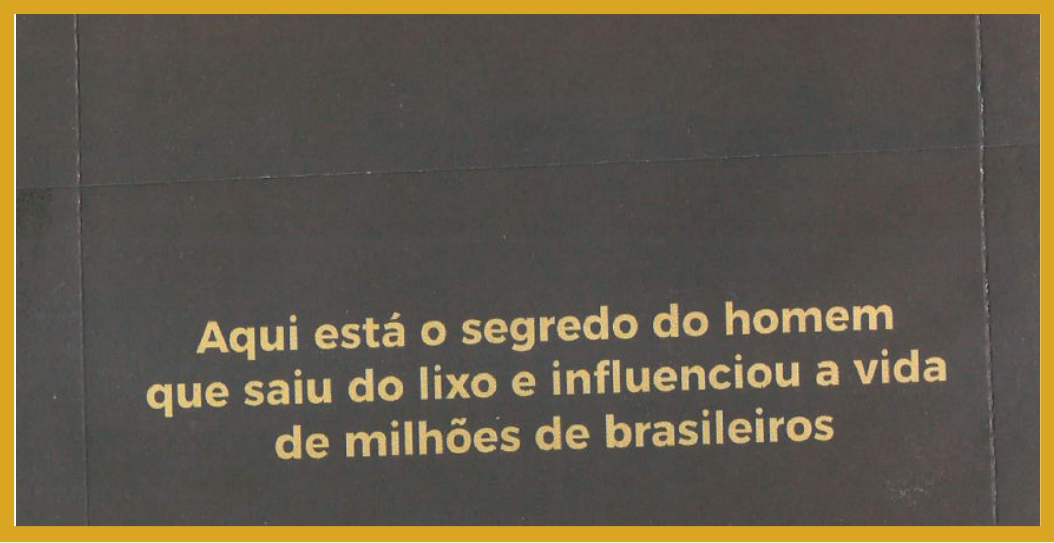
Materiais gráficos e fichas cadastrais reunidos ao longo das Visistas ao Complexo do Templo de Salomão.

Nesta ficha destacamos que os fiéis são separados para registro em duas categorias, referentes ao trabalho.

As categorias são de trabalhador assalariado e a de empresariado.

Existindo uma reunião exclusiva para os empresários, onde seriam dadas bênção e conselhos de organização empresarial. O que também ajuda a construir uma rede de colaboração e sociedade nos negocios.

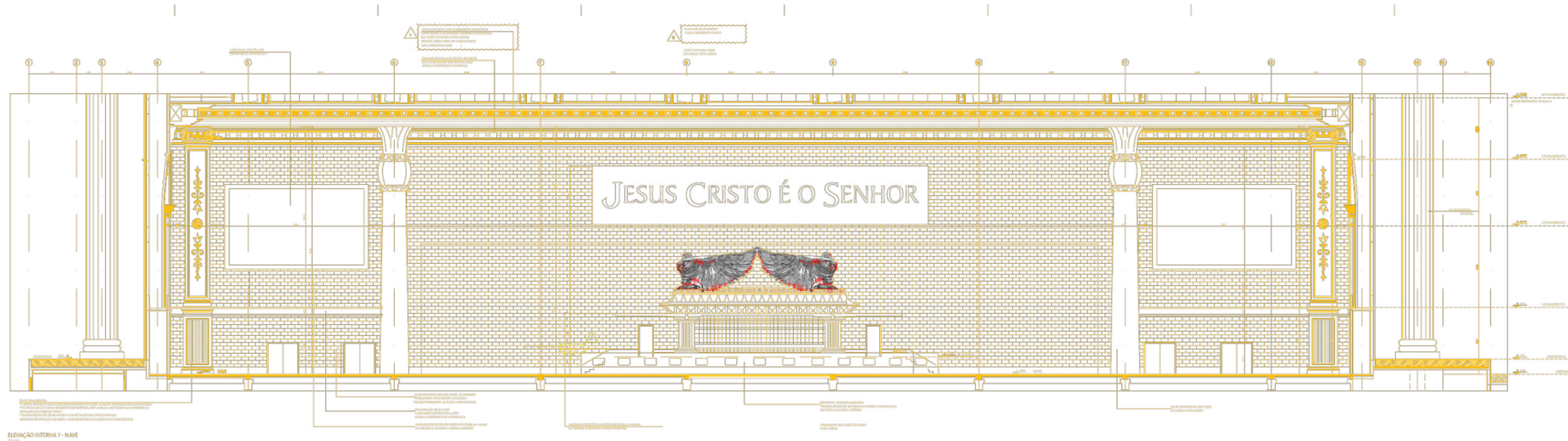
Imagens scaneadas: produtos gráficos distribuidos durante as visitas, reuniões e cultos



Envelopes para a oferta do Dizimo. Colocados no altar em frente toda a igreja com as ofertas, ou recolhidos em bolsas ao longo do culto, passando de fiel para fiel.

ALTAR DO TEMPLO

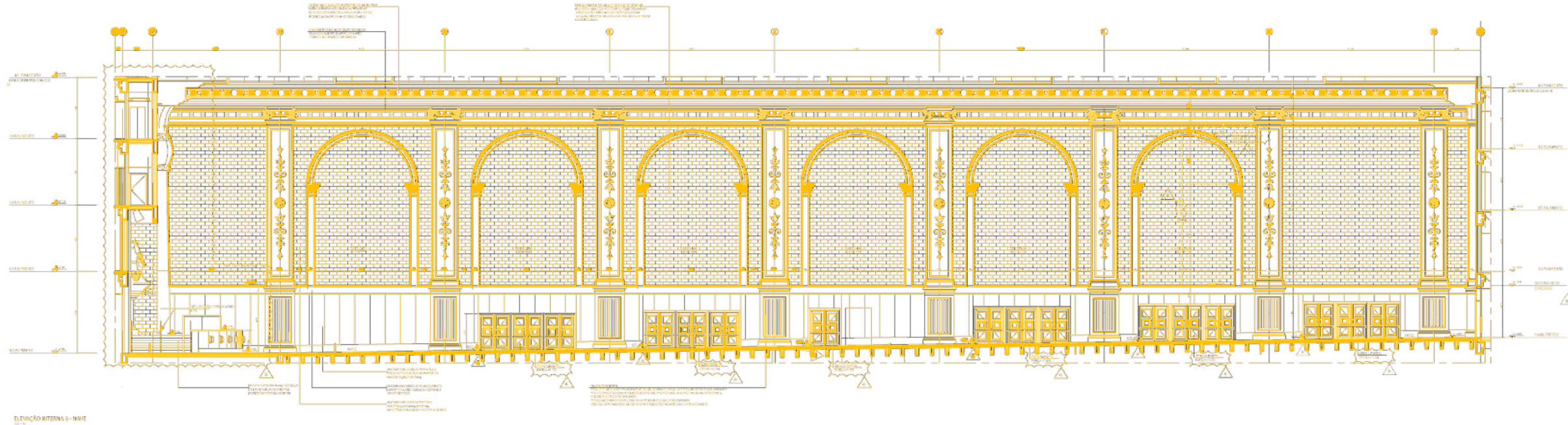
1:75



Desenhos originais do projeto cedidos pelo arquiteto responsável Rogério Araújo. Reprodução autorizada pela instituição UNICAMENTE para esta pesquisa.
RE-edição gráfica: autoral,2021..

ELEVAÇÃO INTERNA DA NAVE DO TEMPLO DE SALOMÃO

1:75



Desenhos originais do projeto cedidos pelo arquiteto responsável Rogério Araújo. Reprodução autorizada pela instituição UNICAMENTE para esta pesquisa.
RE-edição gráfica: autoral,2021..



UMA BREVE HISTÓRIA DOS ANOS
OITENTA



Pastiche, retorno historicista, teorias sobre o banal, o kitsch e o ordinário.

O retorno a símbolos e elementos ligados à tradição histórica não é algo inédito para a arquitetura e foi tema de importantes debates na década de 1980, nos quais podemos destacar figuras como Ricardo Bofill, arquiteto catalão que recria formas clássicas com o uso de materiais para simular o período resgatado. Suas obras unem a forma do classicismo e a alta tecnologia; um exemplo é o Conjunto Antígona (França, 1985), em que se verifica a construção de edifícios de tipologias clássicas, a recriação de um palácio e um arco do triunfo. Em Argumentos em favor da arquitetura figurativa, Graves (2006) disserta sobre as qualidades que os signos e a retomada do passado carregam.

Esse revivalismo e a volta à historicidade e aos símbolos clássicos na arquitetura foi denominado por teóricos de sua época como pós-modernidade, tendo sido compreendido por eles como uma ruptura com o movimento moderno, em relação às suas formas puras, autônomas e abstratas, sendo uma resposta e uma defesa de um estilo arquitetônico mais democrático e popular. A respeito dessa questão, Fredric Jameson afirma que o:

[...] traço desta linha de pós-modernismos é a dissolução de algumas fronteiras e divisões fundamentais, notadamente o desgaste da velha distinção entre cultura erudita e cultura popular (a dita cultura de massa). Possivelmente esta é entre todas a mais desalentadora manifestação da pós-modernidade. (JAMESON, 1985, p. 17).

Essa reação à produção do “alto modernismo” na década de 1980 é, segundo Jameson, fundamentada por duas características: o “pastiche” e a “esquizofrenia”. Por pastiche o autor se refere a um mimetismo, ou uma cópia que quer incorporar para si as idiossincrasias e singularidades do original que copia. Ao tomar para si essas características, o elemento pastiche confronta a ideia de originalidade, exercendo assim, além de uma cópia, uma paródia das singularidades e excentricidades do original.

Já por esquizofrenia, o autor se refere não a uma patologia psíquica, mas a uma experiência temporal do sujeito, de materialidade e significante isolados, desconectados e descontínuos, que não tem um encadeamento coerente, “um significante que perdeu seu significado”²⁰ e se transforma com isso puramente em imagem” (JAMESON, 1985, p. 23).

²⁰ Os termos significante e significado são utilizados aqui em consonância à teoria linguística elaborada pelo teórico Ferdinand de Saussure. São conceitos apresentados na obra Curso de Linguística Geral, de 1916, um compilado de notas de suas aulas ministradas na Faculdade de Genebra entre os anos de 1907 e 1910. Os dois termos – significado e significante – exprimem a combinação que dão origem ao signo, estando o significante associado à forma, e o significado ao conteúdo. Signos podem ser ícones ou índices, mas, para o interesse desta pesquisa, podemos entender o signo como aquilo que caracteriza e se refere a algo material, ou como a soma entre forma e conceito.

O retorno aos símbolos, formas e imagens históricas torna-se, segundo o autor, um significante superficial, que não carrega em sua reprodução os valores concretos que representariam em sua origem. Isso exprime um novo valor de uso baseado em trocas dominadas por signos e imagens descoladas temporal e ideologicamente.

O livro se divide em duas partes: a primeira é um estudo de caso sobre estacionamentos e letreiros, além de apresentar uma análise de espaços arquitetônicos construídos artificialmente, como oásis, desertos e totens; a segunda parte é ligada às imagens, simbolismos e iconografias.

Embora muito esquecidos pelos arquitetos modernos, os precedentes históricos do simbolismo em arquitetura existem, e as complexidades da iconografia continuam a ser uma parte importante da história da arte. Os primeiros arquitetos modernos desprezaram a reminiscência em arquitetura. Eles rejeitavam o ecletismo e o estilo como elemento da arquitetura, assim como qualquer historicismo que minimizasse o revolucionário em detrimento do caráter evolutivo de sua arquitetura, baseada quase exclusivamente na tecnologia. (VENTURI, SCOTT BROWN, IZENOUR, 1972, p. 135).

As formas simbólicas e icônicas foram reduzidas na produção modernista, que muitas vezes se concentra no objeto arquitetônico como uma forma disposta no espaço, refletindo mais sobre questões como textura, cores e geometria, colocando em segundo plano o uso de símbolos ou formas clássicas²¹.

Com fotos e desenhos produzidos durante visitas a Las Vegas, o livro evidencia o uso de elementos simbólicos e iconográficos aplicados às construções, os quais não estabelecem relação direta com as funções dessas edificações, que são em sua maioria cassinos, mas utilizados como uma forma de enobrecimento: “Embora algum desses elementos seja também funcional, as calhas são, mas não as pilastras – todos são explicitamente simbólicos e associam as glórias de Roma aos refinamentos do edifício”. (VENTURI, SCOTT BROWN, IZENOUR, Ibid., p. 141).

O uso do simbolismo e da iconografia tem como uma de suas finalidades a sedução do visitante de Las Vegas, apelando a formas já conhecidas e consagradas que trabalham a favor de uma comunicação mais direta e de um encantamento mais eficaz. Podemos caracterizar a produção estética do Complexo do Templo de Salomão como um exemplo dessa estratégia de comunicar diretamente por meio de formas clássicas.

²¹ Esta observação sobre a disposição espacial dessas formas, que afastam ao contra plano as questões simbólicas, dialoga, aqui, com a seguinte análise dos autores: “As formas iconográficas e os adereços da arquitetura medieval e renascentista foram reduzidos à textura policromática a serviço do espaço. (VENTURI, SCOTT BROWN, IZENOUR, 1972, p. 135).



Imagem: Foto autoral tirada ao longo das visitas



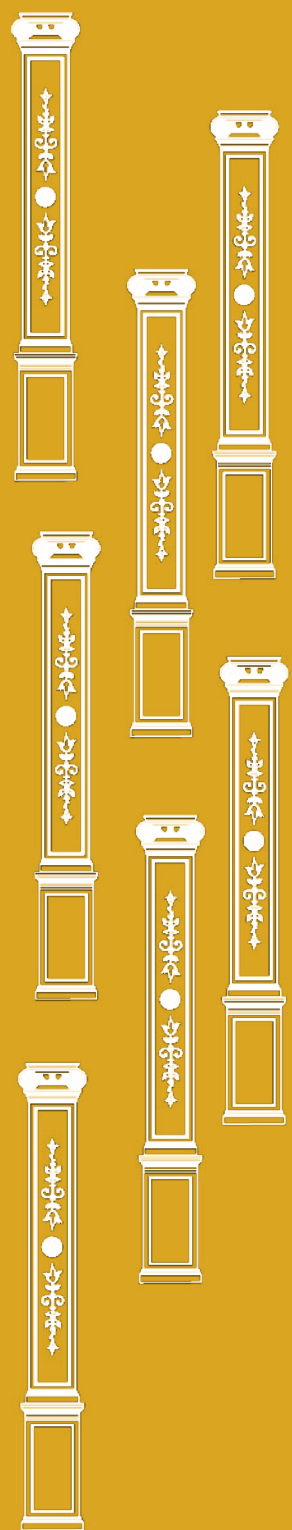
Imagem: Hotel Cassino Luxor - Estado Unidos, Las Vegas .



Imagem: Sala de Espera. Foto autoral tirada ao logo das visitas



Imagem: Interior do Hotel Cassino Luxor



O USO DA FORMA CLÁSSICA NO BRASIL

Comparações de dois usos das formas clássicas arquitetônicas no Brasil forma e cultura / gosto e ideologia.

A reprodução de símbolos clássicos e a elaboração de projetos com características iconográficas e históricas na arquitetura produz uma série de associações, entre as quais a distinção de classe e o pertencimento a identidades culturais²². Usuários, estabelecimentos e instituições que habitam ou fazem uso dessa tipologia arquitetônica se apropriam dessas qualidades, que são criadas para assinalar e representar simbolicamente uma suposta superioridade nas hierarquias econômicas e sociais.

Em seu livro *La distinction. Critique sociale du jugement* (1979), Pierre Bourdieu expõe a maneira pela qual a concepção de um “gosto certo”, de valor absoluto, funciona, na verdade, como um código de identificação social. Produtores e detentores desse “gosto certo” determinam os códigos da elegância, regulando, por meio dos seus interesses, os méritos e virtudes das produções artísticas e culturais de sua época. Como produtora das formas desse “bom gosto” dominante, a arquitetura trabalha como dispositivo político e gera mecanismos de distinção de classe, contribuindo assim para o julgamento depreciativo de outros estilos e, principalmente, das preferências populares.

A tradicional colaboração entre a produção arquitetônica e a elite econômica também se relaciona com a origem social padrão dos profissionais da arquitetura, majoritariamente oriundos da classe alta ou média alta. Contudo, é preciso salientar que não basta “ser rico” (financeiramente) para obter o empoderamento da dominação cultural e estética. Para isso é preciso ter critérios de classe interiorizados, oriundos de uma educação qualificada e do convívio com seus iguais. Os sujeitos sociais apelidados de “novos ricos” e os emergentes compõem uma classe social que, por vezes, adquire ganho financeiro com uma rapidez desproporcional ao seu grau de instrução cultural e de conhecimentos. Testemunhamos, assim, a histórica disputa de poder e reconhecimento entre “burguesia” e “nobreza”.

Quando as formas tradicionais e históricas são revisitadas, propagam-se simbolicamente os valores de sua época. Sua reprodução e manutenção reconhece uma organização social do passado, em grande parte constituída pela existência de uma nobreza; pelo monopólio econômico de pequenos grupos; pelo acesso à educação e erudição distintiva elitizada; pela subserviência dos mais pobres e, por fim, pelo estabelecimento da ordem social organizada por classes e castas.

A escolha dessa estética – antiquada e arcaica – eleita como o “bom gosto/gosto certo” pelas classes (economicamente) dominantes, expõe o seu desejo de pertencimento identitário e formativo como mecanismo para estabelecer distinção social e benefícios de poder. O Brasil – assim como todo país latino-americano – não foi um participante ativo e referente à era clássica da arquitetura. Ainda assim, ocorre a predileção e a fabricação de obras “clássicas”, que são financiadas pelas elites. Trata-se de uma conduta estratégica para a criação de proximidade, correlação e pertencimento dessa classe latino-americana à sociedade europeia, considerada superior à sociedade nacional e ao contexto atual. Ao operar dessa maneira, a elite nacional demonstra, em larga escala, uma mentalidade colonial, isto é, que sustenta a continuidade do processo de colonização.

²² A associação entre arquitetura clássica e pertencimento social costuma relacionar esse estilo arquitetônico com: a) a posse dos recursos financeiros e grande investimento, necessários para a construção de tais obras, na maioria das vezes em grande escala; b) domínio de conhecimentos históricos, traço de uma formação educacional consistente, socialmente vinculada à erudição. Tais características são determinantes na hierarquização social e juízo de valor e intelecto.

Ao importar modelos europeus – estéticos e ideológicos –, a classe alta nacional cumpre uma função de alienação e passividade, por meio da valorização e aplicação de modelos exteriores e “civilizatórios”, sem as devidas preocupações críticas e sem nenhuma reflexão acerca das adaptações estéticas e construtivas advindas das necessidades regionais. Desse modo, nega-se e dificulta-se a composição de um projeto nacional de desenvolvimento sociocultural.

A impressão é que a história se retirou, deixando para trás de si uma nebulosa indiferente. São nestes vazios que refluem os fantasmas de uma história, a panóplia dos acontecimentos das ideologias e das modas retro (...). (BAUDRILLARD, 1981 p. 60).

Ao promover essa plástica e a escolha por modelos clássicos ou estilos retrô, a arquitetura consente com conservadorismos ideológicos e práticas sociais nostálgicas.

Na medida em que determinada parte da sociedade – aquela economicamente dominante – não se sente representada pela produção arquitetônica local e contemporânea, e volta seu olhar para um passado distante e imaginado como representante ideal de seus gostos e ideologias, gera-se uma nostalgia conservadora (neoconservadorismo) praticada por uma série de neo/new/re, que são orientados por uma época regressiva e pela recusa aos valores e plásticas atuais e regionais²³.

MAKE AMERICA GREAT AGAIN

²³ Cabe neste ponto tecer um comentário sobre a ordem executiva para edifícios públicos promulgada em dezembro de 2020, pelo então presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Tal ordem executiva foi bradada por agentes do governo e pela mídia americana com o lema: “Tornando os edifícios federais bonitos de novo” – eco do slogan da campanha trumpiana de 2016. O decreto impôs a promoção da arquitetura clássica, a exclusão dos estilos modernos e a desaprovação dos movimentos Brutalista e Desconstrutivista, citados nominalmente no texto da emenda. Especialistas em arquitetura, norte-americanos, comentaram a ação presidencial de modo crítico. Phineas Harper, ex-vice-diretor da Associação de Arquitetura, declarou publicamente em jornais: “Independentemente da história, a estética clássica se tornou um apito de cachorro para certo grupo de nacionalistas - um código para a brancura.” Reinhold Martin, professor de arquitetura da Universidade de Columbia, discorreu: “A ordem executiva não tem sentido. [...] Este é um esforço de usar a cultura para enviar mensagens codificadas sobre a supremacia branca e a hegemonia política.” Outras organizações, como a National Trust for Historic Preservation, também se manifestaram e condenaram a ordem, apontando mandatos semelhantes de líderes fascistas como Mussolini e Hitler, que favoreciam a estética clássica. Por outro lado, representantes da Casa Branca declararam à rede Bloomberg Television (dezembro, 2020) que pesquisas revelaram que “a maioria dos americanos prefere estilos tradicionais de arquitetura” e que “o design dos edifícios federais deve refletir as preferências estéticas e simbólicas das pessoas para as quais foram construídos”. A ordem também foi exaltada pela National Civic Art Society, que se pronunciou: “Os americanos há muito entenderam que a arquitetura clássica não é apenas bonita, mas incorpora os valores-chave de nosso governo representativo. Vale destacar que, por quase 50 anos, Trump foi um magnata do mercado imobiliário, preferindo o modernismo padrão de aço e vidro em seus negócios. A ordem “Tornar os edifícios federais bonitos de novo” não existe mais. Joe Biden, novo presidente eleito, revogou em fevereiro de 2021 a ordem executiva de Trump. (Ver: Anexos).



Loja Villa Daslu ,2005. - Vila Olimpia . São Paulo



Modelo de lojas da Havan S.A. - Empresa brasileira do setor varejista.
Havan – Sede Mogi-Mirim. Estado de São Paulo.



Modelo de lojas da Havan S.A. - Empresa brasileira do setor varejista.
Havan – Sede Limeira - Estado de São Paulo.



Acima, uma casa à venda em Barueri, no valor de R\$ 14,7 milhões, localizada no condomínio de alto padrão Tamboré (terreno de 2.870 metros quadrados) pela Betta Consultoria & Negócios Imobiliários



Imagem: Mansão do músico Gustavo Lima - Bela Vista ,Goiás. Estimada em torno de R\$ 50 milhões. Noticiada na grande imprensa e amplamente comentada pelos canais e mídias de entreterimento do País.

Dois pesos, duas medidas.

Nas últimas décadas, o estilo clássico considerado “de bom gosto/gosto certo” tem sido lentamente abandonado pelas elites econômicas, mas ainda é possível encontrar construções de alto padrão orientadas nesse sentido. No entanto, transmitir capital econômico e cultural, ou elevar o status de importância de um edifício através da inserção de formas e símbolos clássicos, não é mais uma prática restrita às elites econômicas. Essa aplicação plástica na arquitetura já foi incorporada ao gosto e às construções das classes médias e baixas, e pode sinalizar a identidade de um “new-rich”, sendo esse mesmo movimento de apropriação por outras classes um dos motivos de abandono do estilo. Esse aspecto pode ser exemplificado a partir da intervenção de modernização na antiga Villa Daslu:

Pouco sobrou da arquitetura neoclássica rica em colunas visíveis do lado de fora. A obra de retrofit aproveitou parte da estrutura para levantar um prédio em estilo moderno, cheio de vidro espelhado e placas de metal brancas. (G1 SÃO PAULO, 2015).

24



²⁴ Trecho da matéria “Modernização apaga neoclássico e cria prédio na antiga Daslu”, escrita pelo jornalista Márcio Pinho para o portal G1 São Paulo, que foi publicada em 16 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/01/retrofit-apaga-estilo-neoclassico-e-cria-predio-moderno-na-antiga-daslu.html> Acesso em: 18 jan. 2021.

A utilização da arquitetura histórica no templo de Salomão, assim como na Villa Dasllu e nas lojas Havan, por exemplo, tem como um de seus objetivos sinalizar riqueza e enobrecimento através de simbolismos. No entanto, ainda que o objetivo dessas instituições seja semelhante, a aplicação dessa plástica no Brasil não produz o mesmo efeito.



Imagem: Casa a venda no bairro Morumbi- São Paulo. SP
Bairro reconhecido como morada das Classes A e B.

Temos acima dois casos de uso de formas clássicas e históricas no Brasil, com dois edifícios que são do mesmo ano. O primeiro, localizado em um bairro nobre, foi construído com materiais de qualidade, tem citações e formas clássicas que optam pela sobriedade, com combinações plásticas que anseiam, ainda que apenas visualmente, um conjunto minimamente coerente; já no segundo caso, o uso das formas e símbolos do passado no edifício torna-se um ‘pop’ arquitetônico, um anacronismo que, formalmente, confere uma desorganização temporal dos elementos construídos, sem a menor preocupação sobre a unidade da composição visual e com a coerência dos espaços.

De início, é preciso observar que nas construções do primeiro caso, os materiais observados são concretos e verdadeiros, ou seja: o que se vê mármore é, de fato, mármore, e não um revestimento parcial ou ilustrativo.. Por outro lado, no segundo caso, por vezes, o material empregado às obras forja seus elementos construtivos através de revestimentos ilustrativos de materiais nobres.



Imagem: Casa no bairro de PERus, São Paulo. SP
Bairro reconhecido como morada das Classes C e D.

A construção de edifícios como os do segundo caso, acarretam a formação de uma tipologia arquitetônica que, através de citações históricas, produz pastiches e cenografias ecléticas, pelas quais ocorrem experiências corporais e imersão imaginativa, características com maior apelo popular, que se contrapõem à contemplação e análise, que são de natureza mais intelectualizada.

Uma análise sobre esse teor cenográfico pode ser encontrada no estudo que Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcanti (2007) desenvolveram sobre a arquitetura de motéis cariocas, conforme descrito nos excertos abaixo:

A funcionária se apresenta vestida de gueixa e as suítes têm nomes de cidades japonesas. O gerente confirmou ser, de fato, “oriental, de inspiração japonesa, a linha do estabelecimento. (...): trabalhamos muito com elementos que remetem à fantasia erótica [do cliente], ao lado oriental da coisa. O objetivo é esse: que o casal se transforme num samurai e numa gueixa...” (GUIMARAENS; CAVALCANTI, 2007, p. 62-63, grifo acrescentado).



Imagem: Motel Romanus. Jardim Nova Iguacu, Piracicaba, SP.

Encontramos réplicas de castelos medievais, construções egípcias e merotomias, prédios com estrutura moderna pintados em cores berrantes ou revestidos de materiais luxuosos, como mármore, granito etc., presença de pinturas murais com alusões eróticas ou pequenos chalés separados uns dos outros compondo certa paisagem bucólica. (Ibidem, p. 80).

Nessas arquiteturas encenadas – produzidas para o gosto popular – além da elevação do status social, por meio do seu consumo, coexiste o desejo de uma experiência de se retirar de seu tempo, como se o futuro e o passado fossem os lugares de liberdade para imaginação e ficção; o presente, por sua vez, é o lugar temporal do realismo obrigatório.

Por exemplo, um motorista passa em frente da imponente fachada imitando um grande solar inglês do século XV (Motel Sherwood, em Porto Alegre), de um castelo medieval de pedra, com torres monumentais, ponte levadiça e grades de ferro (Motel Excalibur, Jundiaí, São Paulo), ou de outro, um pouco mais modesto, com altas muralhas ameadas (Motel Medieval, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro), ou ainda de uma estrutura e fachada de grande dimensão, inspirada em um navio (Motel Vis-à-Vis, Santa Catarina). (Ibidem, p. 62).



Imagem: Motel Gregus. Castelinho, Sorocaba - SP,



Imagem: Classic Motel. Rod. Washington Luiz,São Paulo, SP.

Arquiteturas e ambientes com cenografias e temáticas clássicas, tanto em motéis quanto em boa parte das produções de baixo custo, estimulam a criação, indução e recepção de fantasias, o que resulta na promoção de uma arquitetura provedora de experiências (corporais e cognitivas) descompromissadas.

Sendo assim, observamos que enquanto no primeiro caso o revivalismo das formas da arquitetura clássica é lido (unicamente) como “certo”, tradicional e imponente, no segundo caso, sua aplicação é, geralmente, vista por duas perspectivas: (1) interpretada por uma grande parcela da população como uma obra arquitetônica convidativa, com abertura e indução a experiências recreativas e descompromissadas; (2) subjugada por um grupo de críticos, estudiosos e autointitulados conhecedores da prática arquitetônica, que as veem com menos prezo e traço indicativo de um “gosto vulgar” e, portanto, empobrecido.



A diferença na interpretação e recepção do uso dessas formas nas obras se deve a muitos fatores. Focando no objetivo traçado para este trabalho, nos deteremos aos de natureza arquitetônica, observando os principais motivos para separação e rebaixamento dessas reproduções clássicas.

No Templo de Salomão ocorrem os dois modos de uso do classicismo arquitetônico exemplificados acima. Se assemelha ao primeiro caso pela aspiração de uma elitização de classe e de uma promoção de ideologias conservadoras pela forma, e ao segundo caso pelo emprego de materiais ilusórios, parciais e aplicados à superfície.

Imagem: Motel Egyptus. Rod. Raposo Tavares. São Paulo, SP



Imagem: Motel Gregus. Castelinho, Sorocaba - SP,



SOBRE O USO DOS MATERIAIS

Falseamento e via de mão dupla

Além da presença e uso de símbolos e formas clássicas, os materiais utilizados na montagem de cenários e paisagens artificiais dos anexos do Complexo do Templo de Salomão também são objetos de análise deste trabalho. A respeito das decisões desse caráter material e, consequentemente, construtivo, podemos iniciar a análise a partir da reflexão elaborada pela filósofa Otilia Arantes sobre o Teatro Del Mondo de Aldo Rossi:

[...] fantasiosas e extravagantes, tais fachadas não escondiam o papelão e as madeiras com que foram construídas [...] como se tudo isso não bastasse, referências abundantes ao teatro completavam a parafernália de recursos de toda sorte mobilizados para produzir uma impressão de irrerealidade. (ARANTES, 2000, p. 30).

O procedimento de imitar materiais apenas na superfície é um movimento a favor da visibilidade e da impressão na arquitetura. A construção passa por uma planificação que vai corresponder predominantemente aos códigos da imagem, sendo um indício de adaptação das obras a uma nova cultura que vive sob o signo do olhar.

Otilia Arantes observa ainda: “noutros termos: a arquitetura é igualmente fonte primária da experiência do simulacro (por certo, não com a mesma eficácia com que uma garrafa de Coca-Cola tenta nos convencer de que ela é The real thing).” (Ibidem. p. 50).

O uso contínuo de revestimentos figurativos e a aplicação de materiais que tem por objetivo suggestionar e imitar outros possui semelhanças com a prática da arquitetura pós-moderna e com a sua teoria já produzida. Seu uso, aliás, é o sintoma de uma arquitetura planificada. Esta ação transforma uma produção tridimensional em bidimensional, retirando-a da experiência do corpo e a transferindo completamente para o olhar.

A maioria dos elementos materiais simulados no Templo de Salomão tem por finalidade enobrecer e elevar o prestígio simbólico e econômico da construção. Essa característica de utilizar materiais simulados como estratégia de enobrecimento também pode ser observada em uma obra icônica e inicial do pós-modernismo, o Portland Building, de autoria de Michael Graves, em Portland (1980), Oregon.

Os materiais utilizados na construção do Templo, ainda que tenham a pretensão de aparentar elevado valor financeiro, são comercializados em larga escala na construção civil, com baixo preço de mercado e pouca durabilidade (com algumas exceções).²⁵

²⁵ O processo de revestimento foi descrito pelo arquiteto responsável pela obra, Rogério Araújo, durante entrevista. (Ver: Anexos, página 53).



Imagem: Foto autoral tirada ao logo das visitas



Imagem: Foto autoral tirada ao logo das visitas

A relação entre os materiais de construção e a produção cultural é de codependência. A arquitetura está ligada ao sistema construtivo: ela precisa do sistema industrial e dos avanços tecnológicos da construção civil, enquanto também trabalha com questões formais, relacionadas aos processos culturais de gostos e tendências. Essa é uma via de mão dupla: tanto a indústria e a tecnologia da construção civil influenciam a cultura quanto a cultura demanda produtos e avanços da indústria. Em nenhum momento essa conexão se estabelece ou se constrói de modo unilateral.

A soma das peças e dos revestimentos produzidos através desses materiais ordinários compõe a montagem de ambientes na obra. Sobre a montagem dessa cenografia, proclama-se:

Um passeio temático e único no mundo. Visitantes viajam no tempo ao conhecer a réplica fiel do Tabernáculo de Moisés, entrar no Memorial dos Templos de Jerusalém e caminhar pelo Jardim das Oliveiras Centenárias. É um pedaço da Terra Santa no coração do Brasil. (TEMPLO DE SALOMÃO, 2018).

Com isso, verifica-se a vontade e a contínua construção de uma experiência durante a visita à obra:

(...) passear pelo jardim das Oliveiras centenárias é como caminhar pelo Monte das Oliveiras em Jerusalém. Algumas delas têm mais de 400 anos. Mensagens de reflexão em cada árvore nos remetem aos tempos bíblicos, nos dando uma ideia de como os heróis da fé viveram e venceram naquela época. Uma experiência indescritível! (Idem.)²⁶. .

²⁶ Disponível em: <https://sites.universal.org/templodesalomao/> Acesso em: 29 ago. 2019.

Para Jameson (1985), o ato de acentuar a irrealidade estaria ligado a uma esquizofrenia pós-moderna na qual o sujeito, por um sentimento de mundo desmaterializado e pela perda de referencial, aborda estas hiper-realidades e abstrações como última instância dos sentidos. Para o autor, o pós-modernismo não é apenas um fenômeno arquitetônico isolado de produção formal, mas sim uma nova forma de estrutura social decorrente de mudanças nas tecnologias e nas finanças globais, em que várias camadas de saberes sociais estabelecem relações.

As raízes dessa periodização denominada pós-modernidade, conforme sugere o autor, se encontram nas manifestações da década de 1960, momento que marca a transformação da economia e o início do movimento de massificação das mídias. Para Jameson (1985), o ato de acentuar a irrealidade estaria ligado a uma esquizofrenia pós-moderna na qual o sujeito, por um sentimento de mundo desmaterializado e pela perda de referencial, aborda estas hiper-realidades e abstrações como última instância dos sentidos. Para o autor, o pós-modernismo não é apenas um fenômeno arquitetônico isolado de produção formal, mas sim uma nova forma de estrutura social decorrente de mudanças nas tecnologias e nas finanças globais, em que várias camadas de saberes sociais estabelecem relações. As raízes dessa periodização denominada pós-modernidade, conforme sugere o autor, se encontram nas manifestações da década de 1960, momento que marca a transformação da economia e o início do movimento de massificação das mídias.

Acredito que a emergência da pós-modernidade está estreitamente relacionada à emergência desta nova fase do capitalismo avançado, multinacional e de consumo. Acredito também que seus traços formais expressam de muitas maneiras a lógica mais profunda do próprio sistema social. (JAMESON, 1985, p. 12).

As características formais aqui descritas se estendem à relação que o indivíduo estabelece com a arquitetura e ao modo como vivencia suas experiências. Jameson nos alerta sobre o vínculo entre a produção formal e as novas formas de apreensão e fruição do sujeito no que se refere à arquitetura:

Neste caso, os dois traços da pós-modernidade sobre os quais muito me alonguei — a transformação da realidade em imagens, a fragmentação do tempo em uma série de presentes perpétuos — são ambos extraordinariamente consentâneos com este processo. (Ibidem, p. 16-26).



Imagem: Estacionamento - Foto autoral tirada ao logo das visitas



CENOGRAFIA E EXPERIÊNCIA DE CARÁ-
TER INDUZIDO

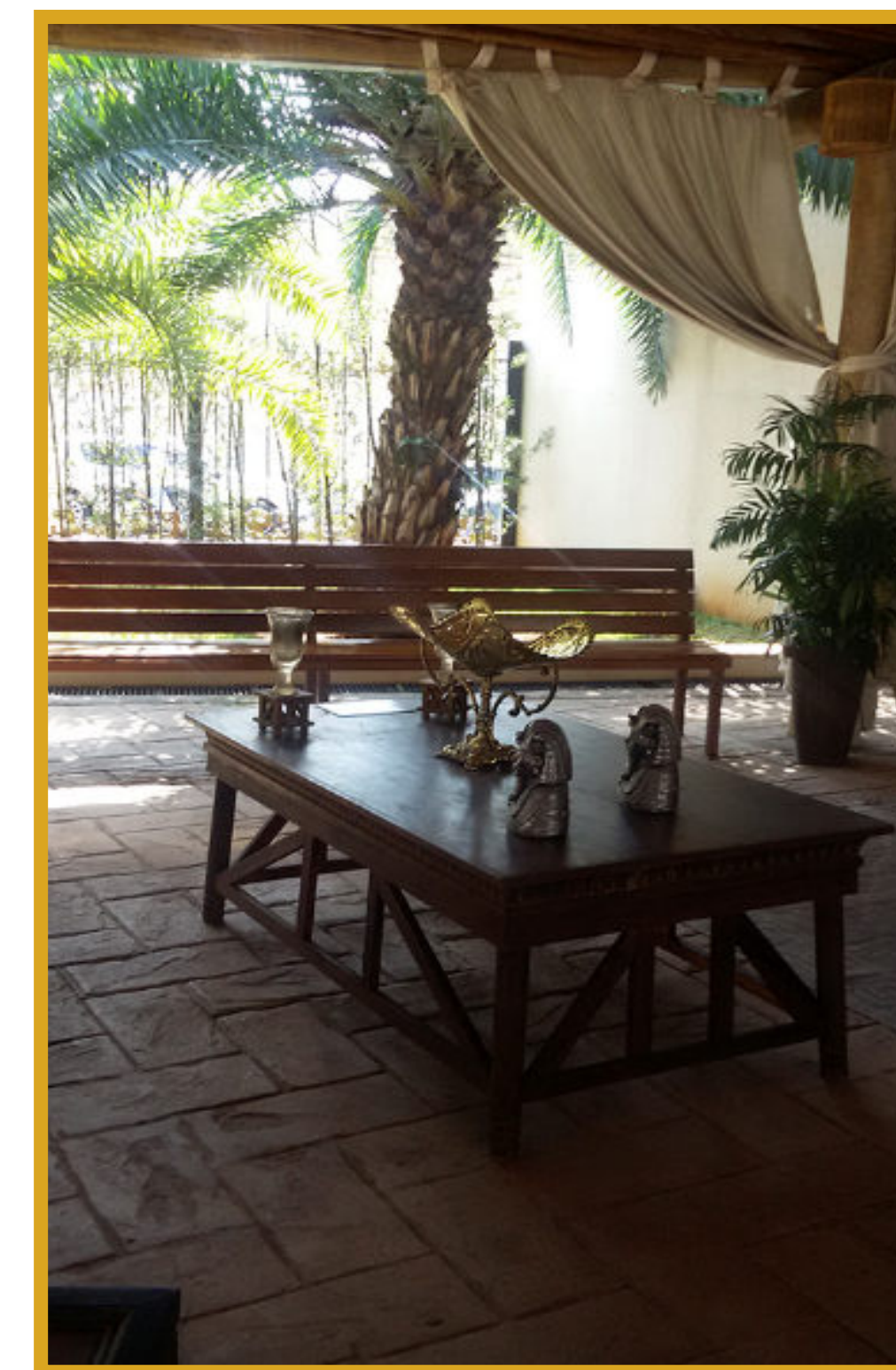
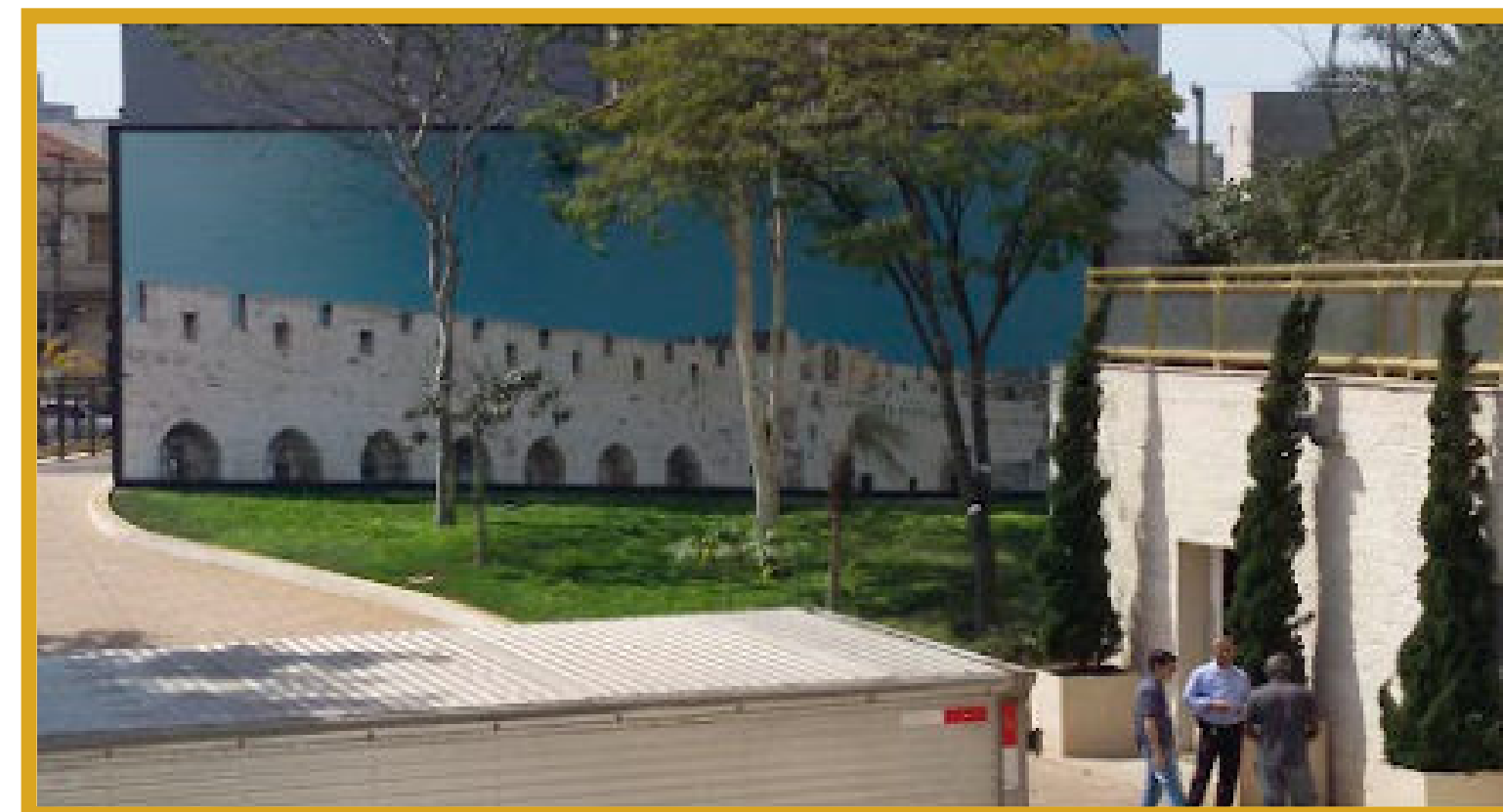


Um passeio temático e único no mundo. Visitantes regressam ao passado para conhecer a réplica fiel do Tabernáculo de Moisés, entrar no Memorial dos Templos de Jerusalém e caminhar pelo Jardim das Oliveiras Centenárias.

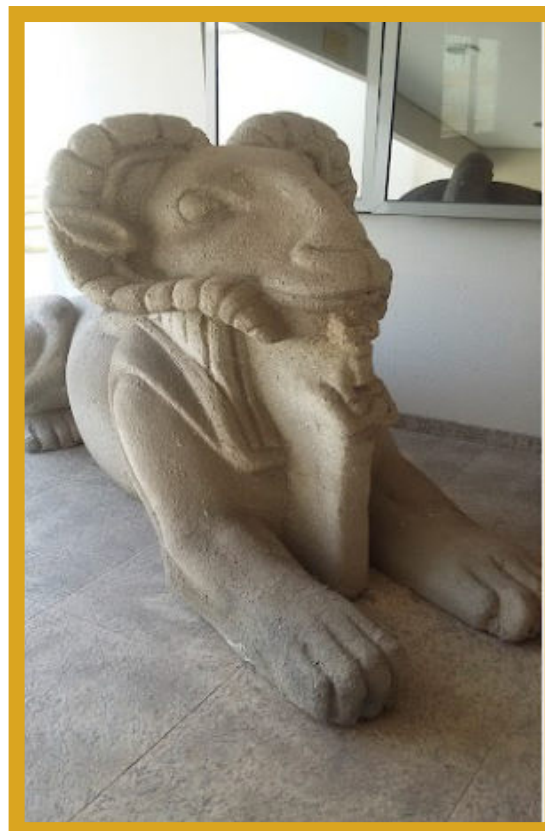
Um pedaço da Terra Santa no Brasil.

AGENDE SUA VISITA

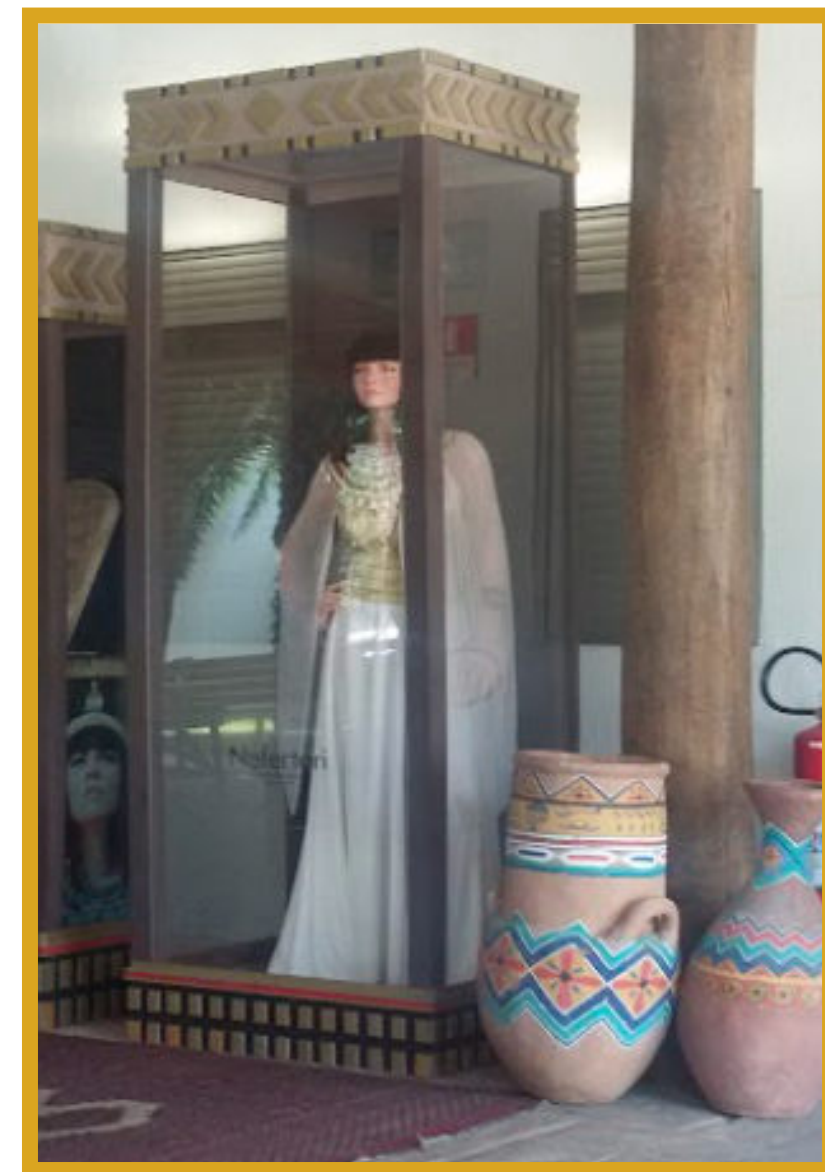
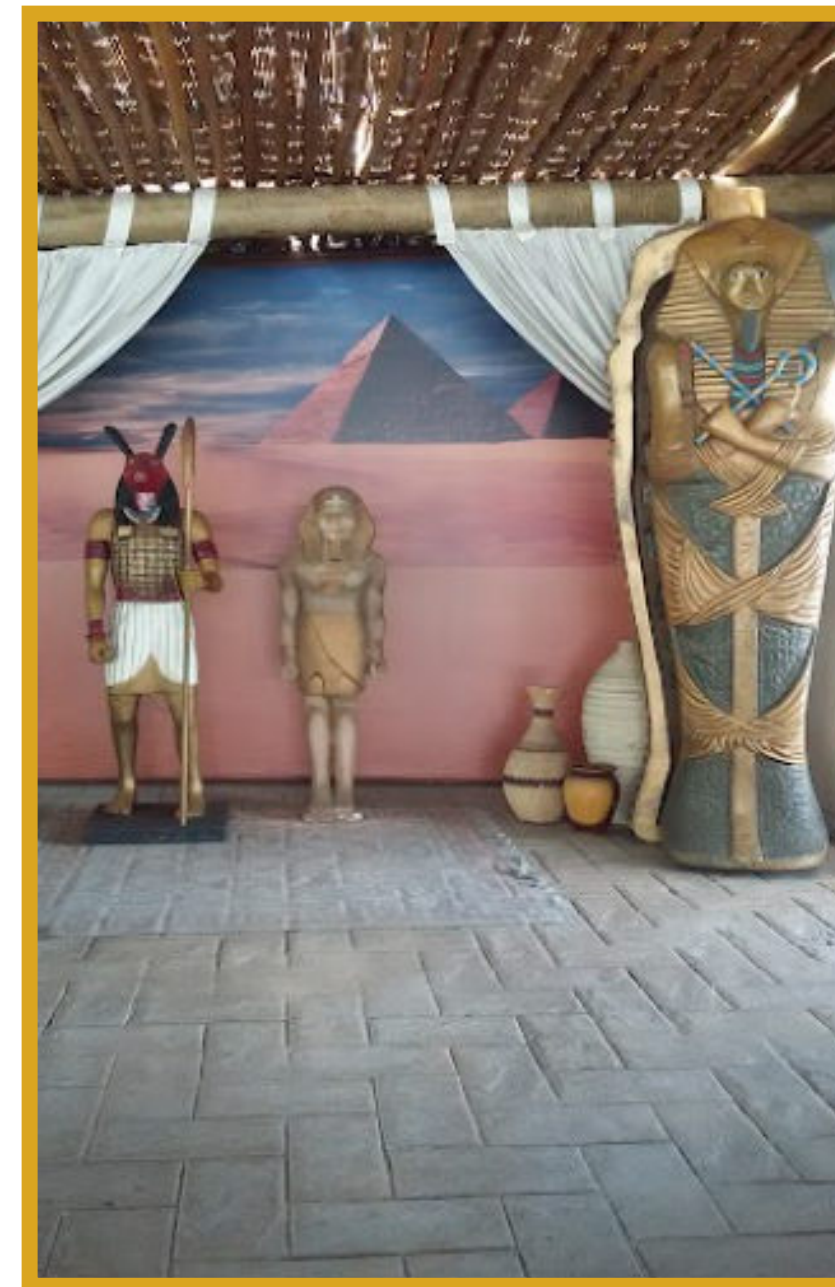
Propaganda do site oficial do Templo. Disponível para consultam em: <https://www.otemplodesalomao.com/sitetemplo-de-salomao/>



Imagens: Estacionamento e Sala de Espera para as visitas - Foto autoral tirada ao logo das visitas



Imagens: Tabernáculo e Deserto - Foto autoral tirada ao logo das visitas



Imagens: Sala de espera para as visitas - Foto autoral tirada ao logo das visitas

Interiorização das “strips” e a construção de hiper-realidades históricas.

No entanto, a partir da década de oitenta, o foco parece ter se deslocado dos futuros presentes para os passados presentes; este deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo precisa ser explicado histórica e fenomenologicamente. (HUYSEN, 2000, p. 9) ²⁷



Imagem: Parque Temático: Terra Santa, Buenos Aires, 1999, Argentina.

²⁷Posteriormente, em 2011, em uma conferência intitulada Fronteiras do pensamento, Jameson retoma conceitos tratados nos textos e livros de sua autoria aqui citados, redefinindo e diferenciando pós-modernismo de pós-modernidade. O primeiro seria um estilo formal de produção/pensamento cultural (ou seja, a periodização de um estilo), e o segundo uma estrutura econômica, que hoje pode ser chamada de capitalismo tardio ou globalização. O pós-modernismo surge nos anos 80, predominantemente por meio da arquitetura (depois se expande a outras linguagens), mobilizando as produções formais e teóricas desse campo. A diferença entre os termos também se expressa no fato de a pós-modernidade ser de natureza duradoura, diferente das produções culturais e de consumo que são de natureza mais dinâmica, variante. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=nSNAhib3B_M> Acesso em: 29 ago.2018.

Na Bienal de Arquitetura de 1980, bem como nos espaços analisados em Las Vegas, ocorre a prática de um estudo de arquiteturas que tratam de simulação material. Mas como ambos os casos são produtos de raciocínio e de projeto arquitetônico, também se caracterizam por ambientes e ambientações criados artificialmente.

No artigo Reaprendendo com Las Vegas: uma metástase urbana do entretenimento ²⁸, de 1996, Pasqualino Romano Magnavita²⁹ , articula uma leitura um pouco mais recente e próxima dos fenômenos construtivos de Las Vegas. Ainda partindo de bases da teoria pós-moderna, o Professor Magnavita reexplora os lugares e as análises realizadas pelos autores de Aprendendo com Las Vegas, observando as mudanças que ocorreram passadas duas décadas. Sua ênfase de leitura está no que ele nomeia “interiorização da strip”, um conceito importante para esta pesquisa, uma vez que coloca em jogo relações entre público e privado. Em linhas gerais, o autor argumenta que os elementos outrora direcionados às ruas, placas, fachadas e ao carro, agora estão interiorizados em ambientes fechados, nos cassinos e hotéis.

“Os longos percursos nos interiores dos cassinos equivalem, hoje, à permanência ontem no Strip.”. Continuando a discorrer sobre essa interiorização, o autor diz: “Desaparece, portanto, exterior/interior, na medida em que se está confinado voluntariamente a um grande espaço interior.” (VENTURI, SCOTT BROWN, IZENOUR, 1972, p. 27, apud MAGNAVITA, 1996).

Especificamente sobre o projeto arquitetônico dessas interiorizações, o autor discorre:

Concorre para tal heterogeneidade e fragmentação estilística um conjunto de recursos de natureza técnica (efeitos especiais e de iluminação), matérias nobres e um elevado nível de competência de quem manipula tais recursos, de forma a permitir o convívio de ambientes solenes e luxuosos, evocativos e referidos a repertórios eruditos como outros próximos ao mundo de Disney ou de arranjos grotescos e de paródias, constituindo o que nos meios acadêmicos denomina-se de pastiche. (VENTURI, IZENOUR, Ibidem. p. 27).

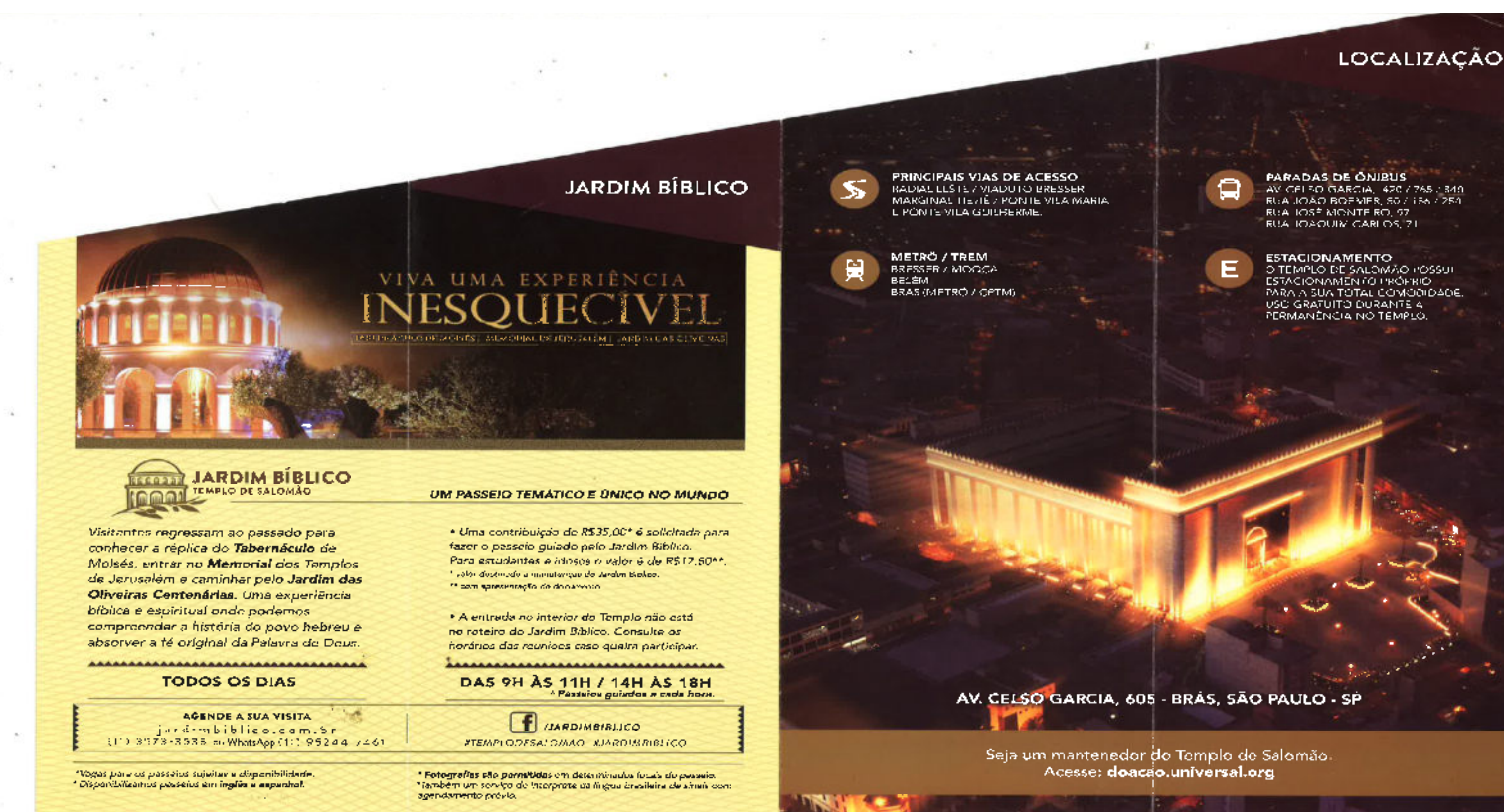
²⁸Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/issue/view/349/showToc>> Acesso em: 30 ago. 2018.

²⁹Arquiteto e Doutor, professor do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA.



Imagens: Tabernáculo- Foto autoral tirada ao logo das visitas.

Esta passagem sobre “O Jardim das Oliveiras”, ademais, é um dos exemplos que sublinham a tentativa de construção teatral e cenográfica mencionada anteriormente. Os elementos compõem uma ideia de espaço reconstruído artificialmente, fora de seu tempo e contexto, e as visitas guiadas também direcionam os visitantes, já que os guias estão sempre vestidos como sacerdotes e narram histórias bíblicas ou iniciam discussões a fim de ambientar os trajetos a serem percorridos.



Assim, verifica-se a existência e a continuidade da construção destes espaços que ressaltam teatralidade, bem como a sua forte constituição cenográfica, construída a partir de materiais plásticos e temporários que simulam uma materialidade histórica e duradoura.

Além da relação de esquizofrenia pós-moderna delineada por Jameson (1985), podemos refletir sobre essas táticas de teatralidade presentes no Templo de Salomão à luz das proposições de Huyssen (2000)³⁰, que acredita que a informática e a midiatização acentuaram o medo da perda de uma determinada memória, transformando o historicismo em demanda e produto. O filósofo Jean Baudrillard (1981), por seu turno, entende essas hiper-realidades como práticas de simulação de um suposto original extremado, no qual a experiência (vertigem) se aproxima das grandes exposições, do cinema e da televisão³¹.



Templo de Salomão do Parque de diversões Religioso: Holy Land Experiece . Orlando, Flórida, Estadp Unidos.

³⁰O ano da publicação do livro é 2000, mas o autor elabora essa ideia em 1986 na obra “Afterthe Greatdivide made massculture, posmodernism”.

³¹A possibilidade de miniaturizar todos os mundos também pode ser observada em Museus tradicionais,suas a partir de suas coleções e salas tematicas - Ver as próximas imagens.



Imagens: Templo de Dendur e acervo do Museu Metropolitan.. Nova Iorque, Nova York Estado Unidos.

Concatenando as proposições desses autores, torna-se válido ressaltar que o simulacro não se caracteriza por uma cópia, uma vez que adquire autonomia em existência, simulando e anulando o seu original. Conforme afirma Baudrillard (1981, p. 13), “enquanto a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro”. Neste sentido, para Baudrillard, longe de ser um disfarce ou uma cópia, o simulacro é uma superficialidade verdadeira e, antes de tudo, um sintoma cultural da nossa sociedade.

Essa construção de fantasia não é de uso exclusivo da arquitetura pela IURD, pois a instituição tem um catálogo significativo de produções audiovisuais que engloba telenovelas, filmes de grande orçamento, séries e desenhos infantis. É importante salientar que parte das filmagens dessas novelas ocorre no Complexo do Templo de Salomão, já que propicia uma cenografia de época. Além disso, existe uma montagem fixa de um deserto para as filmagens e um acervo composto por bonecos de cera das personagens e figurinos originais utilizados nas produções, que fica localizado na entrada em que se inicia a visita guiada ao Templo. .

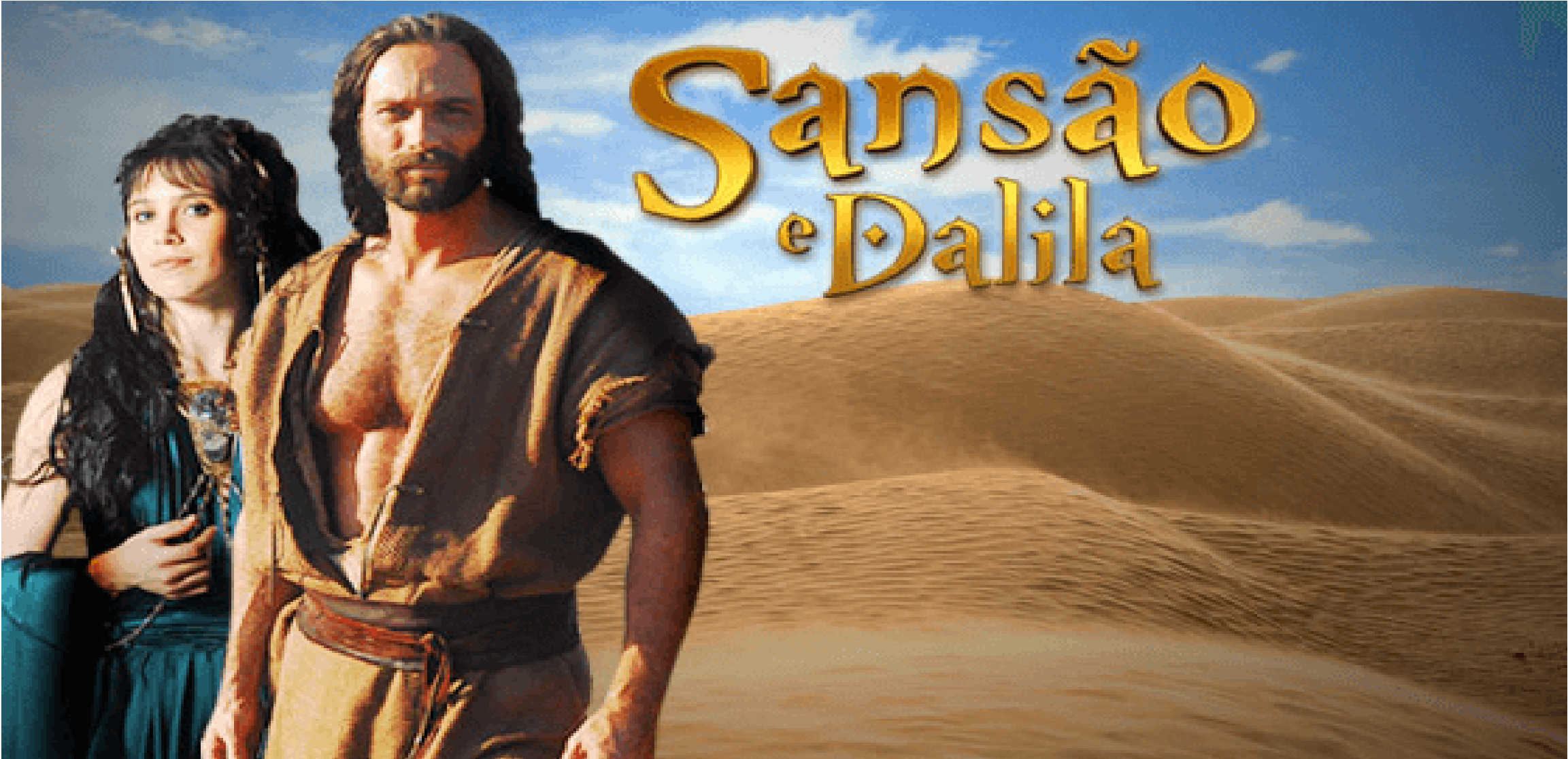


Imagem: Sansão e Dalila - Minisérie. Produção Record - Flyer para propaganda 2010



Imagem: Gênesis- Minisérie. Produção Record - Flyer para propaganda. Janeiro de 2021.



ARQUITETURA RECREATIVA

De Coney Island à Terra Santa

Um parque de diversões temático é um pequeno universo, uma coleção de elementos emblemáticos que estão todos reunidos em um só lugar, onde o visitante tem poder sobre tudo. Diferente da cidade moderna funcionalista, um parque pode ser categorizado como um lugar de aventura, porém seguro, arquitetado pelo princípio do “faz de conta”, isto é, partindo das criações e das imaginações como fontes principais dos comportamentos.

A arquitetura empresta aos parques de diversões sua técnica cenográfica, seu ecletismo. As formas do passado muitas vezes coincidem com as que habitam os sonhos e as fábulas e, por isso, são tão recorrentes em parques temáticos. Ao materializar o mundo dos sonhos, os parques de diversões constituem uma utopia em seus poucos ou muitos metros quadrados.

Em outras palavras, podemos considerar que o lúdico traz para a arquitetura de arquétipos o que há de mais popular. Assim, se constatamos que, nas artes visuais, a arte pop está ligada à mídia – por que não identificar Hollywood e as produções da Disney como parques de diversões adultos? O que aparece de mais popular nas construções arquitetônicas desses parques são os símbolos e as construções clássicas, isto é, as formas que habitam o imaginário compartilhado no que se refere à fantasia.

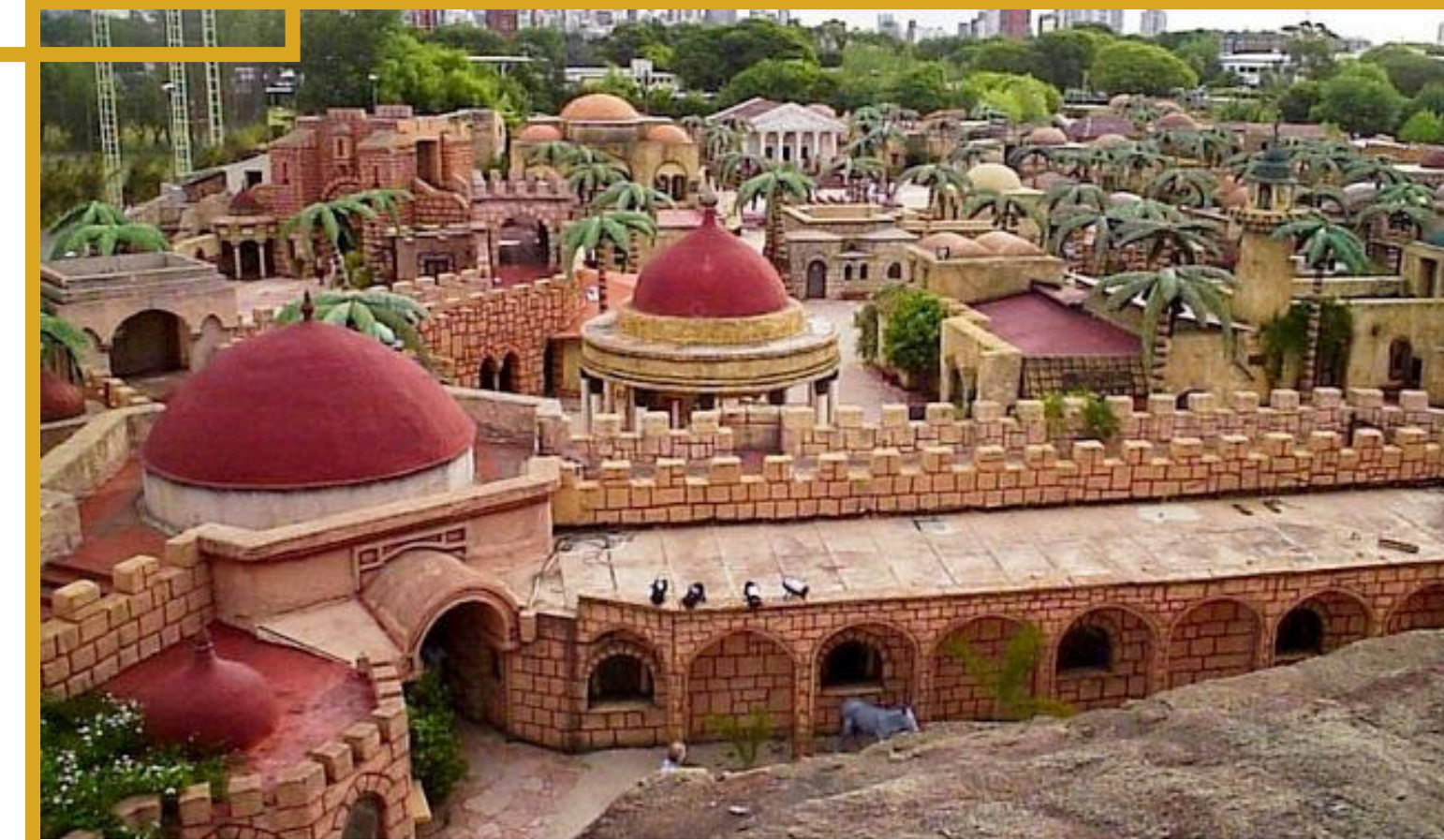
É a prática de uma arquitetura recreativa que permite incitar a imaginação e conceder a licença para vivenciar a ficção. Os parques de diversões, espaços abertos e principalmente receptivos à imaginação e à espontaneidade – algo cada vez mais raro nos espaços sociais compartilhados e na própria mentalidade contemporânea, extremamente produtivista – criam vínculos com a cultura popular e com esse desejo por um momento de exceção, que não é produtivo nem sóbrio. Para que a construção arquitetônica consiga acessar o maior número de imaginários pessoais é preciso que ela ofereça um lugar e referências comuns, sejam arquétipos ou sonhos compartilhados.

Essa cenografia compartilhada – adulta ou infantil – está nas construções temáticas, na forma de entretenimento, e é, portanto, gerenciável: com horário para abrir, fechar ou com a cobrança de valores e os limites de idade. Ao administrar sonhos, utopias e imaginação, essas produções estão a serviço de seus usuários em duas variáveis: o aprazimento e a alienação.

Utilizada desta maneira, a arquitetura temática, cenográfica e simbólica torna-se uma fórmula bem-sucedida de democratização do bem-estar, da incitação ao exercício imaginativo e, muitas vezes, ainda que de modo não consciente e assertivo, trabalha a favor da disseminação de formas clássicas e tempos históricos.

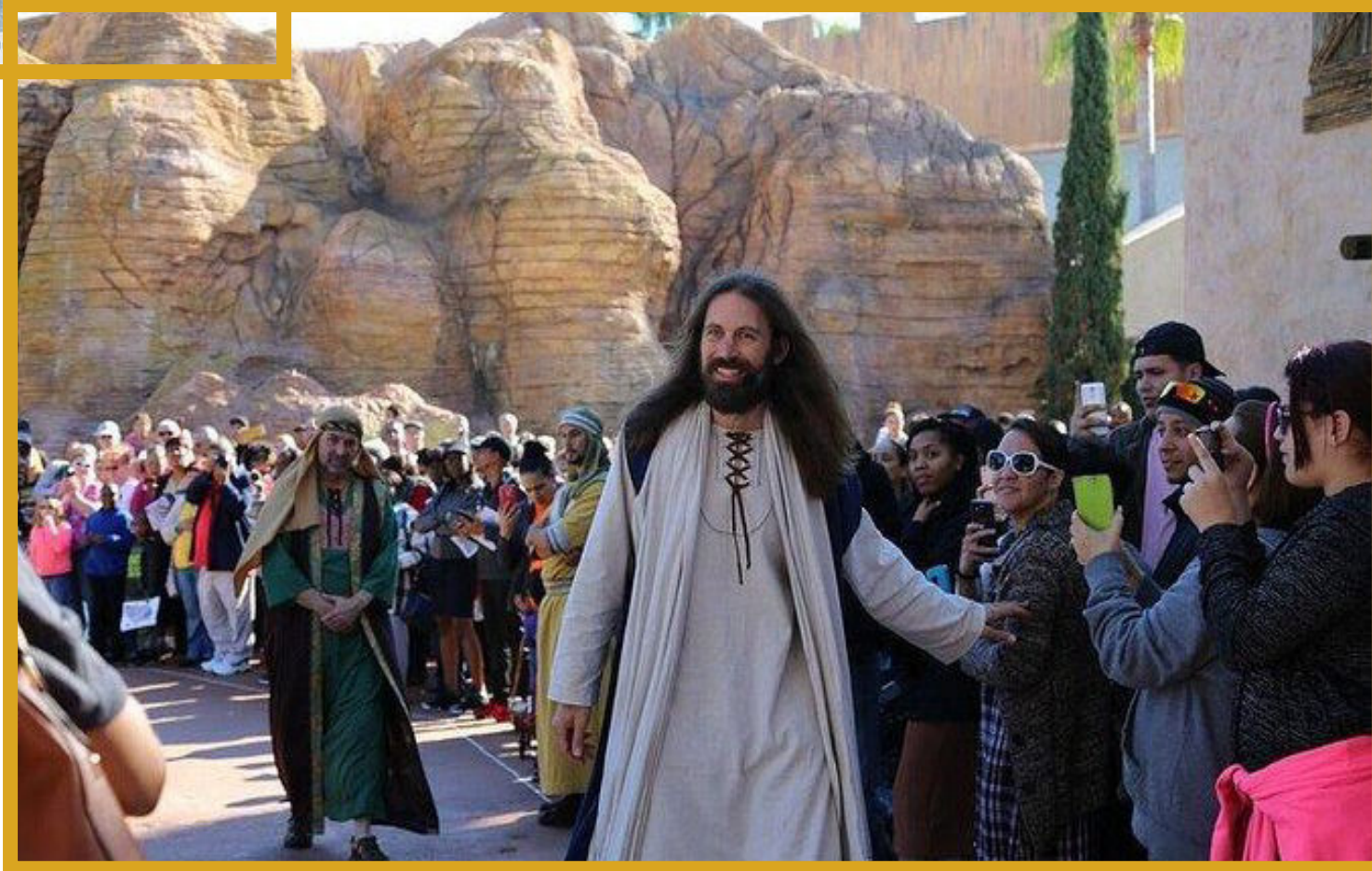


Tierra Santa. Buenos Aires, Argentina – Inauguração:1999





Holly Land Experience. Orlando, Flórida – Inauguração: 2002



Imagens. Site Oficial . Disponível em: <https://holylandexperience.com/>

Passear pelo Jardim das Oliveirass centenárias é como caminhar pelo monte das oliveiras em Jerusalém. Algumas delas tem mais de 400 anos. Mensagens de reflexão em cada árvore nos remetem aos tempos bíblicos, nos dando uma ideia de como os heróis da fé viveram e venceram.

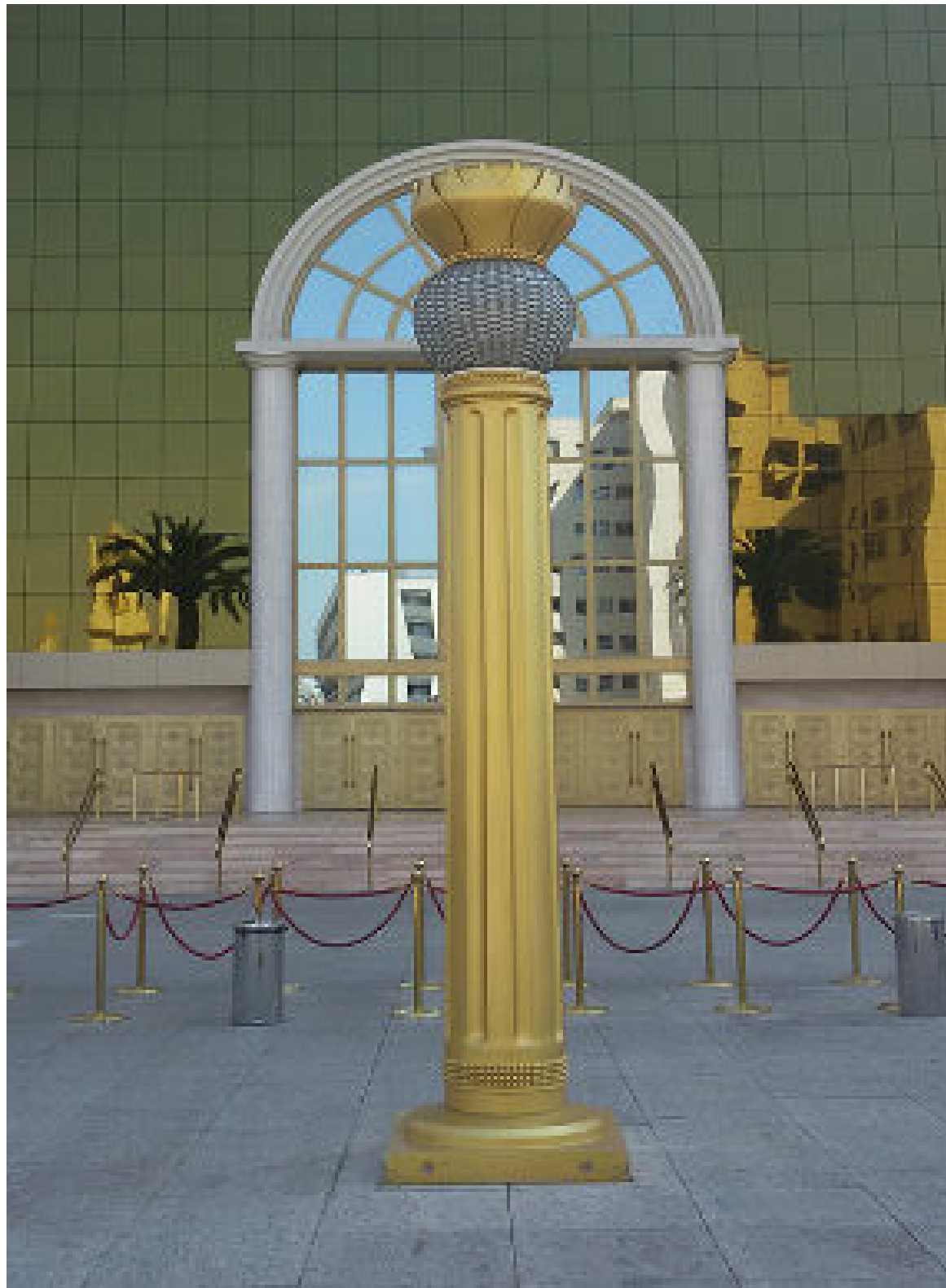
Uma experiência indescritível!



Propaganda do site oficial do Templo. Disponível para consultam em: <https://www.otemplodesalomao.com/sitetemplo-de-salomao/>



FANTASIA, FORMA E
FUNÇÃO



Imagens: Entrada para o Templo - Foto autoral tirada ao logo das visitas.

Relações entre a opulência do edifício e a Teologia da Prosperidade. pato galpão.

A principal doutrina da IURD – a Teologia da Prosperidade – está embasada na crença de duas idealizações: ganho material e superação, sendo esses os argumentos fundamentais e sempre presentes nas construções narrativas das superproduções audiovisuais e midiáticas da instituição. Deste modo, além dos cultos e sermões, sua ideologia também é amplamente difundida por veículos de comunicação social e formação cultural

Ocorre que parte dessa ideologia, também conservadora, trabalha em prol de um sistema econômico e político, tomando posse de diversas ferramentas criativas e administrando uma construção imaginativa a seu favor. Um exemplo disso é a criação e o uso do Complexo do Templo de Salomão, obra que seduz pela forma e conquista por meio da experiência.

A construção do Complexo e a elaboração das visitas guiadas são, portanto, uma amostra do modo como o conservadorismo vem se apropriando, aplicando e se aperfeiçoando à elaboração de narrativas e ao exercício de imaginação e inventividade, inclusive no que se refere à arquitetura. Por meio desse leque de recursos, a instituição religiosa se populariza e conquista adeptos, muitas vezes convictos e irredutíveis.

A construção dessa obra de época e a produção de uma experiência (próxima ao consumo) através das visitas guiadas são duas características que aproximam o Templo a uma parte da produção da pós-modernidade arquitetônica. Uma vez que suas ferramentas típicas são incorporadas ao processo de proselitismo da igreja, ocorre a conexão de um passado (imaginado) próspero e persecutório³² ao tempo presente da vertente religiosa.

O Complexo do Templo de Salomão, sediado no bairro do Brás, é uma construção religiosa que, entre outras coisas, oferece um passeio temático e cultos em suas instalações – além de toda a infraestrutura já descrita. A rigor, sua função é rememorar as ordens do Antigo Testamento e efetuar a defesa da narrativa bíblica. Entretanto, o Templo também opera como instrumento simbólico a favor de uma ideologia que não se separa das demais produções culturais e dos movimentos políticos agenciados pela instituição.

Ao rememorar o Templo e sua época, a IURD recorre à criação de um pertencimento historiográfico – a história dos hebreus –, que implica uma narrativa de perseguição religiosa, na qual seus fiéis são vitoriosos e triunfam sobre qualquer obstáculo terreno.³³

³² A ideia de perseguição faz movimento anti Rede Globo, anti-igreja católica e aproxima por semelhança com a história de perseguição dos Hebreus.

³³ Para o entendimento da construção narrativa de perseguição e para a compreensão da sequência dos fatos e da lógica de superação como conclusão, ver os filmes: “Nada a perder: contra tudo por todos” (2018) e “Nada a perder 2: Não se pode esconder a verdade” (2019). Os dois volumes, dirigidos por Alexandre Avancini, são a sequência cinebiográfica sobre a trajetória do bispo evangélico, escritor e empresário Edir Macedo

Ao fazermos uma análise detalhada e crítica das escolhas materiais e formais que constituem o Templo, bem como dos serviços prestados, em relação ao momento político de sua inauguração, podemos compreender que suas intenções vão além da simples cópia de um templo original. Afinal, estão agregadas à construção mensagens políticas e simbólicas, além de uma contínua função de espalhamento de discursos e práticas de convencimento.

Dentre as mensagens simbólicas, infere-se uma autoproclamação de poder que se reflete na própria escala do Templo, maior que o original, a fim de “dar conta do maior número de fiéis possível”³⁴, sem mencionar o empenho (não necessariamente material, mas formal) de exibir aspectos ostensivos e luxuosos por meio dos quais a igreja emite mensagens simbólicas do poder de alcance em ganhos materiais que sua crença possibilita. Essa trama de elementos formais atesta a eficácia da prática da Teologia da Prosperidade.

É importante salientar que a maioria das sedes das igrejas iurdianas constituem o que teóricos denominam como templos garagens³⁵, que não possuem o requinte e o refinamento característicos do Templo de Salomão. Este é considerado a central da igreja, sendo assim entendido como a imagem e a representação final da instituição, validado pelos fiéis, mas principalmente pelos pastores da IURD, como o verdadeiro indício da potência prática da Teologia da Prosperidade.

Desse modo, mesmo que o Complexo seja uma construção fora do padrão dos templos e igrejas espalhados pelas metrópoles do país, ele opera como referencial, isto é, como algo pertencente a todos os fiéis. Ademais, trata-se de um “objeto” cuja realização se deu a partir da junção de todos os dízimos, com contribuições de diversos pastores e igrejas menores, que são, portanto, corresponsáveis pelo feito.

O Templo também cumpre um papel de reviravolta para a instituição, já que a IURD, desde sua criação, foi duramente perseguida pelos veículos de comunicação hegemônicos e por grandes autoridades do Judiciário e do Legislativo. Ao construir uma sede com essas proporções, cuja inauguração contou com a presença de convidados políticos das altas patentes dos poderes Executivo e Legislativo (a então presidenta Dilma Rousseff, ex-presidentes, governadores, ex-governadores e representantes importantes da economia, do empresariado e da mídia brasileira), a IURD assume um novo lugar social, vitorioso e abastado, que triunfou depois de tantos ataques e obstáculos institucionais.

³⁴ Argumento defendido pelo arquiteto da obra durante entrevista disponível nos anexos deste trabalho.

³⁵ Sedes construídas em bairros periféricos, adaptados a locações de garagens, com pouca infraestrutura.



Foto da inauguração do Templo - Nela estão da direita para esquerda: Geraldo Al
Fonte: <https://fotos.estadao.com.br/fotos/acervo,templo-de-salomao,492629>



Imagem: Site oficial do Templo de Salomão. Disponível em: <https://www.otemplodesalomao.com/jardim-biblico/>

Ainda que, em maioria numérica, os templos garagem não sejam os representantes do poder construtivo, estrutural e econômico iurdiano, representam um importante vínculo para seus fiéis e uma rede de articulação com importantes instituições nacionais. Assim, não causam dúvidas sobre o poder de prosperidade intrínseco à prática iurdiana, que tem seu contorno absoluto no Complexo do Templo de Salomão.



Imagens: Mobiliário do Templo e Entrada do Templo- Foto autoral tirada ao longo das visitas.

O Templo foi instituído para ser visitado, conhecido, homenageado e, sobretudo, para representar a edificação patrimonial da qual a fé e a prática da doutrina – juntamente ao trabalho – são responsáveis e capazes.

São realizadas inúmeras excursões de fiéis, organizadas por pequenas sedes da igreja espalhadas por toda a América Latina e em países africanos. Analisando essa semântica de centralidade que ocupa entre os seus doutrinados, identificamos que no Templo de Salomão a forma segue sua função, que é a de enobrecimento, promoção da riqueza, bens e patrimônio, sendo perceptível o impulso e o incentivo ao ganho e à saúde financeira. Nesse sentido, o sucesso material é a representação dos resultados obtidos através da prática da fé

Há tempos a Igreja Universal do Reino de Deus se envolve em pautas econômicas diretamente ligadas ao empresariado com o argumento de empoderamento econômico de seus fiéis. A instituição também vem atuando nos debates relativos às pautas de hábitos e costumes sociais, posicionando-se majoritariamente em defesa da sua interpretação de moralidade cristã.

Apesar disso, como exposto anteriormente, a instituição também opera de forma maleável, se adaptando principalmente no que se refere à organização econômica, podendo, assim, se posicionar de maneira não moralizante e conservadora em determinadas pautas que tangenciam este tema, sobretudo quando ocorre uma junção de agendas de costumes e econômicas. Por exemplo, na discussão sobre o direito ao aborto, que é aparentemente contraditória aos credos e doutrinas conservadoras da instituição, seus líderes se mostraram publicamente defensores da prática, em prol de uma administração da taxa de natalidade que resultaria em maior organização financeira das famílias.

Eu não vou condenar essa mulher se ela resolver abortar. Porque vão sofrer os pais e a criança. Neste caso, a meu ver, o aborto não seria pecado. Os que são contra o aborto não sabem o que é passar fome. (MACEDO, 200).

A primeira discussão pública em defesa do aborto foi realizada pelo fundador e maior representante da IURD, e data de 1997, em um culto que reuniu 114.515 pessoas no estádio do Mineirão, em Belo Horizonte. Posteriormente, em 1999, ao ser publicamente questionado, reafirmou convictamente sua posição, que se manteve no ano de 2020³⁶, quando, em seu blog e site oficiais – onde há a presença de 76% de seu público –, o pastor se colocou como defensor e favorável à legalização em uma enquete sobre aborto³⁷.

³⁶ Matérias que datam de 1997, 1999 e 2020 podem ser conferidas nos respectivos links: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc061006.html>
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3110199907.html><http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/enquete-do-site-oficial-do-bispo-edir-macedo-aponta-76-a-favor-da-discriminalizacao-do-aborto><https://www.universal.org/bispo-macedo/blog>
Acessos em: 28 jan. 2021.

³⁷ As circunstâncias defendidas publicamente pelo líder e pastor Edir Macedo para que possa ocorrer a interrupção da gravidez são: estupro, risco de morte materna, anomalias fetais e dificuldades econômicas. Ao pautar dificuldades econômicas suscita-se – ainda que indiretamente - uma via de escolha das classes baixas sobre a gestação. O pastor condena publicamente o sofrimento e as mortes alarmantes derivadas de abortos clandestinos dos quais as vítimas são mulheres sem apoio espiritual ou familiar.

Este posicionamento também foi veiculado em eventos e publicações oficiais da Instituição, a exemplo do Jubileu de Prata (2013, p. 72): “A Igreja Universal do Reino de Deus orienta os casais a programarem o número de filhos e, em alguns casos, a terem consciência de que é melhor não tê-los”.

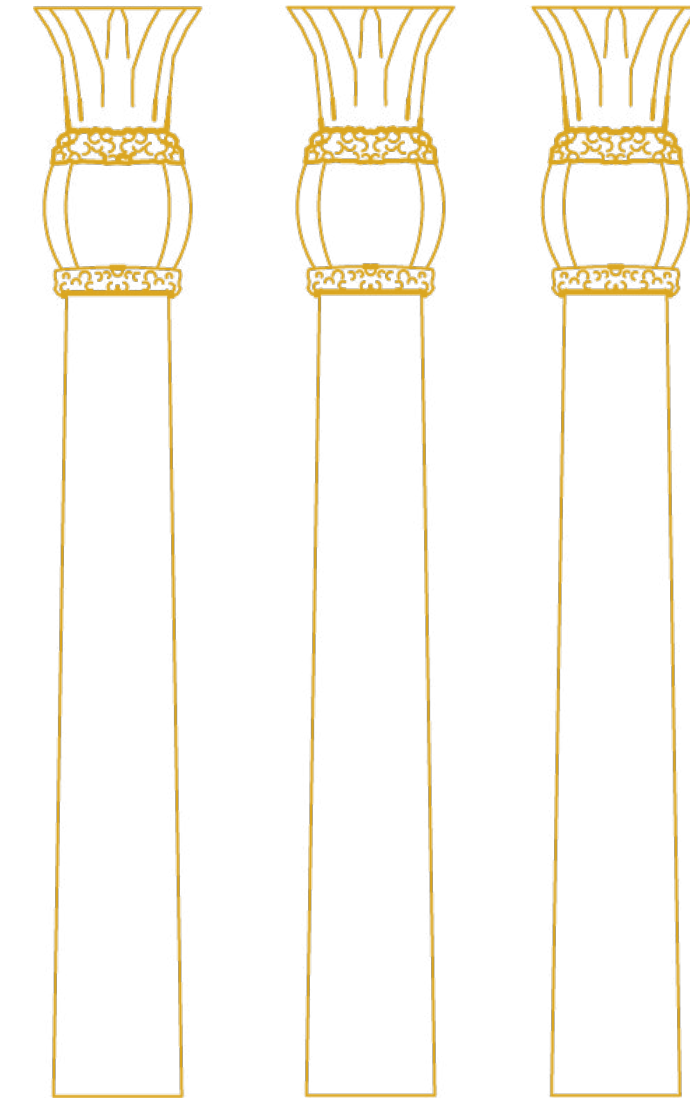
Ainda que esse posicionamento seja também uma forma ideológica de se contrapor à Igreja Católica (vista como oponente), o importante é notarmos como a instituição flexibiliza seus vieses mais conservadores e moralizantes em benefício de sua defesa fundamental: a prosperidade material.

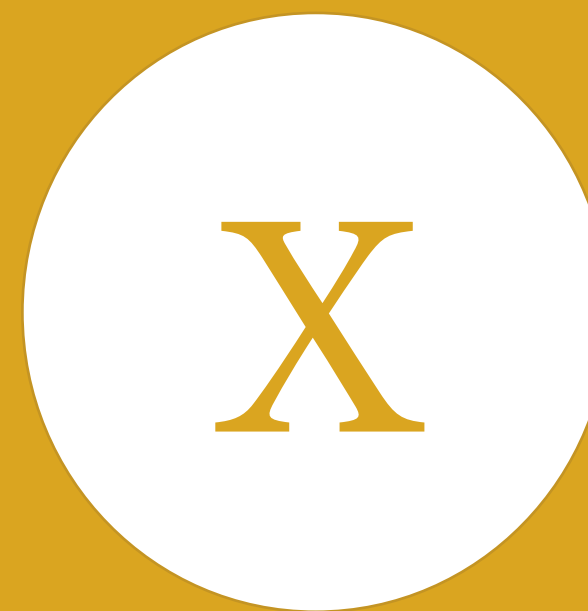
Ao basear seus pilares na “fé-racional” ou “fé-inteligente”, a IURD refere-se à organização e ao discernimento político, principal fator de diferenciação com as demais igrejas pentecostais, que são adeptas da “fé-emocional”, ou seja, a uma vida de fé que não é administrada a partir de um juízo político nem orientada por proventos e melhoras materiais. A fé-racional constitui a prática de suas convicções para alcançar a “vida em abundância”, um lugar social e espiritual de estabilidade, confiança e paz, no qual existe uma relação direta e harmoniosa com Deus.

Sendo assim, a melhora financeira e o ganho patrimonial de seus fiéis se sobressai a uma possível moralidade e políticas de costumes da instituição .



Imagens: Entrada para o Templo - Foto autoral tirada ao logo das visitas.





DELÍRIO E FAKE NEWS

Watergate. O mesmo cenário que na Disneylândia (efeito de imaginário escondendo que não há mais realidade além como alguém dos limites do perímetro artificial). Aqui o efeito do escândalo escondendo que não há nenhuma diferença entre os fatos e sua denúncia (métodos idênticos por parte dos homens da CIA e dos jornalistas do Washington Post). A mesma operação tende a regenerar através do escândalo um princípio moral e político, através do imaginário um princípio de realidade em dissipação. (BAUDRILLARD,1981, p. 23).

Atualmente, as fake news são um dos mais poderosos instrumentos de promoção de pautas políticas. Elas partem de um mecanismo de imaginação, primeiramente narrando aquilo que se quer como verdade, para então construir um meio de torná-lo verossímil. Sua lógica narrativa não está necessariamente respaldada em coerência, nexos ou sentido, mas está baseada em vontade de crença – viés de confirmação –, exercício criativo de imaginação e ambição de controle da opinião pública. Os fatos pouco importam à narrativa: o delírio e o gozo pela defesa de uma ficção estão à frente da verdade. Para Lyotard (1979), a ideia de verdade faliu e se transformou apenas em uma possibilidade, ou em muitas delas. Em seu livro A Condição pós-moderna (França,1979), o autor defende que não somos produtores de verdades profundas, somos produtores de possibilidades, pois tudo que imaginamos construir como verdade é, na realidade, uma narrativa.

Estes relatos permitem então, por um lado, definir os critérios de competência que são os da sociedade nas quais eles são contados, e, por outro lado, avaliar, graças a estes critérios, as performances que aí se realizam, ou podem se realizar. (LYOTARD, 1979, p. 38).

A construção do imaginário é uma importante ferramenta da IURD ao dar vazão aos deslumbres, advogar pelo entusiasmo das ideias, dar a experiência do arrebatamento pelo frenesi e catalisar o êxtase de um delírio compartilhado. Esse recurso desempenha um papel importante no proselitismo e convencimento, tornando-se então uma tecnologia política bem articulada.

Se, por um lado, o trabalho partidário, a militância e a construção de base dos movimentos sociais utilizam como ferramentas políticas o esclarecimento, a informação e a educação para formar sujeitos políticos – o que necessariamente demanda tempo –; por outro lado, os neopentecostais fazem uso das “paixões” e emotividades da crença (em um país – e continente – majoritariamente religioso) como tecnologias políticas que lhes garantem uma abertura maior na aproximação com populações, comunidades e identidades mais vulnerabilizadas e de maioria religiosa.

As instituições religiosas usam essa abertura para dar vazão e visibilidade às suas pautas ideológicas e extremistas, com uma velocidade de convencimento³⁸ muito maior que as instituições que são somente políticas e militantes. Contribui para o êxito a grande rejeição à política partidária, institucional e representativa por grande parte da população, que não acredita em perspectivas de melhora. Em outras palavras, essa parcela populacional tem construído em seu imaginário a política institucional como um lugar estereótipo, onde não há mudanças e qualquer efeito participativo.

No caso da IURD, os afetos explorados são a ira e a revolta, ambos baseados na disciplina da fé-racional:

Espírito santo, eu te peço. Eu te suplico. Plante no coração de cada uma dessas pessoas a semente da revolta. A revolta. A ira. Espírito, põe revolta dentro desses corações para não aceitar essa situação desgraçada, decadente, mesquinha, em que estão vivendo (MACEDO, 2003).

Através desse espírito de revolta são produzidas a intolerância e a hipérbole emocional, que impedem a permeabilidade de opiniões contrárias e o debate por parte dos fiéis.



Em 1995,o bispo Sérgio Von Helde, ao vivo na televisão, chuta a imagem de Nossa senhora Aparecida Ao vino na Rede Record. Imagem: Retirada da Internet - Vídeo do Jornal Nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QiNJ8mQU6g8>

38 Um exemplo da expertise da aceleração de processos a favor do proselitismo está nas próprias formações de pastores que, se comparadas à formação dos sacerdotes católicos, é mais rápida, barata e desburocratizada. Em média, para se formar um padre são necessários ao menos oito anos, divididos em três etapas: propedêutico, de um ano – processo de adaptação; graduação em filosofia, três anos; e teologia, quatro anos – com um custo de novecentos reais mensais, em média. Já para a formação de pastores da Igreja Universal, os processos se dão de forma muito menos burocratizada. No início das organizações formativas, foi construída uma escola de pastores, mas a ideia teve pouca duração, pois, segundo seu mentor, o bispo Edir Macedo, o tempo de aprendizado para se tocar os corações estaria na constante prática, e não em livros.



Imagem: Site oficial do Templo de Salomão. Disponível em: <https://www.otemplodesalomao.com/jardim-biblico/>



Imagem: Site oficial do Templo de Salomão. Disponível em: <https://www.otemplodesalomao.com/jardim-biblico/>



BRA/ISR



“Senhor presidente, senhor relator, com os meus pais aprendi que a honestidade e a verdade são valores inquebrantáveis, que guiam a nossa vida, nossa trajetória pessoal e profissional. Sem elas não somos dignos da existência humana, Tive a felicidade de ter uma solida educação judaica, rezo todos os dias, além disso, frequento as reuniões do Templo de Salomão, em São Paulo, que me ensinou a ser forte e a ser crente. Me aconselho com o pastor Malafáia e o missionário RR. Soares, para buscar sempre os caminhos da fé. Participei do governo temente a Deus, que protege a família sempre em nome da pátria”

Fonte de Imagem e texto: TV Senado - CPI da Pandemia - depoimento de Fabio Wajngarten – 12/5/202. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yfgZDefJD2A> - A partir do minuto: 1:08:50.

Em primeiro lugar, é preciso destacar que as relações estabelecidas entre judeus e neopentecostais (exclusivamente fiéis da IURD), não são homogêneas nem unidirecionais. Para compreender essa união, precisamos, antes de tudo, averiguar o que a ampara para, então, analisarmos seus objetivos e resultados.

O elo desta comunhão está fundado e organizado em três setores: o religioso, o econômico e o político. Sendo cada setor o responsável por gerar produtos em sua área de atuação, os resultados dessas influências, quando obtidos em conjunto, são capazes de produzir e ordenar uma cultura social autônoma, conforme exposto no capítulo anterior.

Associação Religiosa, Dispensacionalismo e Pré-Tribulacionismo são as bases do elo religioso entre os neopentecostais e Israel. O dispensacionalismo é basicamente a divisão entre a igreja de Jesus Cristo e Israel, o momento da volta física de Cristo, que, segundo a interpretação literal das escrituras do Antigo Testamento³⁹, será a interação para o arrebatamento, o momento em que Deus e Cristo vão interagir diretamente com os homens para unir os dois povos (o de Cristo e o de Israel). Crê-se também que haverá a conversão dos semitas, que aceitarão Jesus Cristo como seu Messias. Isso acontecerá quando o povo judeu retornar a Israel e reconstruir seu templo em Jerusalém⁴⁰. Resumidamente, esse acontecimento vai desencadear a volta de Cristo. Sendo assim, para os neopentecostais é essencial que os judeus conquistem todo o território de Israel.

A partir desta segunda volta de Cristo, haverá uma atribulação, que irá desencadear desastres naturais e guerras entre os povos. No entanto, antes desta tal atribulação, Cristo secretamente buscará o povo da Igreja (os neopentecostais), circunstância denominada Pré-Tribulacionismo. Trata-se de um período com a duração de sete anos, em que os fiéis de Cristo estarão no céu, participando das Bodas do Cordeiro, enquanto ocorre a atribulação na terra⁴¹.

³⁹ Organizado em sete partes: Inocência (Gênesis 1:1- 3-7), Consciência (Gênesis 3:8- 8:22), Governo Humano (Gênesis 9:1 – 11:32), Promessa (Gênesis 12:1 – Êxodo 19:25), Lei (Êxodo 20:1 – Atos 2:4), Graça (Atos 2:4 – Apocalipse 20:3) e o Reino Milenar (Apocalipse 20:4 – 20:6).

⁴⁰ Essa interpretação literal do dispensacionalismo também se transformou em material para criações culturais. Em 1900 foi publicado o livro “A Agonia do Grande Planeta Terra”, que descrevia o fim bíblico do mundo a partir dessa interpretação. Foram vendidos mais de 30 milhões de cópias e, posteriormente, o livro foi adaptado para o cinema, sendo responsável por dois sucessos de bilheteria.

⁴¹ Esses escritos são encontrados na Bíblia em: Romanos 8: 1,1; Coríntios 15:51, 1 Tessalonicenses 1:10; 4:17; 5:9 e Apocalipse 3:10

É possível estabelecer um paralelo entre essas crenças e a associação econômica que, ao longo dos anos, o Brasil estabeleceu diplomaticamente com o Estado de Israel. Tal associação pode ser dividida em três momentos nos quais há o apoio à existência de Israel.

Em um primeiro momento, a relação entre Brasil e Israel é marcada pelo papel do embaixador Oswaldo Aranha na resolução pela Partilha da Palestina, quando o Brasil defendeu a constituição do Estado de Israel. A partir da década de 60, há uma segunda fase dessa relação, na qual o Brasil passa a apoiar a coexistência de dois estados em um único território, posicionamento político e diplomático mais pró-palestina. O terceiro momento, situado neste período atual, é de apoio irrestrito a Israel, fase que tem início com o governo Jair Bolsonaro (2019), que foi eleito com amplo e declarado apoio de líderes evangélicos, o que tem reforçado e influenciado o diálogo entre Brasil e Israel.


Contudo, é preciso apontar que o apoio irrestrito, político e publicitário a Israel provoca consequências econômicas (positivas e negativas) ao Brasil. Os países de religião mulçumana e os árabes são grandes consumidores da agropecuária brasileira, visto que a produção nacional de carnes de frango e bovina seguem as práticas islâmicas – o método halal –, o que possibilita o amplo consumo e o ganho deste mercado. A relação estreita e explícita do Brasil com Israel pode atrapalhar essa relação econômica, tendo em vista o declarado e constante conflito entre mulçumanos e judeus.

Por outro lado, como demonstrado ao longo deste trabalho, também ocorre a habitual monetização cultural por parte da IURD, justamente através dessa aliança entre Brasil e Israel. A instituição religiosa organiza peregrinações em que há movimentação monetária tanto para Israel quanto para operadoras especializadas em turismo religioso. No Brasil, essas empresas estabelecem parcerias com grandes lideranças evangélicas, como o próprio Edir Macedo e o conhecido “apóstolo do chapéu de vaqueiro”, Valdemir Santiago.

Nessas peregrinações, são oferecidos pacotes de até treze dias para visitar os lugares sagrados de Israel, bem como Dubai e Jordânia. Durante a peregrinação é possível apreciar uma visão total de Jerusalém e do Vale do Armagedon, onde, segundo a bíblia, ocorrerá a batalha do Juízo Final. No pacote são repetidos costumes de épocas, de louvores a gastronomia, a exemplo da inclusão de um famoso prato, chamado “peixe de São Pedro”, que é pescado no próprio Mar da Galileia. O custo de uma peregrinação desse porte gira em torno de R\$ 17 mil, valor que ainda pode ser acrescido pelas taxas locais.

Para esquematizar quão lucrativo é o turismo religioso, Israel recebeu no último ano 30 mil turistas e prevê receber o número de 50 mil. Uma das estratégias para tal sucesso foi facilitar o trajeto Brasil – Israel. Para isso, a empresa de aviação israelense “El-Al” começou a operar no Brasil com voos três vezes por semana, e tem em vista a implementação de voos diários.

Além dos vínculos econômicos, é relevante analisar as associações culturais entre Brasil e Israel. É perceptível a aproximação ideológica entre o atual governo brasileiro e o Estado de Israel, visto que ambos defendem um discurso de divisão baseado em uma separação dualista, que parte da aniquilação da oposição, sem a menor abertura para o debate, o que reflete o posicionamento de uma parcela dos religiosos – judeus e neopentecostais – nos dois países. Nesse âmbito, nota-se que compartilham a defesa por valores e fundamentos tradicionais, cada qual vinculado ao seu Deus, bem como doutrinas, normas e princípios que comprovam sua fé. Tal posicionamento moral suscita certo distanciamento com hábitos sociais, que são considerados próprios do padrão social (bares, festas, consumo de novelas, músicas). Judeus e neopentecostais também se assemelham no que diz respeito à narrativa da perseguição, que provém desse próprio hábito de afastamento dos padrões de interação social seguidos pelos não adeptos às religiões. Como alternativa, esses fiéis, no Brasil e em Israel, estabelecem uma espécie de “produção comunitária”, que está de acordo com seus princípios morais e sua crença, gerando um mercado de produções criativas partilhadas em todas as linguagens.



Oh, Poderoso de Israel

Em nome do Senhor Jesus, eu uso minha fé agora e lanço este sal em minha casa, para que assim como o profeta Eliseu mudou o rumo de uma cidade, lançando o sal sobre o manancial das águas e o rei Davi alcançou renome lutando no Vale do sal, assim também eu mudo o rumo da minha casa, eu mudo o rumo da minha família, eu mudo o rumo da minha vida financeira e passo a ter o nome de vencedor em tudo o que fizer. Que toda esterilidade, amargura e miséria saia agora, e não volte nunca mais.

Amém e graças a Deus!!!

MODO DE USAR

1º) Lance o sal consagrado, trazido da maior salina do mundo, nos cantos da casa, com muita fé.


2º) Faça essa oração todos os dias, assim que acordar.

3º) Faça essa oração todas as noites, antes de dormir.

4º) Traga nesta próxima segunda-feira, o nome de toda a sua família escrito no verso deste papel.

Nação dos 318.

Às 7h, 10h, 12h, 15h, 18h30 ou 22h



Templo de Salomão
Av. Celso Garcia, 605 - Brás

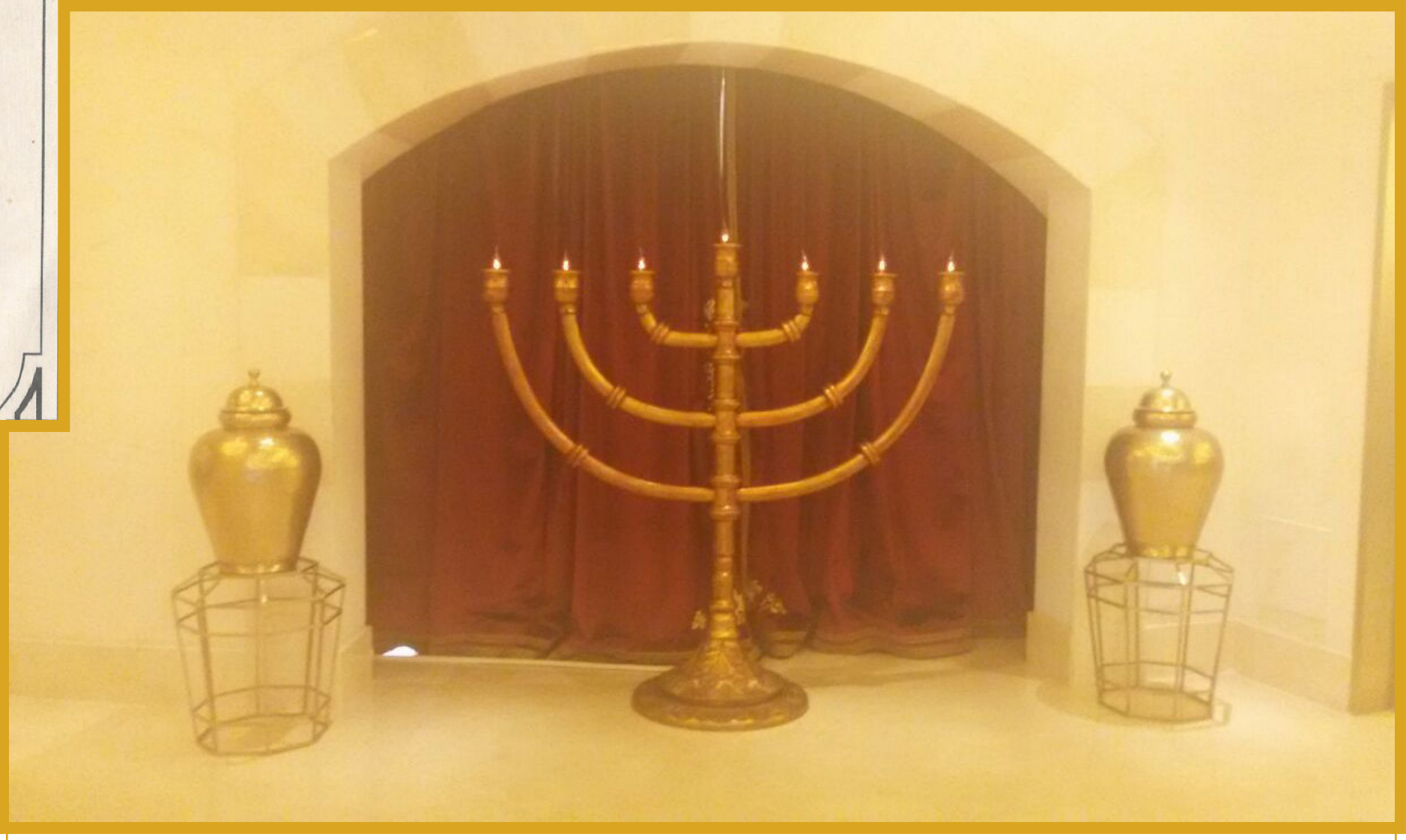


Imagem scaneada: produtos gráficos distribuídos. Recolhido durante as visitas, reuniões e cultos
Imagem: Foto autoral loja de Souvenirs..



CONCLUSÃO

A disputa pelo imaginário

As disputas e trincheiras políticas ocorrem de muitas maneiras, algumas mais panfletárias e visíveis, outras mais subjetivas e dissimuladas. Este trabalho teve por objetivo fazer uma análise do papel da produção arquitetônica nessas disputas e demonstrar que a construção trabalha por vias estéticas e políticas. Em outras palavras, a arquitetura pode estar a serviço de um projeto político e ideológico que se manifesta pela construção do imaginário. Este, por sua vez, torna-se atualmente o aspecto de maior importância na disputa política, sendo diretamente influenciado pela arquitetura.

A ferramenta mais potente dessa disputa pelo imaginário é a construção e a defesa de uma promessa de futuro melhorado e de realização de sonhos, que, no caso da IURD, se apresenta ora como uma promessa de melhora financeira, ora como um acalanto espiritual quando a mesma não ocorre.

O importante (e um dos objetivos deste trabalho) é termos em mente e nos concentrarmos em quais são ou quem constitui os poderes que administram e organizam esses lugares imaginativos, que oferecem a crença de um futuro melhor em um cenário deslumbrante, utilizando a linguagem arquitetônica como ferramenta, à maneira que operam os donos dos parques de diversões.

Em uma sociedade capitalista, baseada na exploração e na constante disputa pela sobrevivência, a igreja Universal do Reino de Deus não oferece apenas reconforto espiritual, mas também promete soluções materiais através de uma dita racionalidade que é ideológica e, portanto, política.

A política tomada como um espaço de promessas e garantias está situada em uma crise representativa⁴², o que torna (no mínimo) irônico que a representação (imagética, arquitetônica e cinematográfica) seja uma das estratégias de triunfo e um dispositivo político tão bem-sucedido em uma instituição que se autodefine como racional. Neste ponto, gostaríamos de apontar as contradições apresentadas no percurso desta pesquisa, que são justamente sobre a fé-racional e a fé-emocional, conceitos tão debatidos pela IURD e por suas atuais figuras de maior importância. Neste trabalho, apresentamos argumentos e fatos que evidenciam a constante construção para participação política racional e principalmente material, o que, de fato, caracteriza a instituição IURD como racional.

Entretanto, o modo de aproximação e as estratégias de convencimento, associadas às produções midiáticas, não são do campo de fé em pleno raciocínio factual. Esclarecemos melhor a contradição desses termos quando admitimos que é da própria natureza da fé acreditar em algo que não se prova. Afinal, a religião é, por definição, o ato e/ou exercício de imaginar, através de uma crença não exata ou comprovada, um ser ou seres soberanos e sobrenaturais. Soma-se a isso o caráter iurdiano de rituais espirituais, próprios da doutrina pentecostal e presente desde sua criação⁴³, que mantinham (anteriormente em maiores proporções) e ainda mantém ritos que envolvem exorcismos, presença de espíritos, testemunhos de cura, venda de remédios curativos de COVID-19 e até terrenos particulares no céu em um paraíso pós-morte⁴⁴.

⁴² Referência à representatividade política que se dá pela defesa dos direitos e interesse do eleitor, sendo a forma da sua representação, que ocorre por meio de eleições.

⁴³ A criação da Pentecoste de onde deriva a Neopentecostal se dá a partir de um fenômeno sobre natural, ver ATOS 2: 1-4 (Atos dos apóstolos) e Coríntios 12 e 14:1.

⁴⁴ Notícias dos casos citados de vendas: <https://www.agoraja.net/igreja-universal-oferece-a-fieis-escrituras-de-terrenos-no-ceu/http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1269108-5598,00-FIEIS+DA+IGREJA+UNIVERSAL+CON-TAM+QUE+FORAM+PRESSIONADOS+A+FAZER+DOACOES.htmlhttps://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/05/justica-determina-pela-2a-vez-que-ministerio-da-saude-informe-se-feijao-do-pastor-valdemiro-santiago-cura-covid-19.ghtml>
Acessos em: 19 fev. 2021.

Sendo assim, essa fé não se manifesta de forma estritamente racional, a não ser quando há um interesse político e material por parte da IURD. Essa “propaganda” institucional, que prevê e disponibiliza milagres, vem progredindo principalmente no campo de ganhos materiais. O argumento para convencer os fiéis é o de vinculá-los a um pacto com Deus: ao ceder uma porcentagem de seus bens e ganhos, Deus estará em dívida com o fiel e retribuirá materialmente seu ato de fé.

Quando entregamos a Deus a décima parte do que recebemos mensalmente ou dos lucros de um negócio ou empresa, estamos, ao contrário do que se pensa, sendo agraciados com as bênçãos de Deus, recebendo prosperidade financeira, crescendo, acumulando bens e enriquecendo. (FURUCHO, 2001, p.9).

Essa fabulação de um futuro próspero e de sucesso material provido por Deus é defendida como a base de uma relação harmoniosa entre o divino e o fiel.

As bases de nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; o que é d’Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer. Passamos a ser participantes de tudo o que é de Deus. (MACEDO, 2005, p. 68).

No Brasil, governos progressistas dos anos de 2003 a 2016 promoveram maior distribuição de renda e acesso ao ensino superior (ou seja, a possibilidade de melhora de vida e de um futuro esperançoso). Após a saída não democrática destes mesmos governos⁴⁵ e a completa ausência de pautas sociais nos governos posteriores, intensifica-se uma série de crises e o país se encontra desestabilizado, com uma economia desfavorável, danosa e inoportuna. Diante desse cenário, acaba restando a uma grande parcela da população brasileira o vislumbre de um horizonte conveniente e benéfico por meio da crença e do discurso da fé⁴⁶.

Percebemos então, ao fim desta pesquisa, um futuro promissor para uma instituição religiosa que, por meio da fabulação, acolhe pautas de desenvolvimento e responsabilidade social, em um país com uma enorme desigualdade social e com uma tradição consolidada em credos, dogmas e doutrinas religiosas de origens variadas. Atualmente, em meio a tantas crises intensificadas, o Brasil é um terreno fértil para propagação de devaneios políticos, que podem vir a se tornar concretos.

⁴⁵ Neste ponto, é importante notar novamente o papel da mídia para a construção de uma trama política, com emissoras de grande audiência como a rede Record produzindo uma ficção narrativa e promovendo a “inflamação” de pautas não condizentes com os acontecimentos e contextos. O que, mais uma vez, comprova a importância da rede Record para a constituição e manutenção da IURD, tendo em vista a vinculação entre interesses econômicos, cobertura política e influência religiosa.

⁴⁶Essa relação entre a instituição e os eventos da economia nacional também explica o crescimento vertiginoso (a “terceira onda”) das igrejas neopentecostais nos anos 90, momento de implantação do “Mercado Livre” pelo governo Collor.

Complementamos a conclusão deste trabalho (após diversas análises e debates sobre o tema com as partes interessadas⁴⁷) com uma listagem de estratégias e possibilidades que coadunam outro modelo de trajetória benéfica que, sem suspender a fé, não reduz a imaginação de um destino positivo a uma única narrativa baseada em promessas.

Entre as estratégias para uma retomada da inventividade política, calcada em possibilidades socialmente positivas, amplas e livres, destacamos:

- (a) a disputa de um imaginário positivo e a constante produção simbólica por parte dos movimentos sociais e de projetos políticos progressistas, que não devem se concentrar apenas nas formas de transformação política institucional e representativa. Desta forma, poderá ser concedida maior credibilidade à cultura, à arte e aos projetos imateriais como método de transformação social e ideação de futuros para além das eleições;
- (b) o acolhimento de grupos religiosos progressistas (exemplo: Frente Evangélica LGBTQ+, Católicas pelo Direito de Decidir etc.) que se encontram sem representatividade política, cultural e simbólica por não se adequarem plenamente a nenhuma das identidades políticas predominantes em disputa;
- (c) o respeito às crenças e o reconhecimento dessas organizações como comunidades ideológicas com direitos e deveres políticos;
- (d) o reconhecimento do trabalho social de base feito pelas igrejas de pequeno porte nas periferias, onde programas sociais do Estado são insuficientes, a exemplo das ações de distribuição de alimentos e de acolhimento emocional realizadas por essas pequenas organizações.

Por parte das instituições religiosas, destacamos:

- (a) o comprometimento com o fim da propagação do discurso de demonização da política;
- (b) o respeito à constituição e aos direitos humanos já adquiridos e aos que futuramente poderão ser pautados por grupos sociais democráticos;
- (c) o respeito a todo tipo de individualidade, seja sexual, de identidade de gênero ou religiosa. É preciso universalizar, de fato, a humanização de sujeitos que vieram ao mundo, e que, portanto, são e devem ser sempre bem-vindos e respeitados na sociedade e em qualquer comunidade;
- (d) o devido pagamento de impostos e a abertura integral de suas receitas e rendimentos, sendo também uma demonstração da sua responsabilidade e comprometimento com a melhora social e bem-estar de todos os filhos de Deus.

⁴⁷ Ver nos anexos a entrevista realizada para este trabalho com o representante das organizações: "Cristão contra o fascismo", "Frente evangélica" e "O reino em pessoa".

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. 3. Ed. São Paulo: Edusp, 2000.p. 30.

BAUDRILLAD, **Jean**. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d’água,1991.

BELL, DANIEL. **The Cultural Contradictions of Capitalism** Journal of Aesthetic Education, New York: Basic Books, **1976**

BÍBLIA SAGRADA: 1CRÔNICAS 28:3; 1 Reis 6:1 até 6:38.

FURUCHO, **Natal**. **Como ser um dizimista fiel**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001.

GRAVES, Michael. Argumentos em favor da arquitetura figurativa. In: **NESBITT. Kate. Uma nova agenda para a arquitetura**. Tradução Vera Pereira. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernidade e sociedade de consumo**. Conferência Whitney Museu, 1982.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernidade e sociedade de consumo**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo n. 12, pp. 16-26, p.12. 1985.

_____. **Pós-modernismo e a lógica do capitalismo tardio**. New Left Review. N°146. Julho – Agosto, 1884. JENCKS, Charles. El linguagem de La arquitetura pós-moderna. 3° Edição novamente ampliada. Barcelona: Editora: Gustavo Gili, S.A., 1984.

_____. **El linguagem de La arquitetura pós-moderna** – 3° Edição novamente ampliada- Editora Gustavo Gilli, S.A. Barcelona, 1984.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

PORTOGHESI, Paolo– **Depois da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

MACEDO. Edir. **Plano de poder. Deus, os cristãos e a política**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil., 2008. Capítulo 7, p. 79.

MACEDO, Edir. **Nos passos de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal,2005.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MATOS, Alderi Souza de. **Raízes Históricas da Teologia da Prosperidade**. Disponível em:<http://www.metodistavilaisabel.org.br/artigosepublicacoes/descriaacolunas.asp?Numero=1520>: Acesso em Março de 2021.

VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven. **Aprendendo com Las Vegas**. Coleção Face Norte, volume 03. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória. Arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.

MARTIN, Reinhold. **Utopia’s ghost**: architecture and post-modernism, again. Minneapolis; Londres: University of Minnesota Press, 2010.

O TEMPLO DE SALOMÃO – Igreja universal (Universal) Rio de Janeiro: Unipro Editora –1 Ed. 2015.



BIBLIOGRAFIA

CAVALCANTI, Lauro; GUIMARAENS, Dinah. **Arquitetura de motéis cariocas: espaço e organização social**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CENTRE POMPIDOU. **DreamlandsLands - Des parcs d’attactions aux cités du futur**. Paris: Edição Adagp ,2010.

ECO, Umberto, **Faith in Fakes. London**: Secker and Warburg, 1986

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último dos homens. In: The end of history?**. The National Interest , 1992.

MARTIN, Reinhold. **Utopia’s ghost: architecture and postmodernism, again**. Minneapolis; Londres: University of Minnesota Press, 2010.

MOLES,Abraham **O “Kitsch”**, a arte da felicidade. São Paulo. Editora Perspectiva. 1972

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUTY, Jérôme. **MOTEL BRASIL: uma antropologia contemporânea**. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2019. 344 p. v. 1. ISBN 978-65-81060-05-3.

WILLIAMS, Raymond. **Culture is ordinary**. São Paulo: Paz e terra, 2001.

WALKER, Enrique (ed.). **Lo ordinario**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

YALE UNIVERSITY AND THE WAADSWORTH ATHENEUM MUSEUM OF Art : **Coney Island ,Visions of American Dreamland**. Nova York, .- 2015

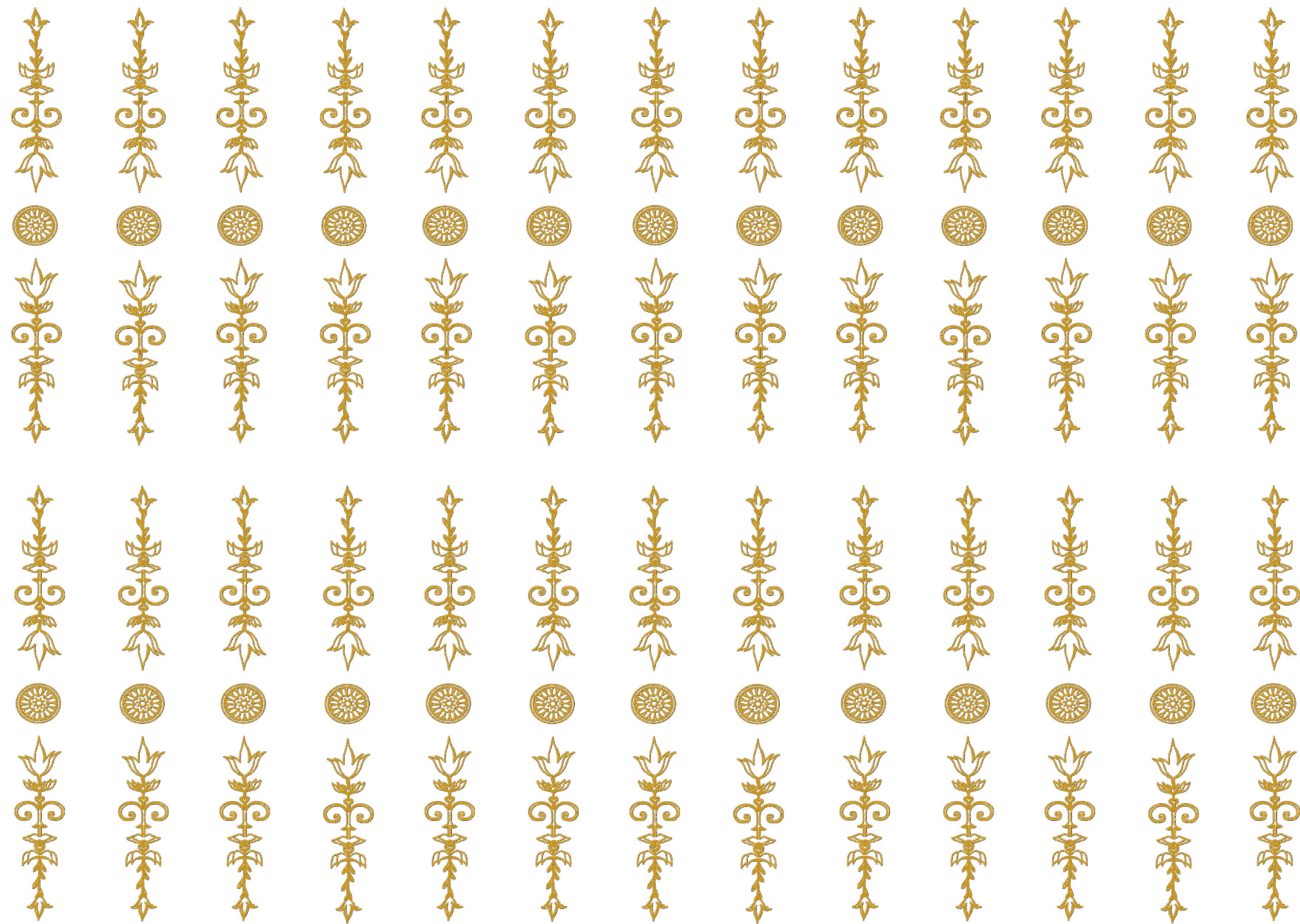
Fontes da internet

ABEP. Disponível em: <www.abep.org/Servicos/Download> Acesso em Janeiro, 2021.

ECONOMIA DAS RELIGIÕES FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. p. 30 e 34. Disponível em: <[HTTPS://www.cps.fgv.br/cps/religiao/](https://www.cps.fgv.br/cps/religiao/)> Acesso em: Agosto/2019

INSTITUTO DATA FOLHA, 2016. Disponível em: <http://www.pesquisas.org.br/wpcontent/uploads/2017/08/perfileopiniaodosevangelicosnobrasil.pdf> Acesso em: Dezembro/2018.

ROBERT VENTURE E DENISE SCOTT BROWN, **American - Architecture Now**: 1984. Entrevista- DISPONIVEL EM < [HTTPS://www.youtube.com/watch?v=u4RJcNHWu7Y](https://www.youtube.com/watch?v=u4RJcNHWu7Y) /> . Acesso em Janeiro, 2021.



ANEXOS

Trump Makes Classical Style the Default for Federal Buildings

An executive order stopped short of banning modernist architecture, but states that “the preferred architecture” style for new buildings should be classical.



Em 18 de dezembro, o presidente Donald Trump assinou uma nova ordem executiva em vigor que incentiva o uso da arquitetura clássica em vez dos estilos modernistas para novos edifícios federais.

Texto completo da Ordem Executiva abaixo:
Tradução própria.

Pela autoridade investida em mim como Presidente pela Constituição e as leis dos Estados Unidos da América, é por meio deste ordenado da seguinte forma:

Seção 1. Objetivo. As sociedades há muito reconhecem a importância da bela arquitetura pública. Os antigos edifícios públicos gregos e romanos foram projetados para serem resistentes e úteis, e também para embelezar os espaços públicos e inspirar o orgulho cívico. Ao longo da Idade Média e do Renascimento, a arquitetura pública continua a servir a esses propósitos. A constituição de 1309 da cidade de Siena exigia que “[quem] governa a cidade deve ter a beleza da cidade como sua principal preocupação. . . porque deve proporcionar orgulho, honra, riqueza e crescimento aos cidadãos de Siena, bem como prazer e felicidade aos visitantes do exterior. ” Três séculos depois, o grande arquiteto britânico Sir Christopher Wren declarou que “os edifícios públicos [são] o ornamento de um país. [Arquitetura] Estabelece uma nação, atrai pessoas e comércio, faz com que as pessoas amem seu país de origem. . A arquitetura visa a eternidade [] “

● This article is more than 1 year old

Trump wants to 'Make Federal Buildings Beautiful Again' with neoclassical order

President reportedly wants to mandate return to ‘classical architectural style’, according to draft order



▲ The classical stylings of the US supreme court building. Photograph: Karen Bleier/AFP/Getty Images

Donald Trump wants to “make federal buildings beautiful again” by mandating a return to “the classical architectural style”, according to a draft executive order **obtained by Architectural Record on Tuesday.**

Os Padres Fundadores notáveis concordaram com essas avaliações e atribuíram grande importância à arquitetura cívica federal. Eles queriam os edifícios públicos da América para inspirar o povo americano e encorajar a virtude cívica. O presidente George Washington e o secretário de Estado Thomas Jefferson, conscientemente modelaram os edifícios mais importantes de Washington, D.C., com base na arquitetura clássica das antigas Atenas e Roma. Eles usam a arquitetura clássica para conectar visualmente nossa República contemporânea com os antecedentes da democracia na antiguidade clássica, lembrando os cidadãos não apenas de seus direitos, mas também de suas responsabilidades em manter e perpetuar suas instituições.

Washington e Jefferson supervisionaram pessoalmente as competições para projetar o Capitólio e a Casa Branca. Pierre Charles L'Enfant projetou a capital da Nação como uma cidade clássica sob a direção e seguindo a visão desses dois fundadores. A promessa de seu projeto para a cidade foi cumprida pelo Plano McMillan de 1902, que criou o National Mall e o Núcleo Monumental como os conhecemos.

Por aproximadamente um século e meio, após a fundação da América, a arquitetura federal da América continuou a ser caracterizada por belos e adorados edifícios amplamente, (embora não exclusivamente) clássicos.

02/06/2021

Google Tradutor

Tradutor Do: Inglês Para o: Português Ver: Tradução Original

HOURLY NEWS

Stream do programa NPR 24 horas
No ar agora

DONATE

ARQUITETURA

'Feio,' 'Discordante': Nova Ordem Executiva visa a arquitetura moderna

21 de dezembro de 2020, - 12:30 ET
Ouvido sobre todas as coisas consideradas



ELIZABETH BLAIR

4-Minute Listen

Download

Transcrição



O prédio do FBI no centro de Washington, DC - O senador Mike Lee, de Utah, o descreve como "um cenário abandonado de Jogos Vorazes".

ERIC BARADAT / AFP via Getty Images

Os exemplos incluem o Second Bank of the United States na Philadelphia, Pensilvânia, o Pioneer Courthouse em Portland, Oregon, e o Thurgood Marshall United States Courthouse, na cidade de Nova York. Em Washington, D.C., edifícios clássicos como a Casa Branca, o Capitólio, a Suprema Corte, o Departamento do Tesouro e o Lincoln Memorial se tornaram símbolos icônicos de nosso sistema de governo. Esses marcos queridos, construídos para endurecer por séculos, tornaram-se uma parte importante de nossa vida cívica.

Na década de 1950, o Governo Federal substituiu amplamente os projetos tradicionais de novas construções por projetos modernistas. Essa prática tornou-se política oficial depois que o Comitê Ad Hoc sobre o Espaço de Escritórios Federais propôs o que ficou conhecido como Princípios Orientadores para Arquitetura Federal em 1962. Os Princípios Orientadores desencorajaram implicitamente o estilo clássico e outros tradicionais conhecidos por sua beleza, declarando que o governo deveria usar designs/modelos “contemporâneos”.

A arquitetura federal que se seguiu, supervisionada pela Administração de Serviços Gerais (GSA), era frequentemente impopular entre os americanos. Os novos edifícios variaram, pouco distintos, até mesmo a GSA agora admite que boa parte do público os acharam desagradáveis. Em Washington, D.C., os novos edifícios federais colidiam visivelmente com a arquitetura clássica existente. Algumas dessas estruturas, como o Departamento de Saúde de Hubert H. Humphrey, Edifício de Serviços Humanos e o Departamento de Edifício de Habitação e Desenvolvimento Urbano, de Robert C. Weaver, foram controversos, atraindo críticas generalizadas por seus projetos brutalistas.

Em 1994, a GSA respondeu a crítica generalizada de que os edifícios que estava encomendando careciam de distinção, estabelecendo o Programa de Excelência em Design. A GSA pretendia que esse programa avançasse o mandato dos Princípios Orientadores de que a arquitetura federal “forneça um testemunho visual da dignidade, iniciativa, vigor e estabilidade do governo americano”. Infelizmente, o programa não atingiu essa meta.

No Programa de Excelência em Design, a GSA frequentemente seleciona projetos de arquitetos proeminentes com pouca consideração por informações locais ou preferências estéticas regionais. A arquitetura federal resultante às vezes impressiona a elite arquitetônica, mas não o povo americano para quem os edifícios foram criados. Muitos desses novos edifícios federais nem mesmo são visivelmente identificáveis como edifícios cívicos.

Por exemplo, a GSA selecionou um arquiteto para projetar o Edifício Federal de São Francisco que descreve seus projetos como uma arquitetura “arte pela arte”, destinada principalmente para os arquitetos apreciarem. Enquanto os arquitetos de elite elogiaram o edifício resultante, muitos franciscanos consideram-no uma das estruturas mais feias da cidade. Da mesma forma, a GSA selecionou um arquiteto modernista para projetar o novo tribunal federal de Salt Lake City. O estabelecimento arquitetônico e suas organizações profissionais elogiaram sua criação única, mas muitos residentes locais consideraram-na feia e inconsistente com os arredores. Em Orlando, Flórida, uma coalizão de juizes, funcionários do tribunal e líderes cívicos se opôs ao projeto modernista preferido da GSA para o George C. Young Federal Courthouse. Eles acreditavam que faltava a dignidade que um tribunal federal deveria incorporar. O GSA, no entanto, impôs este projeto sobre suas objeções.

NEWS

Home | Coronavirus | Video | World | US & Canada | UK | Business | Tech | Science | Stories | Entertainment & Arts

US & Canada

Trump order: New federal buildings must be 'beautiful'

22 December 2020



Com um número limitado de exceções, como o Edifício Federal e Tribunal de Justiça de Tuscaloosa e o Tribunal Federal de Corpus Christi, o Governo Federal parou de construir belos edifícios. Em Washington, D.C., a arquitetura federal se tornou uma mistura discordante de estilos clássicos e modernistas. É hora de atualizar as políticas que orientam a arquitetura federal para resolver esses problemas e garantir que os arquitetos que projetam edifícios federais atendam seus clientes, o povo americano.

Trump Signs Executive Order Promoting Classical Architecture for Federal Buildings



The Treasury Building is an example of Neoclassical architecture in Washington, D.C.

Os novos projetos de edifícios federais devem, como os amados edifícios históricos da América, elevar e embelezar os espaços públicos, inspirar o espírito humano, enobrecer os Estados Unidos, inspirar respeito do público em geral e, conforme apropriado, respeitar o patrimônio arquitetônico de uma região. Eles também devem ser visivelmente identificáveis como edifícios cívicos e devem ser selecionados com a contribuição da comunidade local.

A arquitetura clássica e outra arquitetura tradicional, conforme praticada tanto historicamente quanto pelos arquitetos de hoje, provaram sua capacidade de atender a esses critérios de design e mais do que satisfazer as necessidades funcionais, técnicas e sustentáveis de hoje. Seu uso deve ser encorajado em vez de desencorajado.

O incentivo à arquitetura clássica e tradicional não exclui o uso da maioria dos outros estilos de arquitetura, quando apropriado. Deve-se tomar cuidado, no entanto, para garantir que todos os projetos de edifícios federais respeitem o público em geral por sua beleza e incorporação visual dos ideais da América.

Sec. 2. Política. (a) Os edifícios públicos federais aplicáveis devem elevar e embelezar os espaços públicos, inspirar o espírito humano, enobrecer os Estados Unidos e inspirar respeito pelo público em geral. Devem também ser visualmente identificáveis como edifícios cívicos e, conforme o caso, respeitar o patrimônio arquitetônico regional. A arquitetura - com particular atenção à arquitetura tradicional e clássica - que atenda aos critérios estabelecidos nesta subseção é a arquitetura preferida para edifícios públicos federais aplicáveis. No Distrito de Columbia, a arquitetura clássica deve ser a arquitetura preferida e padrão para edifícios públicos federais, sem fatores excepcionais que necessitem de outro tipo de arquitetura.

(b) Quando a arquitetura de edifícios públicos federais aplicáveis diverge da arquitetura preferida estabelecida na subseção (a) desta seção, muito cuidado e consideração devem ser tomados para escolher um projeto que represente respeito do público em geral e transmita claramente ao público em geral, a dignidade, a iniciativa, o vigor e a estabilidade do sistema de governo autônomo da América.

(c) Ao renovar, reduzir ou expandir edifícios públicos federais aplicáveis que não atendam aos critérios estabelecidos na subseção (a) desta seção, a viabilidade e despesa potencial de reforma do edifício para atender a esses critérios devem ser examinadas. Sempre que viável e econômico tal redesenho deve receber consideração substancial, especialmente no que diz respeito ao exterior do edifício.

(d) A GSA deve buscar a opinião dos futuros usuários de edifícios públicos aplicáveis e do público em geral na comunidade onde tais edifícios estarão localizados antes de selecionar uma empresa de arquitetura ou estilo de projeto.

Sec. 3. Definições. Para os fins deste pedido:

(a) “Edifício público federal aplicável” significa:

- (i) todos os tribunais federais e sedes de agências;
- (ii) todos os edifícios públicos federais no Distrito de Columbia.
- (iii) todos os outros edifícios públicos federais que custam ou devem custar mais de \$ 50 milhões de dólares de 2020 para projetar, construir e terminar, não incluso projetos de infraestrutura ou portos de entrada terrestres.

- (b) “Brutalista” significa o estilo de arquitetura que cresceu a partir do movimento modernista do início do século 20 que é caracterizado por uma aparência maciça e semelhante a blocos com um estilo geométrico rígido e uso em larga escala de concreto vazado exposto.
- (c) “Arquitetura clássica” significa a tradição arquitetônica derivada das formas, princípios e vocabulário da arquitetura da antiguidade grega e romana, e conforme posteriormente desenvolvida e expandida por arquitetos renascentistas como Alberti, Brunelleschi, Michelangelo e Palladio; mestres do Iluminismo como Robert Adam, John Soane e Christopher Wren; arquitetos do século 19 como Benjamin Henry Latrobe, Robert Mills e Thomas U. Walter; e praticantes do século 20 como Julian Abele, Daniel Burnham, Charles F. McKim, John Russel Pope, Julia Morgan e a firma de Delano e Aldrich. A arquitetura clássica abrange estilos como Neoclássico, Georgiano, Federal, Revival grego, Beaux-Arts e Art Deco.

(d) “Desconstrutivista” significa o estilo de arquitetura geralmente conhecido como “desconstrutivismo” que surgiu durante o final dos anos 1980 que subverte os valores tradicionais da arquitetura por meio de características como fragmentação, desordem, descontinuidade, distorção, geometria distorcida e a aparência de instabilidade.

- (e) “Público em geral” significa membros do público que não são:
 - (i) artistas, arquitetos, engenheiros, críticos de arte ou arquitetura, instrutores ou professores de arte ou arquitetura, ou membros da indústria da construção;
 - (ii) afiliado a qualquer grupo de interesse, associação comercial ou qualquer outra organização cuja associação seja financeiramente afetada por decisões envolvendo o projeto, construção ou reforma de prédios públicos.

(f) “Diretor” tem o significado atribuído a esse termo na seção 2104 do título 5, Código dos Estados Unidos.

(g) “Edifício público” tem o significado atribuído a esse termo na seção 3301 (a) (5) do título 40, Código dos Estados Unidos.

(h) “Arquitetura tradicional” inclui a arquitetura clássica, conforme definido neste documento, e também inclui a arquitetura humanística histórica, como gótica, românica, renascentista Pueblo, colonial espanhola e outros estilos mediterrâneos de arquitetura historicamente enraizados em várias regiões da América.

(i) “Dólares de 2020” são dólares ajustados pela inflação, usando o deflator de preços do Produto Interno Bruto do Bureau of Economic Analysis e usando 2020 como o ano base.

Sec. 4. Conselho de Presidente para Melhorar a Arquitetura Cívica Federal. (a) Fica estabelecido o Conselho Presidencial de Melhoria da Arquitetura Cívica Federal (Conselho).

(b) O Conselho será composto por:

(i) todos os membros da Comissão de Belas Artes;

(ii) o Secretário da Comissão de Belas Artes;

(iii) o Arquiteto do Capitólio;

(iv) o Comissário do GSA Public Building Service;

(v) o arquiteto-chefe da GSA;

(vi) outros funcionários ou funcionários do Governo Federal que o Presidente possa, de tempos em tempos, designar;

(vii) até 20 membros adicionais nomeados pelo Presidente, incluindo cidadãos de fora do Governo Federal, para fornecer perspectivas diversas sobre os assuntos que estão sob a jurisdição do Conselho.

c) O Conselho será presidido por um membro da Comissão de Belas Artes designado pelo Presidente. O presidente pode designar um vice-presidente e pode estabelecer subcomitês.

(d) Os membros do Conselho servirão sem remuneração por seu trabalho no Conselho. No entanto, os membros do Conselho, enquanto engajados no trabalho do Conselho, podem receber despesas de viagem, incluindo diárias em vez de subsistência, conforme autorizado por lei para pessoas servindo intermitentemente no serviço governamental, de acordo com as seções 5701 a 5707 do título 5, Código dos Estados Unidos.

(e) Como permitido por lei e dentro das dotações existentes, o Administrador de Serviços Gerais (Administrador) fornecerá o financiamento e o apoio administrativo e técnico que o Conselho possa exigir. O Administrador deve, na medida permitida por lei, instruir o pessoal do GSA a fornecer qualquer informação e explicações relevantes ao Conselho e auxiliar trabalhos quando solicitado pelo Conselho.

(f) Na medida em que a Lei do Comitê Consultivo Federal, conforme alterada (5 USC App.), possa ser aplicada ao Conselho, quaisquer funções do Presidente nos termos dessa Lei, exceto a de reportar ao Congresso nos termos da seção 6 dessa Lei, deverão ser realizada pelo Administrador de acordo com as diretrizes e procedimentos estabelecidos pelo Administrador.

(g) O Conselho cessará em 30 de setembro de 2021, a menos que seja prorrogado pelo Presidente. Os membros nomeados de acordo com as subseções (b) (vi) e (b) (vii) desta seção servirão até que o Conselho seja encerrado e não serão removidos, exceto por ineficiência, negligência com o dever ou prevaricação.

Sec. 5. Responsabilidades do Conselho. O Conselho deve:

- (a) enviar um relatório ao Administrador, recomendando atualizações nas políticas e procedimentos do GSA para incorporar as políticas da seção 2 deste pedido e avançar nos objetivos deste pedido. O relatório deve explicar como as alterações recomendadas cumprem esses objetivos. O relatório deve ser apresentado antes de 30 de setembro de 2021.
- (b) recomendar ao Administrador alterações nas políticas do GSA para situações em que a agência participa de uma seleção de projeto de acordo com a Lei de Obras Comemorativas (capítulo 89 do título 40, Código dos Estados Unidos), no cumprimento dos objetivos desta ordem e de forma consistente com a legislação aplicável.

Sec. 6. Ações da agência. (a) O Administrador deve cumprir as políticas estabelecidas na seção 2 deste pedido.

(b) No caso de o Administrador propor a aprovação de um projeto para um novo edifício público federal aplicável que diverge da arquitetura preferida estabelecida na subseção 2 (a) deste pedido, incluindo arquitetura Brutalista ou Desconstrutivista ou qualquer projeto derivado ou relacionado para esses tipos de arquitetura, o Administrador deve notificar o Presidente por meio do Assistente do Presidente para Política Doméstica pelo menos 30 dias antes, para que o GSA possa rejeitar tal projeto, sem incorrer em despesas substanciais. Tal notificação deve estabelecer as razões que o Administrador propõe para aprovar tal projeto, incluindo:

- (i) uma explicação detalhada do motivo pelo qual o Administrador acredita que a seleção de tal projeto é justificada, com foco particular em se tal projeto é bonito e reflete a dignidade, iniciativa, vigor e estabilidade do sistema americano de autogoverno como projetos alternativos de custo comparável usando arquitetura preferida;
- (ii) o custo total esperado de adoção do projeto proposto, incluindo custos estimados de manutenção e substituição ao longo de seu ciclo de vida esperado;
- (iii) uma descrição dos projetos usando arquitetura preferencial seriamente considerada para tal projeto e o custo total esperado de adoção de tais projetos, incluindo manutenção estimada e custos de substituição ao longo de seus ciclos de vida esperados.

Sec. 7. Disposições gerais. (a) Nada neste pedido deve ser interpretado de forma a prejudicar ou afetar de outra forma:

- (i) a autoridade concedida por lei a departamentos e agências executivas, e seus respectivos diretores;
- (ii) as funções do Diretor do Escritório de Gestão e Orçamento, relativas a propostas orçamentárias, administrativas ou legislativas.
- (b) Esta ordem deve ser implementada de acordo com a lei, aplicável e sujeita à disponibilidade de dotações.
- (c) Este pedido não se destina a, e não cria, qualquer direito ou benefício, substantivo ou processual, executável por lei ou em equidade por qualquer parte contra os Estados Unidos, seus departamentos, agências ou entidades, seus diretores, funcionários, ou agentes, ou qualquer outra pessoa.

DONALD J. TRUMP

A CASA BRANCA,
18 de dezembro de 2020.

ENTREVISTA

MARIANO, Ricardo. Existe imaginação no Neopentecostalismo? [Entrevista concedida a] Lahayda Dreger. Para: O COMPLEXO DO TEMPLO DE SALOMÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DEUS: cenografia, materiais e montagens. Uma fantasia política da arquitetura. São Paulo, janeiro de 2021.

Ricardo Mariano é doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Sociologia da USP e pesquisador do CNPq. Realiza pesquisas na área de sociologia da religião, focando especialmente o movimento pentecostal no Brasil. Entre outras temáticas, pesquisou a corrente neopentecostal, sobre a qual publicou o livro Neopen-tecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil (Edições Loyola), o crescimento pentecostal, a reação dos evangélicos ao Novo Código Civil, a demonização pentecostal dos cultos afro-brasileiros, a Teologia da Prosperidade, o ativismo político-partidário e eleitoral evangélico, a participação de católicos e evangélicos nas eleições presidenciais de 2010 e 2014, a concordata católica, a Lei Geral das Religiões, as teorias sociológicas da secularização, da laicidade e do secularismo do Estado, religião e direitos humanos no Congresso Nacional.

L.D: Antes de criar a IURD, e mesmo antes de ir a primeira igreja evangélica, levado pela sua irmã, Edir Macedo frequentava a Umbanda. O sincretismo da IURD está próximo às práticas dessa religião, ligada ao exercício místico de santos, giras ou de incorporação de espíritos. A Neopentecostal fazer questão de tirar espíritos do mal, tirar encosto, fazer exorcismos, você acredita que pode ter alguma relação com o fato do Edir Macedo ter praticado Umbanda? Ou é apenas uma estratégia para conseguir abraçar o maior número de fiéis (população afro-brasileira) e crenças possíveis através do sincretismo?
E ainda nesta chave carismática da IURD, esses descarregos e exorcismos, podemos dizer se tratar da tentativa de uma produção imaginativa, fantasiosa e mítica feita pela Igreja Universal? Digo isso porque eles seduzem com o Templo de Salomão que é místico, eu diria até que fantasioso, ou quando vemos aqueles programas na TV que são quase sempre muito emocionados e os cultos, é tudo muito intenso. Eu sinto que há quase uma performance.

R.M.: Vamos por partes, assim, o Edir Macedo de fato na juventude, eu não lembro exatamente em que período da vida dele, mas quando ele era bastante jovem, passou pela Umbanda, eu creio que essa é uma das razões pelas quais a Igreja Universal pratica desde o início esse tipo de combate ao diabo e aos demônios. Ocorre a identificação do diabo e dos demônios com as outras religiões também em particular com o espiritismo, inclusive kardecista, mas mais ainda com a umbanda e o candomblé e um pouco com o motivo principal é o fato do Edir Macedo ter passado pela Umbanda.

Outra razão é que o Edir Macedo avaliava equivocadamente, isso há décadas atrás, que os cultos dessas matrizes africanas e os afro-brasileiros que somavam pelo menos 100 milhões, estavam vinculados, que se não eram membros eram ao menos clientelas de pais e mães-de-santo no Brasil. Bom, uma ideia equivocada, essa comunidade representa apenas 0,3 por cento dos brasileiros então, fazer sua igreja crescer evangelizando e recrutando pessoas, seja no candomblé ou umbanda, não é o melhor caminho, porque representam um grupo muito pequeno, a igreja Universal é bem maior que o conjunto total de afro-brasileiros no Brasil.

A questão da dramaticidade do ritual, dos cultos, inclusive dos programas de TV da Universal em que ela está evangelizando, isso tem ligação direta, a meu ver, com um determinado estilo Pentecostal de ser digamos, muito emocionalista, ele é muito menos cerebral, menos intelectualizado, o foco está na mobilização das emoções no caso da Igreja universal em particular se soma esse estilo com forte ênfase emocional dos cultos e da atuação pública dos pastores; a ênfase que a instituição dá na luta cósmica entre Deus e o diabo, entre as forças angelicais que estão ao lado de Deus e o próprio Deus, o Diabo, e seus demônios. Todos Nós seres humanos, digo o conjunto da humanidade participa dessa luta cósmica uma parte da humanidade está ao lado de Deus e outra parte da humanidade está do lado do diabo e seus demônios. Quer tenha conhecimento disso ou não, todos nós, você e eu inclusive, fazemos parte dessa guerra cósmica entre Deus e o Diabo, o que Deus quer com essa guerra? Recrutar mais pessoas para e o seu povo escolhido. Para salvar seu povo, suas igrejas, seus pastores.

E as pessoas que não aceitam a mensagem de salvação, quero dizer, você já foi exposta várias vezes, assistindo programas de TV da igreja, indo aos templos, elas estão do lado do Diabo, ou seja, fazendo o quê: evitando a Deus e levando a sua vida mundana, longe de Deus e agindo como uma pessoa mundana, ou seja, que não segue os preceitos bíblicos, a sua moralidade e os mandamentos divinos que são intermediados aqui na terra pelos Pastores e Bispos. Então, essa ênfase emocional, casada com a ênfase nessa guerra espiritual que pervade e contamina tudo e todos, qualquer coisa que você faça pode ser interpretada por esses religiosos como sendo de Deus ou do Diabo, dicotomia radical de bem e mal, essa guerra de tudo e todos conferem uma dramaticidade muito grande, e também a urgência da pregação salvacionista, urgência da pregação que promete bênçãos divinas abundantes, bênçãos divinas para livrar as pessoas do mal, livrar as pessoas do mundo, livrar as pessoas da danação eterna, livrar as pessoas do pecado, livrar as pessoas do sofrimento, livrar as pessoas da pobreza, dos problemas conjugais, problemas de saúde, dos problemas financeiros, problemas profissionais, então Deus, segundo os pastores ele abençoa os seus leais servos, seus seguidores e essa mensagem de salvação da Igreja universal, uma salvação que desrespeito ao plano celestial, que seremos salvos em algum momento salvos no plano Celestial, mas podemos ser salvos aqui agora nessa vida neste mundo ser felizes prósperos, saudáveis e vitoriosos.

Uma Vida Vitoriosa é a mensagem principal da Teologia da prosperidade, mas para você ser vitorioso, você precisa vencer o diabo e seus demônios o tempo todo.

L.D: O senhor acredita que essa dicotomia colocada pela IURD entre bem e mal, Deus e Diabo pode ter alguma interferência concreta no radicalismo político brasileiro atual?

R.M: Sim. Mas a igreja universal não é uma das mais radicais. Se você for ver representante políticos evangélicos mais radicais são os da Assembleia de Deus e da Igreja Batista, se você for conversar vai ver isso, mas a igreja universal tem uma propensão bastante pragmática, ou seja, ela quer ser governo, quer usufruir, acessar os recursos públicos, secretarias e verbas, quer espaço no poder. Os seus representantes políticos dos Republicanos se dispõem a participar do governo do PSDB, PT, PSL do DEM, de quem estiver no poder. É isso que ela tem feito nos últimos quinze anos.

Então, agora participa do governo Bolsonaro não é uma questão tão ideológica é mais pragmática. Essa radicalização polarizada entre bem e mal é um elemento-chave da polarização política evangélica, mas está em todo o contexto político, interpretar os partidos de esquerda como sendo seus adversários os inimigos agentes do mal, como inimigos do Evangelho, mas essas terminologias servem para todos os governos seja quem for. Isso fica muito claro no projeto político da organização. Qual que é horizonte da Igreja Universal? Sempre foi a igreja católica, a IURD quer ser uma igreja tão poderosa quanto a Igreja Católica no mundo.

O interesse dela não está localizado exclusivamente aqui no Brasil, ela está em mais de cem países, a presença dela é grande na América Latina, na África, nos Estados Unidos. Se no século XIX e nas primeiras décadas do século XX esse evangelismo vinha do Norte para o sul, há várias décadas que ele é só levar do Sul para o Norte, os países africanos e os países latino-americanos que levam e criam igrejas o tempo todo. Igrejas que basicamente atendem pessoas da diáspora africana, diáspora latino-americana, etc.

A igreja atende imigrantes com trabalhos precários, de baixa renda, baixa qualidade, funciona como uma rede protetora muito mais do que qualquer outra coisa, também é um meio de compartilhamento da sua identidade cultural pela mesma língua original.

L.D: Professor temos dados muito contra intuitivos no IBGE, em 2000 eles (fiéis da igreja universal do reino de deus) eram 2,1 milhões e em 2010 esse número caiu para 1,8 milhões de evangélicos no Brasil. Tivemos uma queda e não crescimento nessa década. Entretanto, por mais que tenha ocorrido essa diminuição, me parece que ocorreu um ganho de visibilidade e representatividade; não só no senado com a frente parlamentar, como também na criação da Abrep, nas pautas midiáticas positivas, enfim, eles estão mais presentes hoje na sociedade brasileira do que antes, ainda que os números mostrem a sua diminuição. Como isso se explica?

R.M: Bom, não dá para afirmar categoricamente que em 2010 a IURD perdeu membros em relação 2000. A pergunta do IBGE é única: “qual é a sua religião?” todos os evangélicos dizem: eu sou evangélico, eles entram na categoria chamada evangélicos não determinados, sabe como foi o tamanho dessa categoria no Censo 2010? Chegou a 9,8 milhões de brasileiros.

Várias igrejas evangélicas tiveram uma queda em números absolutos em 2010, mas eu acho isso (diminuição de fiéis) pouco provável, sobre tudo na igreja universal. Com o número de evangélicos não determinados a quase dez milhões de brasileiros, eles podem ser evangélico da Assembleia de Deus, igreja Batista, da Congregação cristã, Deus é Amor, mas agora é muito difícil de saber o tamanho. Eu tomaria cuidado com esses números, se o censo tivesse uma segunda pergunta, seria mais efetivo, agora uma base comparativa a partir de uma única pergunta...

Inclusive, existem pastores que dizem que eles não têm religião, que religião é uma coisa fake, religião é coisa inventada pelo ser humano, que ele segue é diretamente a Deus, não segue uma religião, ele não tem uma religião. Para esses pastores religião é uma noção que envolve algo criado pelo ser humano, portanto, que não vem de Deus. Muitos deles rejeitam a noção de que eles fazem parte de uma religião, quem faz parte de uma religião são os católicos, os espiritas, são outros grupos. Muitos evangélicos, eu não saberia dizer quantos ou qual a proporção, rejeita essa categoria religião, como identificá-los então quando a pergunta é: qual sua religião? Eles acreditam que não tem religião, apenas seguem a palavra de Deus.

A pergunta do Censo tem vários problemas, a pergunta qual a sua religião e não: qual a sua igreja? No caso da Igreja Católica, você tem um único problema: tem uma Igreja Católica Apostólica Romana e você tem uma igreja católica no Brasil, a igreja católica brasileira tem não sei ao certo, uns dois milhões de brasileiros o único risco quando alguém pergunta qual é a sua religião. O católico é católico, e tem duas opções. No caso dos Evangélicos você tem centenas e centenas de igrejas diferentes. Evangélicos entra em uma categoria perdida. Falta uma pergunta adicional no Censo para gente ter clareza de uma pertença denominacional, e se de fato esse contingente de evangélicos não pertence à igreja alguma. Então, só para fazer uma crítica ao IBGE, e ao censo em relação à existência dessa única pergunta, porque ela gera um problema aos pesquisadores, essa categoria de evangélicos não determinados que de 2000 para 2010 passou de um milhão para 10 milhões, você vê que tem um problema.

Sobre a visibilidade da igreja evangélica, aumentou concordo contigo, o Templo de Salomão, o PRB, depois os republicanos, são pontuais quanto a isso. Existe uma sinergia muito grande como o governo Bolsonaro e com essa direita religiosa que tá aí! A IURD é uma igreja que ganhou espaço próprio, a eleição do Crivela no Rio de Janeiro em 2016, o crescimento da bancada do PRB, são fatores que comprovam o crescimento dos Evangélicos. Demograficamente (sobre a IURD) estamos perdidos, quanto ao aumento ou espalhamento, já não foi feito o censo em 2020, com essa limitação do Censo (pergunta única), não temos como falar taxativamente sobre o número real de nada.

L.D: Queria voltar para algo que falamos lá no começo, na primeira pergunta, sobre a produção televisiva da Universal. Essa produção não é unicamente voltada para seus fiéis, ocorre a elaboração de vários outros programas, como jornalismo, entretenimento, reality show, etc., por outro lado, existe um público de fiéis que é mantido com produções religiosas mais elaboradas da emissora como novelas e séries, não? Acredito que essas produções têm uma construção estética bem específica, enquanto as outras produções paralelas são meio pragmáticas para ganho de dinheiro e subsidio institucional para manter uma rede aberta de televisão.

Queria tocar em outro ponto, depois dessa pesquisa cheguei a conclusão de que IURD é anti sistêmica, quando vai em oposição a Globo, que é a maior rede formadora de opinião do país a anos, quando faz oposição a igreja católica que é majoritária, ou mesmo quanto a igreja carrega esse discurso que você mencionou: “eu não tenho uma religião, eu sigo a deus” isso me parece muito próximo a “eu não sou político eu sou gestor”. Essa articulação antissistema era uma retórica da esquerda, que partia de uma crítica social, e que agora parece estar vindo com a fala de um público mais conservador. Então, se os conservadores são antissistema, porque o sistema não funciona, então eles são anti-política, são anti-religião, isso não cria uma certa confusão? Eles são os conservadores anti sistêmicos e rebeldes, não gostam das regras, ou isso é apenas performático? Ao negarem esse lugar tradicional não parece reafirma-lo de modo mais incisivo? Me vem sempre essa confusão, uma imagem anti sistêmica com valores ultra conservadores.

R.M: Eu não posso falar de modo teoricamente balizado sobre estética, o que eu sei é que o movimento neopentecostal da IURD segue uma tradição e uma tradução evangelical norte-americana. No século XIX os Estados Unidos fizeram o casamento da cultura popular com o evangelismo. Na América Latina os pentecostais estão dentro dessa corrente de um “novo nascimento”. Na Bíblia que é a palavra de Deus, inspirada por Deus, que é a verdade e que tem tudo que você precisa saber é importante para o evangelismo o papel de evangelizar a tudo e a todos, e um determinado comportamento moral mais ou menos o sectário e a parte do mundo, algo que foi sendo quebrado. Mas certamente, um fator essencial ao crescimento desse pentecostalismo foi o cruzamento lá nos Estados Unidos com a cultura popular.

O pastor Pentecostal seja da Universal, seja do reino de Deus, ou qualquer outra igreja não fica preparando o sermão, não fica lento tratado teológicos, não tem uma grande formação intelectual teológica, nem seminários e faculdade, ele (pastor) fala de coisas do dia-a-dia, coisas banais do dia-a-dia, tem uma estrutura, claro! O culto tem uma organização formal, mas não tem mais essa dimensão intelectual, passa longe e daí e o pastor traz uma série de coisas que estão ocorrendo nos dias de hoje, tem muita piada, conta causos, para levar a plateia a um lugar determinado, aonde ele quer levar: para o dízimo, para não abandonar a igreja, para que não se desista, para que os fiéis continuem se esforçando para seguir o reino de Deus, para conseguir prosperar, para conseguir se dar bem, para ser um melhor Cristão, um melhor marido, para ser melhor profissional, então essa ideia do auto aprimoramento é algo muito forte e isso está diretamente ligado ao cumprimento da vontade de Deus; a seguir corretamente aquilo que se prega. Isso tudo é ligado a cultura popular, o Gospel hoje em dia muito forte, é popular e importante.

Tem na igreja do cunhado do Edir Macedo, o RR Soares, eles (Bispo Edir Macedo e RR Soares) têm a Rit¹, assinatura de televisão norte-americana, produtora de música, literatura e sobretudo de séries, filmes, novelas, teatro além dos produtos bíblicos evidentemente. Se você for a uma orquestra brasileira verá que estão lotadas de evangélicos, porque boa parte desses músicos aprenderam a tocar um instrumento no seu culto na Congregação Cristã no Brasil, igreja pentecostal mais antiga do Brasil que surgiu 1910 aqui em São Paulo, ela forma muitos músicos, muitos deles acabam se profissionalizando, agora assim, a cultura popular, isso é mais complexo, porque o carnaval é a cultura popular, mas o carnaval é do diabo, ele diviniza a carne, ele é um problema.

Mas eles desfilam no carnaval? Eles desfilam no carnaval!

Fazem evangelismo no carnaval, saem com seus grupos para fazer proselitismo.

Claro, não podem beber, não podem usar roupas sensuais, mas vão dar testemunho cristão, mesmo no carnaval.

Esse vínculo com a cultura popular é cada vez mais alimentado, aliás, ainda que a nossa cultura popular tenha muitas marcas católicas, nossas principais festas, nosso calendário, com exceção do carnaval nossos principais feriados são católicos, as principais festas são católicas no Brasil, sobre tudo na região norte. Então, com exceção das festas católicas e o carnaval, eles (pentecostais) vão-se amoldando. Esse domínio das tecnologias midiáticas, tem um monte de humoristas evangélicos, você tem cantores, bandas, apresentador de programas de rádio, TV, e o tempo todo depois vê sair como candidato a vereador, deputado federal. Eles estão fazendo cada vez mais parte dessa cultura popular e se aproveitando também para levar sua mensagem. Inclusive ‘shows’ ‘gospel’ é um desses carros chefes, ‘show’ ‘gospel’ tem direito a receber recursos públicos, porque alguns anos atrás o deputado federal evangélico conseguiu aprovar uma lei que dá esse direito. Agora o estado dar recursos a uma banda ‘gospel’ não atenta mais a laicidade do estado, ainda que essa banda esteja fazendo proselitismo. Marca dessa apropriação a tecnologia midiática e instrumentalização da cultura popular a serviço da cultura religiosa ou de traços e aspectos dela, tem um elemento-chave que é a oferta sistemática de soluções mais poderosas e efetivas para os problemas que as pessoas têm.

Eles prometem uma solução, já a igreja católica não, o padre te manda para um setor de assistência social, sugere uma solução secular para o problema, pode até aconselhar e rezar, mas de modo geral, frequentemente ou muitas vezes a solução oferecida pelo padre é falar para ir ao médico, um pastor Pentecostal jamais faria isso, a primeira solução oferecida pelo pastor Pentecostal é uma solução mágico-religiosa. Deus pode tudo, é uma questão de fé, é uma questão de compromisso do fiel. Então esse tipo de promessa evidentemente também é a marca da Igreja Universal, e ela faz isso modo sistemático e metódico, os cultos são especializados na resolução de um determinado tipo de problema.

As mulheres têm um papel enorme elas que convertem os filhos, o marido, o vizinho a vizinha, os colegas, são elas que fazem esse link e os fiéis também são responsáveis por essa ligação com essa cultura popular.

L.D: A IURD tem um exército muito grande de Pastores, é possível alguma informação sobre o ganho material deles como uma base salarial? Por que são dados tão sigilosos?

R.M: É o seguinte, varia muito de igreja para igreja, o pastor que está vinculado a uma igreja de classe média e média alta ele vai ter uma renda melhor, tipo a Igreja Batista Presbiteriana a Igreja Metodista Congregacional, se o pastor estiver vinculado a uma igreja de Periferia com público reduzido e pobre ele vai ter uma renda equivalente. Como jogador de futebol você tem aqueles que têm milhões, entretanto, esses são meia dúzia, e você tem lá 95% que estão ganhando aparentemente um salário mínimo.

Claro, se você é um bispo você ganha melhor, mas tem pastores que não são titulares, então não recebem, se você é pastor de uma igreja grande você ganha mais, mas assim, essas informações são extremamente sigilosas. O pastor deve obter metas religiosas, ele precisa bater essas metas, quem bate essas metas e as amplia tende a ser promovido, vai fazer trabalho no exterior, se torna Bispo muito rapidamente, mas tem os que continuaram na periferia,

L.D: Estamos em um momento político e cultural muito nebuloso, sem conseguir firmar nada, então nessa última pergunta, eu queria ouvir mais a sua opinião diagnóstica sobre: O Rio tem a primeira organização armada de base fundamentalista Cristã, o complexo de Israel, que não é assinado por nenhuma a igreja evangélica, no entanto, membros do grupo associaram à prática do crime organizado a uma crença religiosa. E Pela primeira vez vemos uma organização criminosa que levanta a bandeira de ser Cristã Evangélica, o que me chama a atenção é o nome: complexo de Israel. Essa ligação entre os Pentecostais e judaísmo, o que você acha desse movimento?

R.M: O sionismo evangélico é algo muito forte nos Estados Unidos e tem se espalhado no Brasil também, que incorporam elementos judaicos, o Templo de Salomão é o ápice disso. Eu a rigor não tenho nada a dizer sobre o complexo de Israel, li uma matéria esses dias, mas nem me recordo do conteúdo.

Já a questão dos traficantes evangélicos, essa é mais antiga, esse movimento já tem cerca de vinte anos. Toda igreja que está na periferia precisa estabelecer relações, você precisa recrutar, converter. E é o que a IURD faz, a instituição vai até presídios, tem clínicas terapêuticas, trabalho com moradores de rua e quanto aos traficantes, parte desses traficantes são filhos dessas mães evangélicas e frequentaram a igreja na infância. Agora assim, foram para o mundo do crime por isso não podem mais pertencer à igreja, nenhuma igreja endossaria isso, pois isso vai de encontro aos seus códigos comuns e compactuados. O que é curioso é nomear a facção com elementos próprios da religião, isso é bem curioso, para falar o mínimo, mas eu realmente não tenho o que dizer.

Eles (traficantes) sabem que não podem se legitimar, não tem essa autoridade e não serão endossados pela igreja apenas por usar seus símbolos. Existem vários movimentos evangélicos que são LGBT, movimentos direitos humanos, que não tem legitimidade, tem no meio acadêmico, lá com o Caetano Veloso, mas na igreja eles não têm legitimidade, o que dizer então do crime organizado. Agora, porque deles usarem esses símbolos eu não saberia inferir.[]

¹Rede Internacional de Televisão (mais conhecida pela sua sigla RIT) é uma rede de televisão brasileira sediada em São Paulo, capital do estado homônimo. Pertence à Fundação Internacional de Comunicação, grupo midiático da Igreja Internacional da Graça de Deus, liderada pelo missionário R. R. Soares.[1] Sua programação consiste em programas de entretenimento e jornalismo para todos os públicos, além de boa parte focada em programas religiosos da IIGD.

ENTREVISTA

ARAÚJO, Rogério. - Quem assina o projeto do Complexo do Templo de Salomão da IURD? [Entrevista concedida a] Lahayda Dreger. Para: **O COMPLEXO DO TEMPLO DE SALOMÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DEUS: cenografia, materiais e montagens. Uma fantasia política da arquitetura.** São Paulo, Janeiro de 2021

Rogério Araújo é arquiteto e urbanista formado pela UFRJ, em 1993, com Pós-Graduação em gerenciamento de projetos. Trabalhou em projetos de grande porte na Promon engenharia. Iniciou seu trabalho como arquiteto na Igreja Universal do Reino de Deus no ano de 1999, tornando-se rapidamente chefe de organização de projetos e gerenciamento dos projetos da Igreja Universal do Reino de Deus, encerrando sua trajetória na instituição depois de dezesseis anos. Arquiteto que assina o projeto do Complexo do Templo de Salomão.

R.A: Faz muito tempo que eu não estou mais trabalhando lá, mas trabalhei dezesseis anos na Igreja Universal, posso te contar mais ou menos como é a estrutura. Pode ser que tenha alguma coisa que eu não lembre de cabeça, aí eu posso buscar dados e te falar. Antes eu queria saber onde você procurou as informações, com que pessoas lá dentro? Com quem você falou? Para entender, porque assim eu ainda tenho contato com algumas pessoas, mas queria saber como você chegou até a mim.

L.D: Quem me passou seu contato foi o Ronaldo Nunes, da Construcap¹. Como eu havia comentado antes nas mensagens, parte do meu trabalho é sobre os materiais construtivos utilizados no complexo do templo de Salomão, então eu entrei em contato com a construtora para confirmar o uso de algum dos materiais e consegui seu contato a partir daí.

R.A: Ok, entendi. Não sei se ele te explicou, mas nos dois acabamos ficando muito próximos até por conta desse processo da construção do projeto (Complexo do Templo de Salomão), não sei ao certo o que ele falou, mas ficamos durante quatro anos imersos nesse projeto e depois em contato com equipe toda para obra, e foi muito legal, porque participamos desde a primeira estaca gravada no terreno. Bom, tinha o projeto, mas criamos alguns mecanismos para ajudar no processo de detalhes que precisariam ser esclarecida então, foi um aprendizado grande e o Ronaldo tinha a equipe dele que tinham também outras arquitetas, havia essa interação e havia engenheiros para cada especialidade. Ficamos praticamente quatro anos diretos trabalhando lá.

L.D: Você poderia começar falando um pouquinho sobre a sua formação?

R.A: Vamos lá, eu sou arquiteto urbanista, formado pela UFRJ, na verdade, eu me formei em 1993 e tenho pós-graduação em gerenciamento de projetos. O que aconteceu foi o seguinte: eu comecei a trabalhar na Igreja Universal mesmo em 1999.

Então, meu currículo anterior é basicamente assim: eu passei pela prova engenharia da Promon aqui em São Paulo e trabalhei em diversos projetos desde a época da Universidade Federal, que eram aqueles projetos da época do Collor, que o povo chamava “Brizolão”.

A Promon não é tão forte quanto antes, mas sempre foi uma empresa tanto aqui (São Paulo) quanto no Rio muito forte. Aprendi muito trabalhando lá, realmente na Promon que eu fiz grandes projetos, mesmo como arquiteto iniciante, por exemplo, a fábrica da Brahma, no Rio de Janeiro, fábrica da Volkswagen, Nextel, então assim foi onde me deu uma base muito grande.

Saindo de lá eu acabei indo para um escritório de arquitetura menor, mas trouxe o contrato da Nextel. Nesse meio tempo eu estava recém-casado, me mudei, e conheci no meu condomínio uma pessoa que trabalhava na prefeitura e tinha um amigo em comum que trabalhava fazendo a parte de legalização para Igreja Universal, aí foi quando em 1999 me fizeram um convite; eu fiz uma entrevista e a partir de então eu comecei a trabalhar, mas assim muito louco o processo lá, porque assim, eu vinha de um processo de uma Promon Engenharia, uma empresa super conceituada e grande, onde tinha todo um projeto de gerenciamento, AutoCAD, logística e de repente me deparei no primeiro dia com mais de dez arquitetos para coordenar. Quando eu fui chamar o arquiteto, porque eu queria falar sobre um projeto, ele me responde: “eu não posso falar sobre isso, porque não é meu esse projeto, não é comigo”.

Então eu falei, mas como pode ser assim? Se uma pessoa não vem, então não dá?!

Nesse primeiro dia eu chamei o coordenador e falei: “cara, assim não dá!” Ele disse, então vamos lá, falar com o Bispo. Chegando no bispo, “o que está acontecendo?” “Olha Bispo, está acontecendo isso, isso e isso”; “Tá! A partir de hoje você é o chefe!”. Isso assim, de repente! Enfim, aí começou.

Na época agente começou a fazer muita reforma pequena, tem a catedral mundial no Rio, não sei se você conhece? É uma catedral muito grande. Foi um concurso na época que o Marcelo Crivella fez. Nós estávamos trabalhando para engenharia e outro escritório ganhou o concurso, efetivamente o projeto era magnífico, mas não era funcional, tinha uma característica muito assim que o arquiteto concebeu, mas ele não conseguiu efetivamente entender o funcionamento característico da igreja, nosso trabalho começou aparecer, nos chamaram para ir até à Catedral mundial para fazer efetivamente, já estava pronta, mas aí nós desenvolvemos todos os projetos internos, para fazer aquilo ali funcionar de acordo com o programa de necessidades da igreja.

A partir daí o trabalho começa aparecer e o Bispo que era meu diretor vem para São Paulo, ele é a cabeça de tudo, foi neste momento que estavam começando a fazer as catedrais, aí que começou a “era das catedrais” daí para frente agente ficou especializado. O trabalho foi crescendo, tomava uma magnitude bem grande, eu acabei sendo convocado para vir para São Paulo e não voltei mais.

Começamos os projetos das catedrais aqui em Santo Paulo e a expansão e para exterior, até que houve a necessidade e agente foi contratando outras pessoas, já tinha a Catedral do Brás; e, nessa altura foi quando o Bispo revelou agente vai construir um Templo Salomão! E aí veio o Bispo: “Rogério, você que a pessoa que já passou por ‘n’ projetos, agente quer que você fique a frente, a princípio iríamos montar a nossa própria equipe, então, foi uma etapa bem interessante, mas lá na frente foi um pouco frustrante, porque assim, nós contratamos a peso de ouro todos esses profissionais, eu tirei muita gente do mercado, montamos uma equipe de mais ou menos 30 profissionais, entre arquitetos e engenheiros, porque o bispo queria que a gente desenvolvesse 100% do projeto, não se passaram 3 meses, a igreja mudou tudo e falou não vamos mais fazer o projeto e eu tive que demitir todo mundo e voltei a ser o arquiteto dos projetos “normais”.

¹ Construtora responsável pelo templo de Salomão

E aí demitimos todo mundo só ficamos com a nossa equipe para tocar os projetos, foi quando eles resolveram retomar. Propomos fazer de outra maneira, até pela experiência anterior. A concepção do projeto, tinha que ser, por exemplo, de autoria minha, mas eu sou funcionário na igreja então, até para que agente não tivesse problema de criação e desenvolvimento seria melhor assim.

Desenvolvemos toda a concepção do projeto aí agente se valeu de chamar os melhores escritórios para desenvolverem os projetos executivos. Por exemplo, agente fez toda parte da concepção e a ideia foi toda da igreja.

Fizemos tudo com os nossos próprios braços, desenvolvemos esse projeto por três anos, e depois efetivamente quando já estava tudo estruturado, a licitação e o próprio Bispo, aí então começa, a escolhida foi a ‘construcap’ por um processo de licitação, grandes construtoras estavam participando do processo, havia uma avaliação técnica de engenheiros, arquitetos e também pessoas da alta direção no jurídico, era um contrato que a princípio foi divulgado na mídia inicial por 480 milhões.

L.D: Acredito que você basicamente já respondeu o que seria a segunda pergunta: “Qual sua relação com a IURD”.

R.A: Eu trabalhei 16 anos na IURD, acabei conhecendo muita coisa bacana, sou muito grato, viajei o mundo inteiro, só para Israel e fui seis vezes, por conta do desejo do Bispo, sobre esse sonho de uma viagem para Israel, ele (o Bispo) sempre falava que, na verdade, o sonho dele era levar todas as pessoas para Israel, mas ele não conseguiria, sendo assim, o que ele queria é que as pessoas tivessem um pouquinho de Israel aqui. Então as pedras, por exemplo, ele queria que as pessoas pudessem toca- las, e que remetesse a algo.

Uma coisa que a gente sempre conversou muito foi essa questão da réplica, muito porquê? Porque as medidas do templo elas estão em relação à Bíblia, porém elas eram em côvado², mas o côvado de que povo? De um homem Hebreu? Egípcios? Para época são tamanhos bem diferentes entre esses povos. E ainda que você chegasse a uma proporção, seria infinitamente menor do que o necessário, a escala não chegaria se quer dar 16 m, uma coisa pequena em relação à necessidade da Igreja Universal, que tinha como expectativa a premissa inicial de que era preciso 10 mil pessoas.

Então, o que eu sempre falei, apesar de na mídia saírem outras coisas, é que ali não seria uma réplica, mas buscaríamos todos os possíveis elementos que pudessem ser remetidos ao Templo, exemplo: as pedras, os dois templos o de Herodes, e o primeiro tempo em si; eles foram feitos com pedras originadas de Hebron, hoje o muro das lamentações nada mais é, que você conseguindo ver as Fundações do Templo, os judeus que ficam ali se lamentando. Chama-se muro das lamentações, porque eles ficam ali se lamentando por perderem para os muçulmanos, a área ali, é onde na cabeça dele vai ser construído o terceiro Templo, onde está a mesquita de Omar. No antigo Templo, você consegue ver as fundações da base nessas pedras, nós fomos comprar as pedras em Hebron para que tivesse esse significado, esse link.

Todo mundo fica “que arquitetura é essa?!” Assim as pessoas não têm noção do quanto de tecnologia tem aplicada lá, por exemplo, essas pedras que são de Hebrom; Jerusalém é conhecida como a cidade do ouro, porque essas pedras que eles chamam de talPipche (de 25x50), esculpida à mão, a cidade inteira é praticamente feita dessa pedra e com as luzes a noite fica tudo dourado, nós queríamos fazer assim, mas com o Templo tinha muita altura, buscamos algum tipo de tecnologia para aplicar, pensando em acústica, conforto térmico, etc. essas peças - eu acredito que assim, eu nunca vi em lugar nenhum, pode ser que tenha alguma coisa por aí, mas eu nunca vi - eu já vi fachada ventilada, mas não utilizando esse material.

Trouxemos uma pedra bruta, que foi cortada aqui no Brasil, nós filetamos e fizeram um sistema em que as pedras ficam todas ‘clipadas’ entre uma parede e a parede mesmo do Templo, um sistema de fachada ventilada com todas essas pedras ‘clipadas’ inclusive as pedras das colunas, que são redondas, é todo um sistema.

L.D: É como se fosse um revestimento então?

R.A: Exatamente. Só que diferente de uma fachada de granito ventilada, que é colocada ‘insert’ onde o granito é parafusado atrás, nos trouxemos a pedra bruta, cortamos, filetamos de um lado e do outro, e para encaixar no perfil foi desenvolvido um sistema especial. Então eu diria que tem uma modernidade na fachada ventilada com o material super rústico, bruto, que foi trabalhado para ser sumo desse sistema.

L.D: Eu li no catálogo a construção ganhou um prêmio, uma categoria de Selo Verde?

R.A: Sim, o prédio da frente do Templo é de piso elevado e não tem rejunte, de maneira que toda água da chuva é captada e tratada, tanto para uso de irrigação dos Jardins, como para os banheiros. Tem o sistema solar também, o pilar de frente para o edifício, do lado direito, é de termo acumulação, um sistema de ar-condicionado de ‘Ice Ball’ para trocar e aproveitar a temperatura, um sistema muito específico, de uma torre inteira, isso é muito comum em Supermercado, geralmente o metálico, fizemos uma capa de concreto para envolver e revestir, assim ninguém sabe, mas há essa tecnologia.

L.D: E por que recriar um deserto, uma arca e ter os guias/sacerdotes fantasiados? Houve alguma inspiração em parques com a temática religiosa tipo Terra Santa em Buenos Aires ou Holly Land em Orlando?

R.A: Não, na verdade, são coisas diferentes para ficar bem claro, o templo a buscou referências, eu te falei - as questões de medidas já “caiu por terra” - Aí gente foi para o revestimento, na bíblia fala para usar pedra, ouro e madeira, se você adentrar o templo – o projeto original da bíblia - lógico que não tinha cadeiras, mas assim sem cadeiras eu não podia, tem uma questão de conforto, não tinha como deixar como o pessoal em pé, mas se você olhar, por exemplo, todo o teto é um ACM imitando madeira e o sistema de LED que dá essa impressão de ser ouro, você olha e você, não ignoramos que antes eram com azeite, trouxemos uma referência de LED, a luz fica tremendo não sei se você já teve a oportunidade de ver, mas a maneira parece ser realmente fogo.

O altar ali representa as tochas sacerdotais que eram às doze tribos, cada pedra daquela representa uma tribo que tem uma cor, foram essas referências que buscamos, por isso que eu sempre falo com esse cuidado para o Bispo Macedo, não era uma réplica. O que nós buscamos foram referências de cada um dos elementos, qual que é a minha ideia? É que a pessoa que adentrasse o tempo e fosse remetida a época de Salomão, porém com tecnologia, então, por mais que você não perceba o ar condicionado você tenha o conforto, mas eles estão internos nas armaduras camuflados para você não ver. Depois foi a questão do Tabernáculo, ele foi feito lá no fundo.

² Côvado: medida de comprimento usada por diversas civilizações antigas. Era baseado no comprimento do antebraço, da ponta do dedo médio até o cotovelo. O côvado era usado regularmente por vários povos antigos, entre eles os babilônios, egípcios e hebreus

L.D: E o Jardim bíblico, ele está desde o projeto original, qual o intuito?

R.A: É, ele está, mas ele veio num segundo momento, assim o Bispo queria fazer... Eu não sei sobre esse parque de Orlando, te confesso, o que eu estive para ir, mas não fui, foi esse da Argentina, mas eu fui em outro parque religioso, em Israel, no do mar morto, na descida para o Mar Morto tem um, que, na verdade, é administrado pelos americanos. O Bispo pediu para a gente ir, e eu fui e vi. Eu falei para o Bispo: “pode ficar tranquilo o que a gente vai fazer aqui é infinitamente melhor”.

Contratei uma empresa de cenografia e nós desenvolvemos todos os materiais ipsis literis que a Bíblia diz. A Bíblia fala da cor de carmim, a pele de texugo, as medidas foram aquilo que eu te expliquei, a mesma coisa dos côvados, mas o Bispo decidiu e definiu qual a etnia – tamanho – ele iria seguir, calculamos 36 cm e multiplicamos, mas ali foi tudo feito em madeira, tecido de linho, eu acho que depois a igreja colou um plástico, mas nós entregamos essa caracterização 100% pensada no projeto bíblico. Se a gente pensa em elementos estruturais e materiais, a iluminação, a arca foram todas desenvolvidas com as peças por um artist³ do Rio de Janeiro. A parte do Tabernáculo, do memorial e das suas peças foram desenvolvidas por artista de Israel.

Então, quando você fala “dessa coisa da Inspiração” isso foi por uma necessidade do bispo, até porque, diferente do templo eu conseguiria mostrar como era exatamente o templo itinerante que eles usaram durante o deserto no caminho deles e as medidas. Depois colocaram sacerdotes para fazer o passeio, colocaram os “bichinhos” e tudo, eu acredito que foi alguma coisa muito mais... vamos dizer... assim... comercial do que projetual, porque aí eles viram a necessidade do sumosacerdote que existia na época.

L.D: Eu ia perguntar exatamente isso, os materiais do Jardim bíblico diferente dos utilizados na construção do edifício são cenográficos, porque essa diferença? Algumas substituições me pareceram ter ocorrido por conta da resistência dos materiais ao ar livre, mas a maioria das substituições não, pelo contrário, são materiais de baixa resistência se comparados aos originais.

R.A: A ideia propriamente do Tabernáculo... que quando você que falta do passeio bíblico lá, está junto o Memorial e as Oliveiras, mas quando a gente fala do Tabernáculo ele foi feito cem por cento fiel aos materiais, tá bom, ok, lá na Bíblia fala que é de pele de texugo, eu não poderia ir para o Chile matar texugo e fazer a cobertura, mas lá a gente desenvolveu uma coisa sintética, que se aproximasse do texugo, o linho e a cor exata.

Eu soube de algumas coisas que fizeram, inclusive o próprio artista que produziu todas aquelas peças em bronze fundido me ligou a dois anos atrás no celular, louco da vida, porque o pessoal pintou e passou ‘colerget’. Eu não sei hoje como está, mas a ideia dos materiais é que fossem fiéis, lógico que é o que eu te expliquei o linho é linho, mas o cabritinho e os plásticos por cima não dava, até porque se cogitou a possibilidade de fazer uma estrutura independente, mas te respondendo, a ideia era que os materiais, pelo menos em resistência, remetesse exatamente aos descritos na Bíblia, então assim ali não tem a ACM, só se botaram depois.

L.D: Hoje as colunas na entrada são em ACM, os Carneiros são de plástico, também tem os bonecos de cera...

R.A: Isso é uma coisa que foi feita depois, porque antes a gente tinha toda estrutura que era em ferro e linho original, aí eu não sei se modificou, mas eu acredito, como eu tive esse retorno do artista que pintaram de “colorget”. Boa parte foi feita posteriormente.

L.D: Ou mesmo na entrada, tem uma série, você disse que falou dos bonecos do parque, lá tem um monte de bonecos de cera, que são também personagens das novelas, séries e filmes com os figurinos originais.

R.A: Na minha época não tinha, isso tudo foi feito depois. Até a entrega do Tabernáculo nem tinha aquela entrada lá, essa coisa do passeio, tudo foi criado depois.

L.D: Realmente chama muita atenção essa diferença material, entre um espaço e outro. A próxima pergunta que eu vou te fazer é se existe alguma razão para que ocorra essa diferença de investimento entre o material do Edifício do templo e o do Jardim bíblico?

R.A. Não tinha. O projeto original, inicial, se você for ver ele não tinha aquela área do fundo, até porque eles não tinham aquele terreno, compraram posteriormente.

Tudo foi entrando posteriormente, eles foram adaptando essas construções, o que eu posso te garantir é que a obra foi entregue com os materiais originais, só que a partir daí vieram as adaptações, eles foram trazendo referências tipo, a portaria, o guarda corpo de latão, aí talvez seja essa mistura ao qual você se refere, e os bonecos também não haviam, nem os sacerdotes que fazem a caminhada, então, a ‘priori’ não existe essa diferença material, nem de custos. Você pode procurar no primeiro projeto, pode dar entrada na prefeitura não existe ainda o Tabernáculo, somente o memorial com o tempo.

L.D: Em Soweto, na África, também foi construído um templo da IURD de proporções monumentais, mas ao contrário do Templo de Salomão não ocorre a elaboração de formas ou símbolos históricos. Eu gostaria de saber se você participou desse projeto e se você sabe porque o uso de uma mesma escala, mas não o de símbolos historiográficos para ambos os projetos (Soweto e Brás).

R.A: Eu não participei desse projeto, quem fez foi o outro arquiteto o Luiz, que trabalha cuidando da parte do exterior, mas lá o que eu posso te falar é um pouquinho o que aconteceu no Rio. Precisavam ter essa referência na África, existe uma expansão muito grande, o arquiteto de lá que desenvolveu tudo, então não haviam essas referências, haviam referencias do território que precisava daquela obra como monumento, se valeram de tecnologia de lá, materiais de lá, formatação, enfim, não teve muito essa preocupação, até porque a gente passou algumas dificuldades nesse sentido, por exemplo, eu participei de um projeto com o Niemeyer, lá no Rio, teríamos uma igreja da Universal e eu tive várias reuniões com ele. O projeto Oscar Niemeyer era magnífico, lindo, mas não tinha nada a ver com a igreja, ele entendia como plasticidade, mas o funcional eu é que tinha que ficar falando, porque ele não entendia o funcionamento. A gente entendia porque a gente estava no dia a dia, e sabe o funcionamento da igreja ‘como um todo’. A mesma coisa a questão templo, o templo, na verdade, tem essa coisa da casca, mas lá dentro existem vários ambientes de acordo com a funcionalidade deles: rádio, apartamento, TV, escolinhas, tudo de acordo com o funcionamento da igreja e essa parte que você tá falando, pode ser um pouco mais comercial e tem a ver com isso.

L.D: Eu vejo também como um trajeto quase de educativo para as pessoas que visitam o edifício entender a história do templo, não?

R.A: O Tour? Ele veio depois, o tabernáculo aconteceu depois, e as outras obras foram adquiridas. É óbvio que assim as pessoas tinham curiosidade e aí eles montaram realmente esse tour de maneira que as pessoas pudessem entender a história, faz todo sentido de começar pelo Tabernáculo que era a igreja itinerante quando estavam deserto, depois conhecer efetivamente o jardim e ao finalmente podem adentrar o templo.

³ Ried Joaz,

Você conhece toda a história? Não sei se teve oportunidade. Mas tem as doze colunas, aí tem as doze tribos, nós buscamos referência para fazer aquelas medalhas. Quando Israel fez não sei quantos anos, lançou uma medalha, uma moeda que tinha às doze tribos, então dali gente tirou a referência da tribo, a gente sabe que a representação pode ser de várias formas, como desenhar um leão de Judá? O trigo? Todos aqueles elementos foram feitos por um artista israelense o Hed, e o tabernáculo o artista brasileiro Joaz.

Isso que eu te expliquei: O templo e o memorial entregamos, depois foi feito só o tabernáculo que estava independente, e depois para fazer essa interligação, entre os dois aí não foi feito projeto, isso são pastores que vão decidindo, vão fazendo o caminho e botando isso, foram trocando, como você falou e eu acredito que seja verdade, porque eu ouvi do pessoal, a história do ‘colorjet’ aí bota o plástico em cima ao invés da pele de texugo, mas na proposta inicial tudo funcionava, era cenográfico, claro, mas tudo referendado exatamente ao que dizia a Bíblia.

Tivemos a preocupação das madeiras recortadas no tamanho certinho, cada peça de luz, agora imagina a lâmpada, é igual que eu te falei, o deserto com lâmpada? Boneco com a peruca caindo? Tudo isso que eu vi, eu não queria, achei horrroso esses bonecos que botaram, isso aí é uma questão de logística deles também explorando comercialmente entendendo eu.

L.D: Então, podemos afirmar ser uma construção cenográfica?

R.A: Sim, mas um exemplo básico que eu estou te dando é, se você buscar na Bíblia existe pele de texugo, se você for lá no Tabernáculo você vai ver um tecido felpudo cinza, é pele de texugo? Não. Parece pele de texugo? Sim. Até porque eu não poderia, não é politicamente correto matar um texugo, então a gente desenvolveu tecido sintético e aprovamos com a direção, parece pele de texugo? Sim. Deve ser pele de texugo? Não. Imagina o pessoal vigilância! Vai vir em cima da gente matando. E mais ou menos dessa maneira que foram feitas várias adaptações. Aí tem as coisas grotescas, eu cheguei a passar depois, vi tipo um painel imenso com foto, vi que fizeram uma miscelânea.

Por exemplo, onde é a bilheteria na entrada não tem nada a ver com arquitetura do todo é só uma misturada. Eu acho que essa questão que eu te falando, questão das referências que eles vão mudando, e meio que se perdeu as referências. Mas se você buscar na inauguração do templo, eu estava lá dentro e depois eu vi o vídeo por fora, toda a fachada mapeada recontando as histórias das colunas sabe? Um efeito muito interessante, esse negócio para aquela época era uma tecnologia anos-luz na frente. Essas organizações parecem se perder por conta da administração que muda, que vai mexendo no projeto. Mas enfim, eu fico super feliz ter participado lá acho que é o Projeto bem interessante.

L.D: A minha tese Rogério é que o Templo incita a fantasia. Na qual as pessoas entram e chegam muitas vezes a se emocionar.

R.A: Sim.

L.D: Acredito que essa seja a própria vontade do Edir Macedo, que as pessoas se sentissem em Israel - o que é dito por ele mesmo - as propagandas do Jardim bíblico tem o ‘slogan’: venha entender e conhecer à terra santa. Na sua opinião, existe essa construção de fantasia e de pertencimento?

R.A: A melhor pessoa para te afirmar isso seria ele (bispo). Eu acho que sim, até porque, querendo ou não, as pessoas vão para ter essa experiência, as pessoas querendo ou não param para ver, entrar, tem curiosidade. Então chegar e falar: “ah! É em um caixotão” tá, mas é a melhor maneira de você contar essa história, eu não estou dizendo que ela está sendo contada da maneira certa ou errada, mas ela está sendo contada.

Acredito que foram muito assertivos quando fizeram esse passeio ainda que seja para ver da maneira deles, a pessoa que entra lá visita não do ponto de vista como você falou profissional, arquiteta que vai estar olhando no detalhe, o material; pensa na pessoa leiga, para entender a história de onde vem aquele povo, como é que ele chega até a construção do templo, como é que o templo foi construído, entendeu? Isso é muito assertivo começam o contar a história do Tabernáculo vem pelo Jardim, passa o memorial e adentram o templo.

L.D: E as referências judaicas, são muito fortes né, foram um pedido?

R.A: Isso é uma coisa da própria igreja, existe realmente essa referência que acaba se permeado por um lado e por outro, mas não houve um pedido, você vai montando um quebra-cabeça. A minha referência era sempre buscar elementos para que eu pudesse transpor para as pessoas essa maior realidade que eu te falei. “Ah! Não tinha cadeira no templo” eu não podia colocar todo mundo em pé, queria que as pessoas pudessem ter a sensação mais próxima possível, mas com conforto.

Então os painéis de madeira a gente ousou um tipo de GRFC um material que estava sendo desenvolvido pelo pessoal da USP, e que era tipo um cimento leve para poder fazer naquela proporção, porque não podia botar um peso tão grande, chegou a se pensar em pedir para vir os blocos esculpidos da China. Nesse projeto temos tecnologia do mundo inteiro, Alemanha, Itália, peças compradas em Antonioni, em Verona na Itália, o Ônix do altar, tecnologia do mundo todo.

L.D: E o caso das Oliveiras que vieram do Chile?

R.A: Elas viriam de Israel, mas acabaram vindo do Chile por logística, de navio não daria, a direção chegou à conclusão que seria muito tempo de viagem, e que elas chegariam muito deterioradas, acharam melhor as próprias daqui. As quatro tamareiras também, se você pensar como estrutura eu tenho dois subsolos; aquelas tamareiras estão flutuando, tem um grande cálculo estrutural, tem um berço apoiando tudo, olha altura daquela tamareira lá. Então assim, as pessoas falam sem saber, mas quando você conversa tem bastante coisa legal entendeu.

A gente sofreu muito, eu sofri muitas críticas, primeiro que assim, como profissional eu tinha que atender o cliente, ponto. Esses arquitetos estrelinhas falando “aí, poxa, faria tudo diferente!” as pessoas têm que entender e até hoje eu trabalho dessa maneira; eu não faço nada que só eu gosto. A função do arquiteto, a nossa função é essa é atender o cliente a demanda deles, então assim, quando na entrevista do SBT para o Cabrini, eu ouvi da parte do Bispo que a obra superou as expectativas dele eu fiquei muito feliz, eu ouvi como dever cumprido, sabe? O que falaram ou falarem vai passar, o que vai ficar lá para a eternidade é a obra. Fiz a minha parte tenho muito orgulho de ter participado desse projeto, enfim bola para frente. []

ENTREVISTA

GIBRAN, Fillipe. A evangelização política no Brasil [Entrevista concedida a] Lahayda Dreger. Para: **O COMPLEXO DO TEMPLO DE SALOMÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DEUS : cenografia, materiais e montagens - uma fantasia política da arquitetura. São Paulo, Junho de 2021**

Fillipe Gibran é natural de Minas Gerais, Belo Horizonte. Pastor evangélico, Advogado e teólogo em nível de formação Superior pelo Centro Universitário Newton Paiva e pela Izabela Hendrix respectivamente. Lider das organizações: O reino em Pessoa; Cristãos contra o facismo , Frente evangélica pelo estado de direito - Movimento Cristão com objetivo de promover a justiça social e a defesa do Estado de direitos.

L.D: Oi Fillipe tudo bom? Você pode contar sobre a sua formação e como ela se deu com os movimentos que hoje você está associado?

F.G: Eu tenho 33 anos, eu me formei em direito, advoguei, sou formado em Filosofia e sempre fiz um estudo continuado, há muitos anos estudo teologia, já fiz alguns curso que a gente chama denominacionais, que ainda não tinha a validação do MEC, recentemente eu resolvi só para ter uma validação acadêmica mesmo. Atualmente eu trabalho com uma questão mais social mesmo, eu vejo como um trabalho hoje, com ativismo, com direitos humanos, tenho esse trabalho eclesialístico, militante eclesialístico pastoral, podemos dizer assim, mas a minha fonte de renda vem de um pequeno restaurante, que eu tenho com um amigo. Eu não advogo mais.

L.D: Fillipe, quando a gente vai procurar as organizações evangélicas por direitos nos achamos você que está associado a três movimentos: O Reino em Pessoa, com pouco mais de seis mil seguidores, que me pareceu serem só mensagens cristãs, sem nenhuma tipo de ativismo, me corrija se eu estiver errada;o Cristãos contra o fascismo, que tem até um manifesto e a Frente de Evangélicos.

Eu queria começar te perguntando como foi que você adentrou nesses movimentos, como foi o interesse ou demanda de participar. Esse movimentos já existiam e você entrou, você criou algum deles?.

F.G: Dá para falar que eu sou praticamente a segunda grande geração de evangélicos, o Brasil passou por um crescimento aí nas décadas de sessenta para setenta, depois nos anos oitenta, para noventa e depois nos anos dois mil. Eu nasci em oitenta e oito. Então eu já sou o fruto dessa geração que já nasceu nesse ambiente evangélico, minha mãe se converteu e eu já nasci em uma casa evangélica, então, o ambiente evangélico sempre foi muito familiar pra mim. E como eu sou homem, e mesmo sendo negro, eu sou lido pela igreja como branco, hoje me leio como negro, mas sendo homem negro de pele clara você descobre os tratamento diferentes na igreja, por uma questão de colorismo.

Ser um homem branco na igreja é uma coisa que rapidamente se você tem o mínimo de uma capacidade de discurso, você rapidamente acende, então muito rápido na minha juventude, com quinze ou catorze anos, eu já estava na liderança de vários grupos de jovens e adolescentes, vamos dizer que o espaço da igreja sempre foi pra mim acessível. E eu cresci rapidamente.

Mas, ao mesmo tempo que eu tinha a influência da minha mãe, havia a influência do meu pai em casa, mais crítico, que veio das humanidades.

Como a igreja foi um ambiente criado pra mim, isso começou a me gerar problemas eu comecei a ter certos conflitos pessoais, eu Fillipe tinha dificuldade de lidar com o ambiente de autoritarismo e conservadorismo. Mas eu era só um jovem dentro da igreja, não tinha ferramentas pra lidar com isso.

Mas com o tempo a gente vai crescendo, entra no ambiente universitário, vai fazendo novas leituras, descobrindo novos universos. Foi então que eu entrei em uma crise existencial absurda, de entender que o movimento que eu pertencia, na verdade, não tinha nada a ver com a espiritualidade e com a fé, muito pelo contrário, ele era um espaço de perseguição de pessoas e de segregação e opressão, e perseguição mesmo com outros grupos, de mulheres contra os negros e de outras confissões religiosas. Aí eu fui procurar outras maneiras de viver a minha espiritualidade de outra maneira. com o tempo eu descobri que a minha experiência de fé é uma coisa, e o ambiente da religiosidade, onde eu estava é outra, e pode ser perigoso.

E a partir disso, talvez com 17 18 anos eu comecei uma caminhada. Pensei: “Não, pera aí eu vou estudar esse negócio, vou conhecer esse negócio, não é possível que Jesus Cristo é isso que estão falando para mim”.

Aí você começa então se deparar com as leituras marginais, você vai descobrindo que, na verdade, não, é uma religião organizada pelos religiosos, e que isso não tem nada a ver com a sua fé, a sua espiritualidade.

Que a espiritualidade não tem absolutamente nada a ver com aquilo que eles estão dizendo, então a partir daí eu passei a ser, a ter uma ideia de como eu lido com isso. Então esses movimentos todos surgem com a minha caminhada.

O Reino em pessoa, como você falou é uma proposta pra gente dialogar com a igreja hegemônica então é uma proposta de dialogar com as pessoas que estão dentro da igreja evangélica, e essas pessoas ainda têm uma precariedade da consciência política muito grande. Então no Reino em pessoa, por mais que a gente faça o nosso recorte político a gente opta por uma linguagem mais palatável pra esse fiel pra essa fiel que está dentro da Igreja.

L.D: Uma Linguagem que atingi o grande público? algo assim?

F.G: Na verdade, não. Não o grande público, a gente tem uma exata dimensão que isso nunca vai acontecer, os religiosos nunca vão deixar de ser religiosos, quando eles descobrirem o que nós estamos fazendo, eles vão nos matar. Porque foi inclusive isso que fizeram com Jesus, por isso, nós não esperamos essa conversa com o grande público, mas há de ser um espaço de alento, de fôlego, pra quem assim como eu, tenha a vivência religiosa como uma caminhada da vida, mas não aguenta mais viver naquela repressão, naquele fundamentalismo absurdo. Pra isso a gente faz o Reino em Pessoa.

Agora, os outros movimentos que são: a frente de evangélicos e depois os cristãos contra o fascismo, foram movimentos que se apresentaram a partir de 2016. Por quê?

Porque em 2016 ocorreu o que muitos chamam impeachment, eu entendo como golpe, chamo de: golpe democrático. Da presidenta Dilma e não tem absolutamente nada a ver com a postura de ser contra ou a favor ao governo, mas uma postura de que a bancada evangélica tomou partido, e a bancada evangélica dizia representar todos os evangélicos e que todos os evangélicos apoiavam esse golpe institucional.

Então a Frente de evangélicos nasce em 2016 a partir disso, para dizer isso:” Não pera aí, não são todos os evangélicos que apoiam esse golpe, a bancada evangélica não representa todos os evangélicos, existem evangélicos que estão contrários a ações da banca evangélica”.

A ideia da frente de evangélicos não é mais um posicionamento ideológico como é, por exemplo, o Reino em Pessoa, que a gente aborda questões teológicas, a ideia da frente evangélica já é um posicionamento político no sentido de dizer que nem todos os evangélicos estão representados no golpe institucional

Foi aí que a Frente nasceu como um movimento nacional, rapidamente teve muita capilaridade, e a frente veio como um grada-chuva, porque depois que o Ariovaldo Ramos, um dos fundadores deste movimento, trouxe a frente de evangélicos, possibilitou vários outros movimentos aparecerem como evangélicos no ambiente da política, um deles inclusive é o Cristão contra o fascismo, mas temos muitos outros, como evangélicas pela igualdade de gênero.

São vários movimentos políticos que nasceram depois desse “grito” podemos dizer assim, depois que a Frente rompeu a bolha. E os Cristãos contra o fascismo, já é um movimento um pouco mais recente e mais abrangente, não só de evangélicos, mas cristãos, que vem da nossa percepção dessa aproximação do fascismo com o Brasil, e a gente então resolveu se posicionar, porque o fascismo vem com uma cara velada da religião cristã. Então a gente vem pra fazer esse grito, um pouco mais recente.

A gente faz uma ideia teológica de conscientização dos evangélicos com o Reino em Pessoa, com uma ideia de uma consciência mais crítica do seu processo religioso, da sua vivência da sua vida e faz um trabalho político e militante no Cristãos contra o fascismos e na frente de evangélicos pelo estado de Direito.

L.D: Entendi. Uma coisa que você citou e que eu também me questiono muito, é como a gente diferencia evangélicos de evangélicos democráticos? Isso não tem muita lógica, não é um conjunto de práticas e ideais que definem um evangélico? Quando você diz que a espiritualidade não tem a ver com isso, a espiritualidade não é a associação desses ideais e crenças com uma prática dos mesmos? Como então pode haver dois tipos dessa mesma coisa? E principalmente, como esse ambiente de espiritualidade se transforma em um ambiente de formação de sujeitos políticos? Mesmo sabendo que existe uma diversidade de igrejas evangélicas como Assembleia de Deus, a Congregação Cristã no Brasil a igreja Batista...e que cada uma delas deve ter uma forma diferente de se relacionar com política ou mesmo não se relacionar. Pela sua experiência onde você vê que existe essa passagem do ambiente espiritual para o político?

No ambiente evangélico hegemônico, dessas instituições aí que você diz, dessas grandes aí, o ator político está relacionado a uma ideia fixada da igreja Brasileira de que é uma ideia da relação com poder. Então, tem uma pesquisa de uma menina, menina não, uma mulher aqui de Belo Horizonte chama Nina Rosa, uma socióloga que faz uma pesquisa mostrando, por exemplo, como que essas religiões crescem e elas lidam com poder e tal.

Então assim, eu te diria assim a cúpula das igrejas brasileiras, por mais que elas sejam muito divergentes, namoram com poder o tempo inteiro. Não é à toa que a gente tá falando aí da maioria das igrejas serem neopentecostais e adotam essa denominação que você já até citou que é: a teologia da prosperidade.

Quando se fala dos “muitos dos evangélicos” e tudo mais, eu nem diria isso, que o Brasil é evangélico, e que é a religião mais negra do Brasil seria a evangélica, eu não diria isso, eu diria serem os neopentecostais.

Que é uma possibilidade teológica dentro desse ambiente evangélico e pra esses caras a demonstração de riqueza é uma demonstração de Deus, então eles estão preocupados com acúmulo, com a riqueza, com a lógica do poder então, é muito comum nesses ambientes, essas igrejas têm um alcance popular muito grande.

Inclusive a sua pesquisa demonstra isso porque eles têm um apelo estético, um apelo arquitetônico que faz justamente essa pessoa acreditar por vários, vamos chamar assim, num termo do Marketing hoje, por vários “gatilhos” mentais que esse discurso é verdadeiro.

Uma pessoa que chega no Templo de Salomão, uma pessoa humilde, pobre, que chega no Templo de Salomão e se depara com a imensidão que é aquele negócio, no Brasil eu nunca vi aquilo, com aquela extensão com aquele tamanho. A Assembleia de Deus que seria a maior do Brasil que fica ali em frente fica parecendo uma miniatura.

Você tem toda uma proposta desse discurso e tem um apelo popular muito grande, tem uma linguagem popular grande, você tá num país um dos maiores, hoje não mais, mas que já esteve entre os sete mais ricos do mundo e entre os cinco mais pobres, você tem uma desigualdade muito grande, um país onde uma pessoa anda de jato e a outra não tem o que comer. Em uma realidade dessa você chega em uma pessoa e diz: que se ela vier pra igreja Deus vai dar uma trabalho pra ela, vai tirar o filho da droga, vai arranjar um emprego pro filho dela, vai fazer o marido parar de beber, parar de bater nela, seja o que for..

E eventualmente essas coisas acontecem, tem uma comprovação social, e você fala isso na linguagem do pobre, aquelas pessoas que são invisíveis, pobres, pretos, faxineiras, porteiros, passam por elas numeras pessoas por dia e ninguém dá nem bom dia, nem boa tarde pra ela, chega anoite, essa pessoa está lá no púlpito em lugar de destaque com o microfone na mão, aquilo ali é um fator de empoderamento que é gigantesco, por uma pessoa que é silenciada durante todo dia. A sociedade vê essa pessoa como um lixo, porque tá numa situação que a sociedade imagina que aquela função é uma função de quem deu errado, é tão desigual o nosso país, que uma faxineira acha que ela foi a que deu errado na vida.

Você pensa meu deus do céu olha o que a gente vive!

Aí de repente essa pessoa tem o microfone na mão e ela fala a partir de Deus, e não só isso, não só fala, ela tem esse poder, ela está no púlpito, ela tem esse poder, ela fala e as pessoas escutam ela, tem um apelo popular muito grande.

Rapidamente essas igrejas costumam ter um público muito grande. Aí você tem alguém apaixonado pelo poder com um público muito grande, vai pegar essas pessoas e dizer: olha nos precisamos fazer vereador, precisamos fazer um deputado, Senador, nós fizemos um presidente do Brasil agora. Então assim, a bancada evangélica hoje é inclusive uma das maiores do nosso congresso nacional, vagarosamente nos estamos engolidos por esse processo, por um processo teocrático.

Falando especificamente da IURD que é a sua pesquisa, se você procurar pela vida do Edir Macedo, você vai encontrar ali, já na década de setenta ele tem uma ideia disso, ele gostaria que em cem anos a igreja Universal fosse maior que a igreja católica, ele fala disso, é uma construção de poder.

Para esses evangélicos hegemônicos que estão sobre essa logica o fenômeno religioso acontece nessa perspectiva, da manipulação do poder, de estar nessas camadas de comando. Por exemplo, Belo Horizonte que é uma cidade extremamente evangelizada, temos igrejas muito grandes, igrejas com dez por cento da população da cidade. Fazem o que com isso? Elegem vereador porque eles mandam.

Só pra fazer um registro, não vamos generalizar os evangélicos essa redação dessa parte, desse grupo de evangélicos, que eu entendo que se vivessem na época de Jesus crucificariam Jesus novamente, porque a perspectiva delas é só sobre o poder.

Agora, para os outros evangélicos, como que funciona a perspectiva política? Na nossa redação não existe teologia sem política, Jesus nasce na periferia do mundo, em um dos lugares mais pobres e mais esquecidos, negro, periférico e como a própria Bíblia vem dizer sem lugar para repousar a cabeça, ou seja, sem teto, então Jesus nasce com essa condição social e isso já é o nascimento de um corpo extremamente político. Então pra nós, fazer as escolhas do nosso dia a dia é diferente desse pessoal hegemônico aí, pra nós já é uma escolha política.

A escolha pela igualdade, pela fraternidade, pelo mundo menos desigual então, a gente pensa política nesse sentido, não por um caminho de poder, mas por um caminho de conseguir possibilitar para aquelas pessoas que não tem voz um acesso à voz. Agora quantos de nós, de pessoas que pensam assim como eu, estão na trajetória política?

Pouquíssimos!

Falar em evangélico progressista na minha cabeça é redundante, se você é evangélico naturalmente você tá querendo mudar as coisas, você nasce de uma reforma, você nasce de uma tentativa de mudar.

Evangélicos progressistas hoje no Brasil é a minoria da minoria, é capaz de ter mais pessoas trans que evangélicos progressistas, porque esses caras ganharam a narrativa.

Dá pra fazer esse recorte, essa separação dos que estão entendem a política como carreira e mantêm a isenção tributaria de templo religioso, que vão lá para sustentar as próprias ONGs das igrejas, que vão para obter benefícios, daqueles que não estão tão ligados no poder, mas que pensam em política como forma de transformação da sociedade.

L.D: Pelo que eu entendi da sua resposta não tem como dissociar religião de política, seja democrática ou conservadoras, essas práticas espirituais não se transformam em política, elas já são por si só políticas, é isso?

F.G: Totalmente. Em absoluto, nada na vida é apolítico, tudo na vida é uma questão política, qualquer coisa que está ligada ao ser humano está ligada a escolha que ele faz e a escolha do ser humano vai automaticamente gerar uma consequência e na vida social toda escolha traz uma consequência e produz um efeito, eu posso estar disposto a esse efeito, ou não. A própria humanidade, você como ser humano reflete em uma escolha política.

Não existe na caminhada humana uma perspectiva apolítica e até essa ideia de fazer uma blindagem de dizer que é uma questão ideológica que não existe política que é um discurso apolítico, já é uma escolha política, Então no meu entendimento não existe nenhuma forma de separar religião de política.

E aí eu te digo o seguinte: Para aquelas pessoas que você tá falando aqui de instituições.e por gentileza eu não tô falando do povo essas pessoas são legítimas e exercem a fé dela do jeito que ela quiser., eu tô falando da cúpula, de quem pensa, esse aí fizeram uma escolha de não entender como Jesus é, e fizeram uma escolha de ganhar com a religião.

Estou falando daquelas pessoas que entenderam de fato a mensagem de Jesus e querem seguir como ele, é impossível você fazer uma caminhada que não seja minimamente de fraternidade, de aceitação do outro, de acolhimento. Porque mesmo que você não tenha nenhuma religião, em qualquer lugar do mundo se te perguntam sobre Jesus você pode não saber nada, mas você sabe: amar o outro como a ti mesmo.

Que isso não é uma coisa de Jesus, mas ele ressuscita, se você não sabe nada de Jesus você vai saber que ele é amar o outro como a ti mesmo e isso já uma escolha absurdamente política, então não tem jeito de pensar na fé ou na religião que não seja política.

L.D: Agora não falando dessa instituições, falando desse povo, falando dessa massa evangélica, eles também tem posicionamentos conservadores e ações autoritárias, não é só a alta cúpula da igreja e seria desonesto dizer que não é uma escolha política consciente desses indivíduos. São sujeitos que agem por vezes com violência, assim como também tem ações positivas, como ir em bairros periféricos e fazer a distribuição de cesta básica, etc.

Vamos falar só de pessoas, sem pensar na cúpula, esses sujeitos comuns tem ações conservadoras e posicionamentos que vão contra os direitos humanos.

Se, ser evangélico é essencialmente a pregação e a ação desses termos de transformação social que você relatou aqui que “guarda-chuva” é esse que une os progressistas e os conservadores como evangélicos? É só uma nomenclatura? São só os hábitos religiosos? O que une esse dois modelos de religiosos, já que esses posicionamentos, segundo você, estão mais que incluídos, são a essência dessa religião? Esses dois modelos de religiosidade que você apresenta aqui são políticas e posicionamentos que se distinguem e mais que isso, divergem, são antagônicos, então como pode ser a mesma religião?.

F.G: Eu não consigo acreditar que o seu João e a Dona Maria, que moram na esquina da minha casa, um tem sessenta o outro sessenta e cinco, ela é faxineira, ele é pedreiro, mal conseguiram ir para escola, um fez até a quarta série e o outro nem sabe ler, mas eles vão para igreja e chegando lá eles são bombardeados de conteúdos, eles viraram negacionistas, eles acham que a Terra é plana, eles não querem vacinar, acham que se colocar um pouquinho do salário mínimo deles Deus vai abençoar mais, eu não consigo entender essas pessoas com a mesma consciência desses que estão à frente do processo das lideranças, eu acho que essas pessoas são exploradas, extorquidas, elas não tem dimensão do que elas estão fazendo, infelizmente. São levadas mais por esse processo.

Veja que nós estamos falando de uma sociedade onde as pessoas são culturalmente levadas a sentar, você senta, escuta o que o pastor falar. É um comportamento aprendido, educacionalmente, desde pequeno na escola aquele que está lá na frente fala tem razão. O nosso modelo educacional é muito assim, o professor fala e ninguém contesta, não é incentivado a contestar e nem pensar diferente disso.

Eu tenho dificuldade de entender como essas pessoas podem realmente ser tão responsabilizadas quando o Edir Macedo. Quando me dizem que os evangélicos são fascistas, eles elegeram esse cara que tá aí eu tenho uma certa dificuldade, porque eu não acredito que o Brasil seja fascista, eu acredito, eu convivo com as pessoas, eu sei o quanto as pessoas são boas. Eu sei que se eu chegar lá agora e falar com elas que eu preciso de ajuda, essas pessoas vão me ajudar.

Não consigo pensar que a grande massa brasileira seja fascista assim, eu consigo pensar assim, que existe um por cento ali entendeu, que sabe e tá lidando com tudo isso. Existe um por cento ali mal-intencionado que se vendeu, tá lidando com os valores do império OK. Essa massa de manobra deve ser responsabilizada pelos seus atos? OK.

Mas eu não consigo colocar no mesmo pacote do seu João e da dona Maria um Valdomiro o pastor do Chapéu de caubói lá, o RR Soares, o Edir Macedo ele quer dominar o pais mesmo, ele tem um projeto de poder.

Sabe não consigo pensar em um projeto de poder da Dona Maria ela só uma pessoa que é explorada pela vida, eu diferencio isso de maneira muito grande.

De fato Lahayda, não é a mesma religião, não é a mesma fé, aquela confissão que eu faço como eu vejo Cristo não é mesma, absolutamente. Durante muito tempo pessoas como eu nem se falavam mais evangélicos, a gente tinha até vergonha de falar que a gente era evangélico, nem dizia mais isso, agora, assim como eu as pessoas do meu movimento trazemos uma questão de se afirmar como evangélicas uma tentativa de ocupar esse nome. É mais ou menos o que acontece com a bandeira do Brasil hoje, se você vê alguém com a bandeira ou a camisa do Brasil você já pensa: a é negacionista, não, não é. Aí aparece um movimento que vai recuperar a bandeira do Brasil. Então é mais ou menos isso, nos estamos ocupando a terminologia evangélica, nos estamos disputando de fato uma narrativa.

nem todas as pessoas que são evangélicas tem de ter essa mesma concepção, tão óbvio que são religiões diferentes. Então obvio são crenças diferentes, são uma religião diferente e por isso fazem políticas diferentes, Se a religião do Edir Macedo é uma política de concentração de riqueza, para ele fica rico e o povo que se ferre. Dele ter articulação política dele ser o que for.... A nossa compreensão não é de como o Fillipe fica rico e sim de como a gente empodera o povo, de como a gente conversa coma e seu João. De chegar e falar olha, saiu uma notícia aí que o PIB tá crescendo, mas o PIB tá crescendo e você não tá comendo melhor por conta disso, o gás não diminuiu, né? o arroz não diminuiu, então do que adianta? se isso só virou commoditie para banqueiro?

Nós precisamos de diálogo. É político? É extremamente político, quando eu tô numa ocupação que eu digo para alguém lá da ocupação que Jesus era alguém sem teto, que não tinha onde morar e que à Terra é de Deus a Terra não é desse cara, então todo mundo pode desfrutar dessa terra isso é um discurso extremamente político.

Mas é extremamente diferente do político Evangélico da bancada evangélica que esta lá inclusive instalando a ordem de despejo, ele tá dizendo que a propriedade privada é de uma pessoa só e vai despejar e vai colocar trezentas famílias na rua. Eu estou dizendo que essas pessoas tem o direito que deve ser respeitado porque a terra de Deus não faz sentido uma propriedade que não cumpre função social não servir para dar abrigo a trezentas famílias

É nítido que são religiões diferentes, são pontos de fazer políticos diferentes, mas nós resolvemos ocupar o nome, porque esses caras querem falar que são evangélicos e que representam todos os evangélicos nós vamos incomodar, lógico que nós somos um grão de areia, mas nós vamos incomodar nós vamos ser “pedra no sapato deles”, nós vamos ser engolidos, mas nós vamos ser engolidos arranhando a garganta deles.

A gente não pode deixar um processo desse, é muito comum na periferia onde eu tenho maior atuação, quando eu chego, eu me apresento como pastor, eu converso com essas pessoas eu falo com elas: Maria, João, José, vocês não estão em pecado, não estão fazendo nada de errado, eles se sentem em pecado, porque o pastor tá lá na igreja tá falando que quem invade à terra dos outros é pecador, que isso é crime, eu tenho que dizer pra eles: Não filho, você está em uma terra que não tinha função social, que só serve para especulação imobiliária, é um direito seu ter um lugar para morar, ter um lugar para dormir, Deus quer que você tenha um lugar para se abrigar da chuva e do frio. Quando eu falo isso pro fiel ele responde falando: “graças a Deus porque eu estava sentindo um peso,achava que eu ia para o inferno”.

Inclusive esse meu discurso fortalece a luta contra essa igreja hegemônica. quando eu digo para ele você não precisa de dar dinheiro para igreja, Deus não vai te abençoar mais ou menos porque tá dando dinheiro para igreja, você pode pegar esse dinheiro investir na sua família que Deus vai te abençoar por isso.

São igrejas diferentes, são religiões diferentes, e por ordem são concepções políticas diferentes, eu costumo brincar, em outra perspectiva, que é a mesma coisa de você pensar que toda pessoa que se converte ao Islã é terrorista, isso é um absurdo! Tem sim, talvez... Eu não sei, talvez nem o terrorista seja terrorista, mas na televisão fala que ele é, e só mostra isso, tá lá uma pessoa que luta pelo seu território, pelo seu povo contra os Estados Unidos, será que é terror só lutar pela sua terra?

Tem uma concepção diferente, mas são só pessoas mais ou menos isso entende?

L.D: Eu te enviei meu trabalho e eu gostaria de saber a sua opinião, principalmente no que se refere e tese, e as conclusões por parte da igreja.

Sobre as conclusões do seu trabalho, eu concordo com tudo, mas eu só consigo ver como utopia, a gente tá num país onde eu acho impossível a tributação da igreja, nem só tributação, mas o registro. O estado não faz isso por ser bonzinho, eu sou tributarista e te digo que onde se lava dinheiro no Brasil é restaurante e igreja, restaurante nem vale mais a pena, mas igreja vale.

Você pode alegar que um fiel chegou e deu uma oferta de cem mil reais no púlpito, e aí?

Inclusive foi com essa alegação ridícula que o Edir Macedo comprou a Rede Record, ele precisava de cinquenta mil dólares e um traficante colombiano se converteu e dou essa quantia e pronto, tá limpo o dinheiro e ele comunica e afirma na nossa cara que ele comprou com o dinheiro do tráfico e tá limpo. Seria maravilhoso a tributação dos templos, nossa, seria. Falar sobre o respeito a diversidade é maravilhoso, mas o sexo segue sendo um tabu na igreja, a possibilidade da não demonização da política? Lindo, mas se você não antagoniza como você vai transformar essas pessoas em massa de manobra?

Se a gente colocar essas ações que você colocou, a gente vai acabar com a religião brasileira, graças a Deus! É uma pena a gente ver que isso não vai acabar, mas o cerne disso, traduzindo tudo isso que você escreveu é a construção da consciência crítica, Quando o individuo tem consciência crítica e passa a pensar por si mesmo, e mesmo sendo religioso como no meu caso, ele entende a religião como uma forma possível de leitura da vida e que existe N formas de leituras da vida.

Talvez o grande problema dos evangélicos e da religião hoje seja o discurso, que não é feito a partir da racionalidade, esses caras trabalham a partir da passionalidade, Foda-se se o Bolsonaro é miliciano, o importante é a passionalidade, o discurso religioso não está no panteão da racionalidade. A razão não é mais a linguagem desse fiel, em um país majoritariamente cristão, então, eu acho que o cerne disso tudo está em desenvolver ferramentas que proporcionem o pensamento critico, porque o pensamento critico vai conseguir frustra essa perspectiva da emoção e da passionalidade e trazer a discussão para racionalidade e aí sim a gente alguma possibilidade. Do contrário, você vai falar com um religioso que a igreja só serve pra lavar dinheiro, ele vai te responder: ““O pastor que se veja com Cristo, aí é um problema do pastor, eu to cumprindo minha parte, eu estou dando o dizimo pra Deus”.

Nós vamos dizer que esse fiel é um tapado? Que ele é um idiota? Não, seria desonesto, ele é o seu gerente de banco, sua professora, se ele consegue fazer uma série de outras coisas com uma racionalidade, por que só no ambiente da religião ele faz isso? Por que você tem médicos formados acreditando nessa ideia de Cloroquina? E eu não acho que eles foram comprados, então por quê?

Porque não é ativação racional que está sendo levada a ele, é a ativação passional. Não adianta, a gente traz pesquisa, então você tem razão, talvez seja aí um problema da esquerda. Pra mim o meio é a linguagem, então. sei lá quando você decide mandar uma carta pro seu marido e não um SMS, isso também é a mensagem, talvez a carta seja mais formal que um mensagem no WhatsApp, então você quer tratar um assunto com mais seriedade.

Isso é uma coisa que a esquerda não percebe, não sei, que a linguagem é importante e que o meio é a linguagem, nós da esquerda continuamos atacando por meio da racionalidade, por isso que a parte inicial do seu trabalho é fundamental, porque você está dizendo sobre manter a questão mística da atuação política, manter os ideias que estão pra além da racionalidade, isso é realmente o ideal.

Sobre o Lula, se você conversa sobre o processo a pessoa não te ouve, mas se você transforma o Lula em um mártir... Por isso eu achei extramente interessante as suas sugestões, desse ponto de vista de manter os fenômenos, porque o ser humano é um sujeito religioso e ter esse emblemas, mesmo que seja na esquerda é fundamental, porque a gente sofre essa questão do cientificismo achando que todas as coisas se respondem através da linguagem da racionalidade e infelizmente no Brasil a nossa sociedade não é cientifista, ela não se baseia na racionalidade, pelo contrário ela é muito passional e pra mim esse pensamento critico é que faz a gente dar esse salto.

“Pera aí, eu tô pensando uma coisa eu tô sentindo uma coisa, mas deixa eu averiguar, deixa eu pesquisar se isso que eu to sentindo é verdade, e muitas vezes a gente vai pesquisar e vê que não”.

É o que a gente deveria pensar sobre tudo né? Acho que essa é a premissa do pensamento científico né, deixa eu duvidar, deixa eu ver.